

BETHANY LOPEZ

Uma pitada de Sal

TRÊS IRMÃS

Livro 1

*A quantidade certa de sal é tudo o
que você precisa para temperar
o seu romance*





BETHANY LOPEZ

Uma
pitada
de Sal

TRÊS IRMÃS

Livro 1



Copyright © 2017 Bethany Lopez
Copyright © 2020 Editora Bezz
Título original: *A Pinch of Salt*
Tradução: Mariana C. Dias
Preparação de Texto: Vânia Nunes
Capa e diagramação: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.
Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Lopez, Bethany
Uma Pitada de Sal (Série Três Irmãos livro 1)/Bethany Lopez; Tradução:
Mariana C. Dias. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora;
2020.

Sobre trademark®: a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.
--

Índice

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)
[Capítulo Trinta e Quatro](#)
[Capítulo Trinta e Cinco](#)
[Capítulo Trinta e Seis](#)
[Capítulo Trinta e Sete](#)
[Capítulo Trinta e Oito](#)
[Capítulo Trinta e Nove](#)
[Capítulo Quarenta](#)
[Capítulo Quarenta e Um](#)
[Capítulo Quarenta e Dois](#)
[Capítulo Quarenta e Três](#)
[Capítulo Quarenta e Quatro](#)
[Epílogo](#)
[Agradecimentos](#)
[Sobre a Autora](#)

Dedicatória

Aos blogueiros incríveis que estão dispostos a darem uma chance aos autores que nunca leram antes. Obrigada pelo apoio!



Prólogo

— AO BUFFET TRÊS IRMÃS — disse minha irmã Tasha, seu rosto radiante ao erguer uma taça de champagne. — Que seja um sucesso estrondoso.

— E que nos faça felizes — completou minha gêmea Dru, quando nossas taças se encontraram num *tim-tim*.

— E que consigamos compartilhar nossos dons com os outros — adicionei, com os olhos cheios de lágrimas vendo os rostos felizes das minhas duas pessoas preferidas no mundo.

— *Salude* — proferimos, e entornamos as belas taças.

Suspirei quando o líquido gelado e cheio de bolhinhas desceu pela garganta. Champagne tinha um gosto de felicidade, como o de uma celebração, e, assim que bebi, *soube* que havíamos tomado a decisão certa em abrir nosso negócio. Mesmo com nossa tia Priscilla nos dizendo que estávamos loucas, ou com o cara, dono do restaurante na esquina, nos encarando toda vez que passávamos em frente... Lá no fundo, eu tinha certeza.

Sempre sonhei com não apenas cozinhar e ganhar a vida com isso, mas em fazer tudo do meu jeito, no meu espaço. E, por acaso, minhas irmãs eram minhas melhores amigas que, também por acaso, tinham o mesmo sonho de serem suas próprias chefes.

— Mamãe estaria tão orgulhosa — disse Tasha, seu sorriso diminuindo um pouco quando se lembrou de nossa mãe.

— Ela teria dito *esqueçam o champagne, isso merece tequila* — comentou Dru, baixinho, fazendo Tasha e eu rirmos.

Em vez de responder, ergui a taça em homenagem à nossa mãe e tomei um gole.

A morte dela foi muito difícil para a gente. Ela sempre foi nossa rocha, nossa ouvinte e nossa protetora. Conversamos com diversos médicos e especialistas, mas, no fim, o melhor que pudemos fazer foi estar presente e deixá-la confortável.

Isso é para você, mamãe. Prometo, farei tudo que for possível para que esse empreendimento funcione e tomarei conta das minhas irmãs, assim como você gostaria que eu fizesse.

Os sinos pendurados na janela compuseram uma bela melodia, mesmo com as janelas fechadas, e eu senti que era a nossa mãe reconhecendo a minha promessa.

— Não acredito que vamos nos mudar para o lugar novo amanhã e *realmente* começarmos — disse Dru, animada. Depois de meses de planejamento e papeladas, era difícil acreditar que nosso sonho estava finalmente se tornando realidade.

— Vamos ficar bastante ocupadas nos próximos meses, então, acho que deveríamos aproveitar um jantar decente e, mais tarde, descansarmos — comentei, soando prática, enquanto minha mente anotava todas as coisas que eu gostaria de fazer na cozinha.

— Isso parece bom, Millie, mas, primeiro, precisamos fazer uma pausa.

— Por quê? — perguntou Dru a Tasha.

— Tequila, claro — respondeu nossa irmã de cabelo muito preto, e eu fui de sonhar acordada em estocar nossa despensa a alguém que esperava não acordar no primeiro dia, como dona de um negócio, com uma forte ressaca.



Capítulo Um

Millie

— CADÊ A DRU? — perguntou Tasha, com a testa franzida e marchando para dentro da minha cozinha.

— Ah, ela disse que verificaria as decorações para o evento dos Wilson — respondi, desenrolando uma massa sobre a mesa enfarinhada. — Por quê? O que houve?

— A Sra. Chapman acabou de me encher o saco, por quarenta e cinco minutos, sobre o chá de bebê da filha — reclamou Tasha. — Dru me prometeu que cuidaria disso. Ela sabe como aquela mulher me deixa louca.

— Onde ela te encurralou? — perguntei, sovando a massa.

— Na saída do banheiro da loja.

— Credo — comentei, rindo.

— Ela bloqueou a pia, e precisei escutá-la se queixar enquanto eu esperava para lavar as mãos. Ela me fez de refém, Mills.

Ri quando vi o olhar de puro horror no rosto da minha irmã mais nova.

— O que mais você precisa fazer hoje à tarde? — perguntei, tentando tirar sua mente da situação do banheiro.

— Vou dar uma passada na gráfica e pegar os nossos cartões de visitas, depois, vou correr para o lugar do evento e garantir que tudo esteja dentro dos conformes para hoje à noite. Consegue tomar conta daqui sozinha?

— Com certeza — respondi, estalando os lábios e jogando um beijo para ela, já que as minhas mãos estavam cobertas de massa.

— Obrigada, querida — disse Tasha, e partiu tão rapidamente quanto chegou.

O Buffet Três Irmãs começou exclusivamente sendo um serviço de buffet, mas, ao longo do ano, adicionamos uma pequena área com mesas e cadeiras, além de um balcão, na parte da frente do lugar. Agora, não apenas oferecíamos um buffet com menu completo para eventos, mas vendíamos café, chá e lanches rápidos.

Nunca planejamos ter uma loja, aconteceu naturalmente.

Eu amava testar novas receitas e cozinhar quando não havia um pedido de buffet, e muita coisa acabava sobrando. No começo, eu simplesmente doava algumas comidas para Tasha e Dru levarem nas visitas aos clientes, depois, isso acabou se transformado em rotina.

Agora, abríamos todas as manhãs, exceto às segundas-feiras, para que pessoas viessem e comprassem um lanchinho.

Dru adorou a chance de decorar a frente e transformou o pequeno espaço para refeições num lugar aconchegante e sofisticado para uma parada durante um intervalo.

Estava colocando o pão no forno para o chá de cozinha à noite quando ouvi o tilintar da porta da frente sendo aberta.

— Já vou — gritei, lavando muito bem as mãos e me livrando do avental sujo.

— Tudo bem — respondeu uma voz masculina.

Dei uma olhada no pequeno espelho pendurado no corredor, garantindo que não havia farinha no meu rosto, então, segui em frente, com um sorriso, para atender o cliente que me esperava.

Cambaleei quando o vi.

Alto e magro, mas com um par interessante de bíceps à mostra sob a camisa, dando para ver que ele estava em forma. Os cabelos castanhos em ondas, um rosto doce, um tanto apavorado e – *por todos os anjos do céu* – óculos.

— Bom dia — consegui dizer, minha voz saindo esbaforida enquanto eu tentava manter uma atitude calorosa, mas profissional.

— Vai ser, se você puder me ajudar — disse ele, esperançoso, entrelaçando as mãos enquanto os olhos se transformavam nos de um gatinho perdido.

Sim, pensei. Posso ajudá-lo com o que precisar, apenas olhe assim para mim todos os dias, pelo resto da minha vida.

— O que posso fazer por você? — perguntei, certa de que minhas bochechas estavam cada vez mais vermelhas.

Então, ele sorriu, e duas covinhas apareceram.

Sério mesmo? Olhei ao redor da loja, procurando por câmeras escondidas. Minhas irmãs só podem estar brincando comigo. Este cara não pode ser real nem ficar ainda mais fofo.

— Sei que está em cima da hora, mas tenho uma emergência. Preciso contratar seu buffet para a festa de aniversário de nove anos da minha filha.

E ali estava... o fim de tudo. O Sr. Covinhas Adoráveis era casado e tinha uma família.

Olhei para a aliança em seu dedo, sufoquei minha decepção e lancei a ele um sorriso triste.

— Sinto muito, não fazemos festas infantis.

Quando o rosto dele desmoronou, eu quis retirar minhas palavras.

— Não temos esse tipo de decoração disponível — continuei, esperando que a recusa pudesse ser suavizada. — Tem uma loja de artigos para festa virando a esquina; tenho certeza de que poderão ajudá-lo.

Ele balançou a cabeça, e eu me inclinei para trás para observá-lo melhor. *Caramba, ele era bem alto.*

— Queria que fosse simples assim. Kayla não quer mais o tipo de festa de aniversário que eu posso dar a ela. Se ainda estivéssemos falando de *Frozen*, eu poderia transformar nossa sala de estar num paraíso invernal. Merda, eu decoraria tudo que fosse possível. — Ele estremeceu. — Sinto muito. — Assumi que ele estivesse se referindo ao xingamento. *E, nossa, não tinha como ele ser ainda mais encantador.*

— O que ela quer? — perguntei, mesmo sabendo que deveria mandá-lo embora e voltar a trabalhar, mas descobri que ainda não queria que ele partisse.

Eu era uma idiota.

— Uma *festa do chá* — respondeu ele, fazendo “festa do chá” parecer um palavrão. — Nunca nem sequer tomei uma *gota de chá*, muito menos poderia fazer uma festa toda disso.

Eu me impedi de rir de seu claro desespero, e perguntei:

— Sua esposa não pode ajudar?

Sua expressão pareceu dolorida, então, ele soltou um suspiro e disse:

— Ela, hm, nos deixou, faz quase um ano. Não tivemos mais notícias dela, portanto... não, estou sozinho nessa.

— Sinto muito — respondi, sentindo-me uma idiota completa por ter feito uma pergunta tão pessoal. Dei um passo para frente, decidida a tocar em seu braço e reconfortá-lo, mas parei quando percebi o que estava fazendo.

Ele dispensou minhas desculpas e se queixou:

— A melhor amiga de Kayla deu uma festa do chá no aniversário, e Ka só conseguiu ficar falando sobre os pequenos sanduíches e sobre os lindos copos. — Ele me olhou, com os olhos arregalados. — Sei como fazer sanduíches do tamanho de uma mão, mas do tamanho de um dedo...

Ele passou uma das mãos pelo cabelo, mais longo em cima e curto nas laterais. Mordi os lábios para me impedir de rir daquela frustração adorável.

— Quando Kayla quer dar essa festa do chá? — perguntei, mesmo sabendo que não teríamos espaço na nossa agenda para um evento de última hora.

— Sábado.

Minha mente começou a trabalhar e pensei em tudo que eu precisaria fazer nos próximos dois dias e no que havia disponível para fazer a festa de aniversário de nove anos daquela garotinha ser mágica.

Fui atrás do balcão e peguei nossa agenda. Folheei-a até encontrar as páginas dos eventos.

— Aqui — indiquei, aproximando-me dele com uma prancheta e uma caneta. — Preencha isso com a data, a hora, o lugar e o orçamento disponível, e verei o que eu posso fazer.

— Sério? — perguntou ele, seu lindo rosto se iluminando, cheio de esperança.

— Sério — respondi, assentindo, então, arfei quando ele me puxou para um abraço apertado.

— Você salvou minha vida — disse ele, mas consegui focar apenas em seus longos braços ao redor do meu corpo e em minha bochecha colada naquele peito quentinho. Ele era deliciosamente firme, tinha um cheiro *incrível*, e pude ouvir o som suave de seu coração batendo. — Um *anjo* — emendou ele, então, me soltou.

Olhei para o rosto sorridente, e meu coração deu incontáveis pulos como um ginasta feliz.

Ah, meu Deus...

Ele preencheu o papel e entregou-o para mim, com um sorriso gentil.

— Vou conversar com minhas irmãs e entrarei em contato — informei, olhando para o papel e, depois, para ele. — Jackson.

— Mal posso esperar, Millie — respondeu Jackson, dando-me uma piscadela. *Ele me deu uma piscadela.* E saiu pela porta.

Fiquei parada ali por um momento, congelada no lugar por aquela piscadela, perguntando-me como ele sabia meu nome. Então, lembrei-me... ele estava costurado na frente do meu dolmã de chef.



Capítulo Dois

Jackson

TÊ-LA ABRAÇADO FOI, PROVAVELMENTE, uma péssima ideia, mas, *caramba*, como foi bom.

Tudo começou de maneira inocente. Eu entrei mesmo no Buffet Três Irmãs com a intenção de implorar, suplicar e pechinchar uma festa para Kayla. Então, ela veio dos fundos... a morena mais sensual que eu vi na vida numa roupa de chef.

E a maneira com que suas curvas se aconchegaram em mim, sua cabeça perfeitamente acomodada logo abaixo do meu queixo... Bem, vamos apenas dizer que meu corpo não reagia a uma mulher assim desde, pois é, desde antes da minha mulher me deixar.

Acabei gaguejando e cambaleando para fora do lugar. Acho até que eu dei uma *piscadela*, pelo amor de Deus.

Que pretensão.

O importante era que ela disse sim, iriam considerar fazer o buffet da festa da Ka. Eu sempre tentei dar a Kayla tudo o que ela precisava desde quando Julie saiu de nossas vidas. Nem sempre conseguia monetariamente, mas ela sabia que era a coisa mais importante da minha vida, e eu realmente queria que esse aniversário fosse especial. Era o primeiro desde o desaparecimento da mãe, e eu precisava provar que poderíamos fazer isso sem ela, que *eu* poderia fazer isso sem ela.

Com ajuda de uma empresa de buffet, claro.

— Atrasado, Jackson? — gritou o diretor Wiggins, quando corri pela porta de entrada do Ensino Médio onde eu trabalhava.

— Sim, sinto muito — gritei de volta, acenando e seguindo para a minha sala de aula. Abri a porta assim que o último sinal soou.

— Pego no flagra — disse um dos alunos, enquanto eu caminhava para minha mesa com um sorriso acanhado.

— Está atrasado, Sr. H — comentou outro estudante.

— Sim, sim — disse eu, rindo. — Acalmem-se.

Pelo fato da minha aula ser de Inglês Avançado, a maioria dos estudantes que eu tinha estava ali porque queria estar, não apenas para preencher uma hora mandatória em seus cronogramas. As aulas começaram há alguns meses, então, eu conhecia muito bem os estudantes, e eles sabiam que tipo de professor eu era. Eu nunca me atrasei antes, portanto, sentiram a necessidade de encher meu saco, mesmo eu sendo compreensivo quando algum deles chegava tarde.

— Seu carro quebrou?

— O alarme não tocou?

— O cachorro comeu seu dever de casa?

Deixei que dissessem tudo que queriam enquanto eu colocava minhas coisas sobre a mesa e pegava meu plano de aula. Assim que fui para o meio da sala, souberam que eu estava pronto, e a petulância bem-humorada teve fim.

— *Hamlet* — comecei, ajeitando de leve os óculos e analisando os rostos na sala. — Ato três, cena um. Vamos discutir.

Foi um daqueles dias em que eu já me sentia exausto na hora do almoço. Estava distraído, pensamentos do aniversário de Kayla e da discussão sobre *Hamlet* naquela manhã zumbiam em minha mente, e não percebi que eu estava prestes a dar de frente com uma das outras professoras até isso acontecer.

— Ah — choramingou Rebecca Webber, e estendi uma mão para equilibrá-la.

— Sinto muito — respondi, afastando-me.

Notei uma leve corada nas bochechas da professora de História quando ela respondeu:

— Sem problemas.

Assenti, depois, passei por ela e entrei na sala dos professores. Segui para a mesa, onde me sentei com outros dois professores da escola. Rob, que

ensinava Álgebra 1, e Tyson, que lecionava Educação Física e Saúde.

Eles estavam ali, conversando sobre o fim de semana, quando me sentei e comecei a pegar os itens do almoço trazido de casa, que era idêntico ao que fiz para minha filha naquela manhã.

— E aí, Jackson? — disse Rob, bebendo o refrigerante que jurara à esposa que havia parado de tomar.

— Atrasei hoje — admiti, abrindo o saquinho que guardava meu sanduíche de manteiga de amendoim e *Nutella*. — Deveriam ter visto a expressão do Wiggins. Não é como se eu estivesse sempre atrasado nem nada assim.

— Eu não me preocuparia com isso — opinou Ty, dispensando minha preocupação, com as mãos. — Parece que ele está irritado com alguma merda na casa dele. Pelo menos, é o que dizem por aí. Não é nada pessoal; ele sabe que você é um dos melhores que temos por aqui.

— Mas por que o Sr. Perfeito se atrasou? — perguntou Rob, sorrindo para que eu soubesse que ele estava apenas brincando.

— Parei naquele serviço de buffet na Main Street, de frente para o *Prime Beef*.

— Esse lugar é incrível — disse Ty. — Sempre reservo uma mesa quando quero impressionar uma dama. Estou falando do *Prime Beef*, não do lugar do buffet. Nunca estive lá.

— Eu sim, servem um café da manhã delicioso — respondeu Rob.

— Enfim, Kayla quer uma festa do chá no aniversário, e já que não tenho a menor ideia de como fazer isso, pensei em falar com elas.

— Uma *festa do chá*? O que diabos se faz numa coisa dessas? — perguntou Rob.

— Não sei, come-se mini sanduíches e bebe-se chá, aparentemente — respondi, então, olhei ao redor para garantir que ninguém estava prestando atenção em nossa conversa antes de falar mais baixo. — A mulher que trabalha lá é a mais gostosa que já vi.

Isso despertou o interesse deles, os dois chegaram mais perto.

— Como ela é? — perguntou Ty.

— Tem um metro e sessenta e pouco, curvas perfeitas, lábios volumosos e olhos de anjo.

— Cabelo? — perguntou Rob, fazendo com que Ty e eu lançássemos o mesmo olhar para ele. — O que foi, vocês sabem que sou um homem que gosta de cabelos.

Eu dei de ombros.

— É escuro e longo, mas é difícil saber, porque estava num coque. O que me deu acesso ilimitado àquele rosto perfeito... Ela foi simpática, até mesmo gentil, e quanto eu a abracei...

— Você a abraçou? — questionou Rob.

— Caramba, Jackson, você é rápido — comentou Ty, com uma risadinha.

— Foi um impulso; eu não queria atacá-la nem nada do tipo. Ela disse que veria o que poderiam fazer para me ajudar com a festa, e eu a abracei automaticamente.

— E como foi?

— Perfeito — admiti. — Ela tinha um aroma doce, o que deixou tudo ainda melhor, e eu a abracei, e ela me abraçou de volta.

— Nossa — disse Ty, e notei que ele e Rob estavam pensando a mesma coisa que eu. Essa era a primeira vez que eu sentia sequer um pinga de atração por outra mulher desde que Julie se mandou.

— Vai chamá-la para sair? — perguntou Rob.

— Não sei — confessei. Era complicado, eu sendo um pai solteiro que, tecnicamente, ainda estava casado. Mas saí daquela loja sentindo algo que não sentia há muito tempo: *excitação*.

Olhei meus amigos nos olhos enquanto abria meu pudim de tapioca e disse:

— Querem saber de uma coisa? Acho que sim.



Capítulo Três

Millie

— O QUE É ISSO? — PERGUNTOU Dru, o tom de sua voz me fez tirar os olhos das tortas que eu estava preparando para o evento daquela noite.

Demorei um momento para entender sobre o que Dru estava falando, enquanto ela chacoalhava um pedaço de papel no ar.

— Ah, uma festa do chá de última hora para uma garotinha — respondi, tentando soar como se não fosse grande coisa.

— Nada disso, nada de última hora! — exclamou minha gêmea, com a mão no quadril e a outra sacudindo o papel em minha frente. — Não tenho tempo para isso. *Literalmente*, não tenho tempo para isso. Por que disse que faríamos isso, Millie? Você sabe que estamos abarrotadas de coisas para fazer nos próximos quatro dias.

— Sei disso. Sei mesmo, e não espero que você faça qualquer coisa. Vou fazer isso sozinha.

— Você vai fazer isso sozinha.

— Sim — afirmei, então, senti certo receio quando Dru apertou os olhos para cima de mim. Minha irmã nunca deixava nada passar despercebido.

— *Por quê, Millie?* — perguntou ela, aproximando-se de mim lentamente. — Por que, depois de cozinhar e assar por um ano, *sendo a divindade que você é*, sem nunca se intrometer no planejamento, na administração ou nos orçamentos, você vai cuidar desse evento sozinha?

Droga, preciso despistá-la...

— Porque... — comecei, minha mente agitada. Apesar de eu ser mais velha por dois minutos, minha gêmea sempre parecia saber o que eu estava tramando, e eu não queria que ela lesse nada nas entrelinhas dessa festa do chá. Eu estava apenas tentando ajudar um pai e sua filha, que passaram por maus bocados. *Era apenas isso... não havia nenhum plano secreto.* — Sei quão ocupada estamos e sei que quando terminar de preparar a comida, você e Tash ainda estarão preparando outro evento bem-sucedido. Então... quando o homem chegou, precisando de ajuda com o aniversário da filha, e eu vi o quão desesperado ele estava, resolvi que não seria um problema sair da cozinha e organizar esse pequeno evento.

Dru me observava com atenção, então, continuei vomitando palavras.

— Além disso, isso pode nos trazer novos clientes e nos dar uma chance de expandirmos num novo ramo. Consigo dar conta disso, Dru. Prometo.

— Mas decidimos, meses antes, que não faríamos festas infantis.

— Verdade — concordei, assentindo e desejando ouvir o som de um cliente entrando na loja para que eu pudesse dar o fora daquela situação. — Mas é uma festa do chá, algo que já fizemos antes. Então, apesar de *tecnicamente* ser para uma criança, não é *exatamente* uma festa de criança, pelo menos, não no sentido que conversamos no passado. Nada de pinhatas ou personagens de desenhos... e já temos o que precisamos nos fundos, então, sério, vai ser moleza.

— Moleza, é?

— Isso mesmo.

— E esse *Jackson* teve alguma coisa a ver com seu interesse repentino em *sair da cozinha*? — perguntou Dru, olhando para o papel do evento e, depois, novamente para mim.

Senti que estava corando desde o pescoço, e vi os lábios de Dru se curvarem num sorriso vitorioso.

Pega no flagra.

— Conte-me — ordenou ela, então o fiz.

— Ah, meu Deus, Dru, você não vai acreditar. Primeiro, pensei que você e Tash tivessem mandado-o para cá numa pegadinha, ou algo assim — admiti, pegando um pano de prato para enxugar as mãos enquanto me aproximava dela. — Alto, *muito alto*, com um corpo de atleta e cabelo preto curtinho dos lados, mas um tanto bagunçado em cima. E ele tem covinhas, *e usa óculos*... Foi como se ele tivesse saído as páginas do diário que eu tinha aos dezesseis anos.

— Nossa — respondeu Dru, analisando meu rosto. — E ele tem algum defeito?

— É casado — admiti, franzindo a testa. — Quero dizer, ele disse que a esposa foi embora e o deixou com a filha deles, Kayla, um ano atrás. Mas ele ainda estava usando a aliança.

— Ai, que horrível. Para eles, quero dizer, e para você. Sinto muito que o homem dos seus sonhos tenha aparecido, mas que já tenha dono. Entretanto, se faz um ano, deve realmente ter chegado ao fim, não? Talvez ele só tenha esquecido de tirar a aliança.

Eu sabia que Dru estava tentando ver o lado positivo das coisas e que queria me deixar feliz, mas eu não tinha certeza de que deveria me deixar levar.

— Não sei — respondi. — Parece ser uma situação muito complicada. Vou apenas dar o meu melhor para que a garotinha tenha a melhor festa do chá que ela já viu. Ela merece. Não consigo nem imaginar nossa mãe nos deixando por livre e espontânea vontade.

— Porque isso nunca aconteceria — disse Dru, com um sorriso triste. — Mas você tem razão, isso deveria se tratar da garotinha. Vou acompanhá-la aos fundos e mostrarei o que temos disponível para uma festa do chá. Deve ser suficiente, você precisa apenas preparar a comida, arrumar o local e limpar, e tudo vai fluir sem nenhum problema.

— Obrigada, Dru. Sei que isso nos coloca numa situação difícil, mas eu não teria aceitado se não acreditasse que conseguiria fazer isso sozinha.

— Eu sei — disse minha irmã, sorrindo e jogando um dos braços ao redor dos meus ombros. — Você tem um coração mole.

— Não tenho — argumentei, mesmo sabendo, com toda certeza de que eu tinha.

— É, sei. Conheço-a há vinte e oito anos, então, me considero uma especialista no assunto. Esse Jackson teve sorte de tê-la encontrado e não eu ou Tash. Talvez tenha sido o destino — sugeriu Dru, empurrando-me com o ombro.

— Pare com isso.

— Por quê? Mamãe sempre disse que iria garantir que encontrássemos nossos parceiros perfeitos, mesmo se ela tivesse que mexer os pauzinhos do outro lado. Talvez ela tenha colocado Jackson no seu caminho.

— Você é ridícula — comentei, empurrando-a de leve enquanto caminhávamos ao quartinho nos fundos.

Dru apenas riu, mas suas palavras ecoaram em minha mente. E, apesar do meu cérebro racional dizer que me envolver com Jackson seria uma decisão imprudente, meu coração estava cheio de algo que se parecia muito com esperança.



Capítulo Quatro

Jackson

— QUER UM LANCHINHO, KA? — perguntei, quando minha filha se sentou à mesa da cozinha para fazer o dever de casa.

Tínhamos uma política rigorosa: “a primeira coisa que vai fazer depois da escola é o dever de casa,” então, nossas noites geralmente eram iguais. Kayla caminharia os dois quarteirões entre a escola dela e a minha, voltaríamos de carro para casa, e ela faria o dever, enquanto eu prepararia o jantar. Depois, ela geralmente conversava com alguma das amigas, e eu corrigia redações ou trabalhava em planejamentos de aulas e, antes de dormir, assistiríamos a alguns episódios de qualquer série que estivéssemos maratonando.

Atualmente, era *Os Goldbergs*, que nós dois achávamos hilário.

— Claro — respondeu Kayla, dando de ombros, enquanto começava a trabalhar na lista de contas matemáticas.

Sorri nas costas dela, pensando quão bom era finalmente estarmos numa posição onde ambos nos sentíamos satisfeitos e onde minha filha estava feliz.

O abandono de Julie não foi nada fácil, e Kayla demorou um bom tempo para se recuperar. Passei muitas noites abraçando-a, enquanto ela chorava antes de dormir. Foi complicado para mim, para um homem de trinta anos, compreender por que a esposa, com quem estava casado há nove anos, foi embora sem olhar para trás. Era *impossível* para nossa filha de oito anos compreender a situação.

Ela deixou de ter a mãe para levá-la às aulas de ginástica artística, para

ajudá-la com a tarefa, e para rir junto enquanto assistiam *Garota Conhece o Mundo* e passou a ter uma mãe que disse que precisava de uma vida própria antes de sair pela porta.

Juro, se eu visse Julie de novo, eu a mataria por ter dito aquilo.

Minha esposa e eu nunca fomos apaixonados um pelo outro, mas tínhamos um relacionamento saudável, amávamos nossa filha, e pensei que nos apoiássemos infinitamente.

Sua partida me pegou completamente de surpresa.

Eu estava colocando um prato com uma maçã picada e uma colherada de manteiga de amendoim em frente a Kayla quando meu celular começou a tocar.

Assim que olhei para o número desconhecido, meu coração apertou, como sempre fazia quando eu me perguntava se aquele seria o dia em que Julie ligaria.

De jeito nenhum ela deixaria a filha e nunca mais olharia para trás, certo? Quero dizer, se fosse apenas eu, eu compreenderia, mas Kayla? Eu nunca seria capaz de compreender.

— Hm, oi — consegui dizer, ficando envergonhado pelo nervosismo em minha voz. Vi Kayla erguer o olhar, e meu interior afundou com o olhar esperançoso em seu rosto.

— *Oi, é o Jackson?* — perguntou uma voz suave e simpática, e eu soltei um suspiro aliviado.

Era Millie, do buffet.

— Sim — respondi, incapaz de manter um sorriso longe do rosto.

— *Oi, aqui é a Millie, do Buffet Três Irmãs.*

— Que bom que você ligou, Millie — comentei, e caramba, que bom mesmo. Eu não ficava animado assim em conversar com uma garota no telefone desde o Ensino Médio.

Percebi que ela não sabia o que responder, porque ouvi uma risada sem jeito, daí, ela disse:

— *Eu, hm, estou ligando para dizer que está tudo certo para sábado. Pretendo chegar às duas para organizar as coisas e me preparar para servir os sanduíches das três às quatro. Tem alguma alergia ou preferência alimentar que eu deva saber?*

— Hm, não. Acho que não — respondi. — Muito obrigado. Sei que foi de última hora, e que não é algo que você geralmente faz. Você está realmente salvando minha vida. Não tenho palavras para agradecê-la.

— *Sem problemas* — respondeu Millie, antes de fazer uma pausa. — *Ligo de novo se eu tiver alguma pergunta, mas acho que ficou tudo bastante claro na ficha. Vejo vocês no sábado.*

— Mal posso esperar — respondi, triunfante.

— *Tchau, Jackson.*

— Tchau. E, obrigado mais uma vez.

Terminei a ligação, ainda sorrindo, então, olhei para cima e vi Kayla me observando com uma expressão curiosa.

— Quem era? — perguntou ela, seu tom surpreendentemente grosseiro.

— Eram boas notícias *para você* — respondi, ignorando o tom dela e me inclinando sobre a mesa e parando quando meu rosto estava a centímetros do dela. — Você não vai acreditar.

— Em quê? — perguntou Kayla, sua voz ainda estava desconfiada, mas seu rosto começava a reagir à minha animação.

— Era o *buffet* que vai vir aqui e dar a você a melhor festa do chá de todos os tempos, para o aniversário da minha filha preferida.

— Mesmo? — guinchou ela, todo e qualquer mau humor desaparecido.

— Mesmo mesmo.

Kayla se levantou num pulo, deu a volta na mesa e pulou em meus braços abertos.

— Obrigada, papai — murmurou ela, e meu peito se encheu de alegria.

— Faço tudo pela minha garotinha — respondi, curvando-me de leve para beijar o topo da cabeça dela.

Kayla se afastou e sorriu para mim.

— Mal posso esperar para contar para todo mundo. Uma festa do pijama e uma festa do chá? Esse vai ser o *melhor aniversário* de todos!

Ri quando ela voltou praticamente dançando para o banquinho.

— Posso contar a elas? — perguntou ela, com os olhos grandes e cheios de esperança.

Apenas sorri e movi a cabeça de cima para baixo.

— Depois do dever.

— Aff... — respondeu Kayla, mas ainda estava radiante.

Voltei a preparar o jantar. Meu coração ficou leve quando vi minha filha retornar ao dever com um sorriso no rosto, e mandei um agradecimento silencioso para Millie, a chef simpática e sensual que involuntariamente salvou o dia.



Capítulo Cinco

Millie

POSSO TER EXAGERADO UM POUCO, mas quando comecei a ter diversas ideias para uma festa do chá, não consegui evitar e preparei um aniversário que essa garotinha jamais esqueceria.

Escolhi um jogo de chá delicado com lindos botões de rosa, um monte de decorações pastéis e flores. Muitas flores.

Macaroons coloridos, pequenos sanduíches e fileiras de cupcakes, junto com um ponche de morango e um montão de doces divertidos, além disso, arrumei alguns *displays totem* para fotos, tudo para transformar o sonho de aniversário de uma menina de nove anos em realidade.

Minhas irmãs e eu amávamos brincar de nos vestir quando menores, e estar na cozinha sempre foi minha paixão, então, não foi difícil encontrar minha criança interior enquanto decidia o que fazer para Kayla.

Espero que ela goste.

Estava saindo do meu *4Runner* e seguindo para abrir o porta-malas quando a porta da frente foi aberta. Jackson saiu de casa e correu até mim.

Não sei por que, mas achei ele correndo, num jeans soltinho e descalço, estranhamente sensual.

— Ei, oi, tudo bem? — perguntou Jackson, aproximando-se e me fazendo sorrir.

— Estou ótima, e você? — respondi, abrindo o porta-malas e puxando uma embalagem.

— Deixe-me ajudá-la — disse ele, repentinamente logo atrás de mim. Sua respiração atingiu meu pescoço, e eu mal consegui reprimir um arrepio. — Ótimo também. Estou tão feliz que você está aqui... bem... que vai poder fazer essa festa para a Ka.

— Estou feliz por ter conseguido encontrar um espaço na agenda. Eu me diverti muito organizando tudo — admiti. — Espero que ela goste.

Ele tirou algumas embalagens do porta-malas e me deu um sorriso sincero.

— Tenho certeza de que ela vai amar.

Deixei que ele guiasse o caminho para dentro da adorável casa em estilo rancho. Tinha uma planta aberta, com uma grande sala de estar que levava à cozinha e ao espaço para refeições. O estilo era confortável, mas contemporâneo. Definitivamente, recebeu o cuidado de uma mulher.

— Pode usar o que precisar. Pensei em usarmos a mesa para a festa do chá, mas foi o mais longe que cheguei.

— Não se preocupe, eu trouxe tudo — garanti a ele, então, voltamos para outra rodada de embalagens, com Jackson grudado em meus calcanhares.

— Então, como foi a semana? — perguntou Jackson, e posso jurar que ele soou tão nervoso quanto eu me sentia.

— Boa. Agitada. Temos cinco eventos neste final de semana, incluindo o seu, então, passei a maior parte da noite e da manhã na cozinha.

— Nossa — disse ele, olhando nos meus olhos e segurando uma caixa cheia de porcelana. — Espero não ter complicado tudo. Sinto muito pelo pedido de última hora.

— Tenha cuidado — alertei, e dei um sorriso caloroso para ele. — Não tem problema, de verdade. Geralmente, fico na cozinha, acorrentada ao fogão. — Ri baixinho. — É minha irmã gêmea, Dru, que planeja os eventos, a rainha da decoração, e nossa irmã mais nova, Tasha, é o cérebro por trás do empreendimento. É nossa gerente e contadora. Elas são, na verdade, os rostos da empresa. Marcam, planejam e executam os eventos. Fico muito mais feliz montando os menus e preparando a comida. Esse, na verdade, é o primeiro evento que chefió.

— Bem, obrigado, mesmo. Sinto muito por ter dado mais trabalho, mas estou extremamente grato por você ter aceitado me ajudar.

O sorriso de Jackson era tão sincero que senti meu coração pular de alegria, além de um friozinho na barriga.

— O prazer é meu — respondi, sentindo minhas bochechas esquentarem enquanto eu pegava as últimas sacolas e fechava a porta. — Isso deve estar

ficando pesado — comentei, apontando para a porcelana e esperando que ele parasse de prestar atenção em mim para que eu pudesse trabalhar. Eu odiava ser o centro das atenções e gostava do fato de que minhas irmãs ficavam felizes em tirar o holofote de cima de mim, permitindo que eu me escondesse na cozinha.

Levamos tudo para dentro e deixamos as embalagens e sacolas em cima do balcão, então, Jackson disse que veria como Kayla estava, e eu comecei a trabalhar.

Primeiro, estiquei uma toalha de mesa rosa-pastel e a cobri com um centro de mesa rendado branco, depois, distribuí as bandejas e os expositores. Cobri as cadeiras com panos igualmente rosas, e amarrei um grande laço branco atrás de cada uma delas.

Quando Jackson voltou ao cômodo, eu estava estrategicamente espalhando os vasos de flores, montados mais cedo, pela sala de jantar.

— Por quanto tempo eu fiquei fora? — perguntou Jackson, girando a cabeça ao redor, comicamente.

Eu ri e disse:

— Estou acostumada a trabalhar rápido.

— Precisa de ajuda com algo? — perguntou ele, ajeitando o óculos no nariz.

— Sim. Poderia tirar todos os colares de doce das embalagens e pendurá-los no suporte de joias?

Quando Jackson começou a abrir os saquinhos de plástico, segui para minhas caixas de comida e comecei a organizar as guloseimas na mesa.

— Então, Millie — começou Jackson, obrigando-me a tirar os olhos da minha organização de macaroons. — Estava me perguntando se você estaria... *comprometida*, e se não estiver, gostaria de sair alguma hora... comigo?

Pisquei lentamente enquanto o sangue percorria meu corpo, mas assim que abri a boca para responder, um gritinho soou no corredor.

— *Ai. Meu. Deus.*

Uma linda garotinha, com um longo cabelo ondulado e um grande sorriso, estava parada com as mãos no ar. Ela já estava pronta para a festa, num belo vestido rosa que combinava perfeitamente com as minhas decorações.

Eu me congratulei mentalmente, então, vi Jackson sorrir encantado para a filha, atravessar o cômodo e erguê-la.

— Você gostou? — perguntou ele, rindo enquanto ela jogava os braços ao

redor de seu pescoço.

— Eu amei, papai! — gritou ela, e senti meus olhos se encherem de lágrimas.

Jackson a devolveu ao chão, e ela correu para onde eu estava terminando de arrumar a mesa.

Kayla colocou a mão sobre a renda, e deslizou-a sobre o tecido, respeitosamente. Depois, olhou para mim com um sorriso igual do pai e perguntou:

— Foi você quem fez isso?

Eu assenti e respondi:

— Culpada. — Então, arfei quando a garotinha se jogou contra mim e abraçou minha cintura.



Capítulo Seis

Jackson

AS HORAS SEGUINTEs FORAM UM turbilhão de risadas, com pequenos sanduíches e açúcar suficiente para garantir que eu teria uma longa noite.

Millie foi incrível.

Ela não apenas acertou em cheio com a decoração, mas a comida estava deliciosa. Manteve as meninas entretidas e garantiu com êxito que minha garotinha tivesse a festa de seus sonhos. Eu não via Kayla sorrir tanto assim desde que sua mãe partiu, e fiquei eternamente grato a Millie por isso.

Se eu ainda não tivesse planejado chamar Millie para sair, e acho que eu meio que tinha feito isso, apesar de termos sido interrompidos, eu definitivamente iria querer sair com ela depois de vê-la interagir com a minha filha e suas cinco amigas barulhentas.

Agora, a festa do chá chegou ao fim, e todas as garotas tinham fugido para o quintal e pulavam na cama elástica, enquanto Millie e eu limpávamos tudo.

Ela estava encaixotando os adereços que usou para a cabine de fotos da festa do chá, e eu, astutamente, enfiava os macaroons restantes na boca.

— Eu vi isso — disse Millie, com uma risadinha.

Virei-me, com a boca cheia e um olhar acanhado. Encontrei-a segurando o óculos de sol falso sobre os olhos e erguendo as sobrancelhas.

— Sinto muito — murmurei, cobrindo a boca com a mão para que ela não visse a comida. — Não pude resistir.

— Não se desculpe — respondeu ela, guardando o óculos na bolsa. —

Vejo isso como um elogio.

Assim que engoli, eu disse:

— E deveria ver mesmo. Estava tudo maravilhoso. De verdade, não tenho como agradecer-la. Ka se divertiu muito.

— Eu também — respondeu Millie, com um sorriso gentil. — Não sabia quanta diversão eu estava perdendo ficando sempre na cozinha. Vou precisar conversar com Dru e Tasha sobre ajudar mais vezes.

— Você leva jeito.

— Obrigada — disse ela, suas bochechas queimando, e percebi que ela ficava desconfortável com elogios. Millie apontou para o restante da comida e mudou de assunto. — Você tem alguns potinhos para guardar isso ou quer que eu deixe as caixas?

— Tenho alguns potes, espere um pouco.

Dei a volta no balcão central da cozinha e me agachei para pegar os potes enquanto me preparava mentalmente para refazer a pergunta que fiz mais cedo. Fazia sentido ela não ter respondido na frente das garotas, mas eu estava morrendo para saber se ela sairia comigo, e sentindo um tanto de medo de fazer a mesma pergunta mais uma vez.

Eu mal tinha coragem suficiente para chamá-la para sair de novo; o simples pensamento disso deixava as palmas das minhas mãos suando.

— Aqui estão — informei, trazendo e espalhando os diversos potes sobre a mesa.

— Perfeito — respondeu Millie, cruzando o cômodo com as sobras.

Limpei a garganta quando ela começou a guardar as comidas nos potes, mas quando ergui a cabeça para refazer a pergunta, Millie foi mais rápida que eu.

— Então, sobre o que você me perguntou mais cedo — começou ela, com a cabeça curvada, como se estivesse muitíssimo focada em guardar as sobras. — Não sei se seria uma boa ideia...

Parecia que eu tinha levado um soco na barriga quando a decepção tomou conta de mim.

— Ah — comecei, incerto de como responder.

— Não que eu não queira sair com você — disse Millie, com pressa. Seus olhos encontraram os meus, então, pude ver a sinceridade em seu olhar. — Eu quero. Quero dizer, acabamos de nos conhecer, mas gosto de você, Jackson.

— Então, por quê? — perguntei, confuso com as palavras contraditórias

dela.

Foi quando ela olhou para minha mão esquerda, eu curvei a cabeça e descobri para o que ela estava olhando.

Minha aliança.

Queria me socar e pedir desculpas por ser tão obtuso. Honestamente, não pensei naquela aliança nenhuma vez no ano que se passou, mas como eu poderia fazer Millie acreditar que eu não sentia mais nada por Julie?

— Você já usou alguma joia por dez anos, e meio que se acostumou com ela no corpo? Como, imagino, seja com alguns brincos? — perguntei, não realmente esperando que ela respondesse, mas que compreendesse. — Não menti para você.

— Sei disso — respondeu Millie, rapidamente, sua mão se esticando para cobrir a minha. — Acredito que estejam separados, mas não pude deixar de notar que ainda usa a aliança. Além disso, você tem uma filha linda com a mulher com que você *ainda* é casado.

— Sim, é complicado, mas prometo, acabou tudo. Não estou esperando que ela reapareça e que as coisas voltem a ser como antes. Raios, de jeito nenhum eu a aceitaria de volta, mesmo se ela quisesse — expliquei, esperando que Millie pudesse ouvir a sinceridade em minha voz.

Millie assentiu, e quanto ela prendeu o lábio inferior entre os dentes, pude notar que ela ainda estava em cima do muro, o que me deu esperanças. Significava que ela não *queria* dizer *não*.

— E se nos encontrarmos para um café? — sugeri — Podemos ir levando devagar... irmos nos conhecendo.

Parei de respirar enquanto esperava uma resposta. Quase pude ver a discussão na mente dela, e esperei que eu saísse vitorioso.

Finalmente, Millie deu um tapinha na minha mão antes de se afastar, sorriu suavemente e disse:

— Eu adoraria sair com você.

— *Fantástico*.

Ajudei Millie a guardar as decorações e o jogo de chá no *4Runner*, daí, acompanhei-a até a porta e a mantive aberta enquanto Millie se ajeitava no banco do motorista.

— Eu ligo para marcarmos um café — comentei.

O desejo de beijá-la era grande, mas como prometi que iria seguir com calma, concluí que seria melhor controlar o desejo.

— Mal posso esperar — respondeu Millie. Fechei a porta e fiquei parado

enquanto ela se afastava.

Assim que ela sumiu de vista, olhei para baixo e girei a aliança dourada no dedo, então, tirei-a e a segurei na palma da mão. Parecia que era hora de prestar mais atenção às coisas às quais estava me apegando e começar a abrir mão delas.

Além disso, era hora de eu encontrar minha esposa.



Capítulo Sete

Millie

— ENTÃO, COMO FOI COM O Sr. Covinhas Adoráveis? — perguntou Tasha, enquanto nos alongávamos. Era segunda-feira, nosso dia de folga, era quando nos reuníamos para nosso time de futebol recreacional. Nós três jogávamos desde quando começamos a andar e gostávamos de sair e jogar sempre que podíamos.

O que não acontecia mais com a frequência que desejávamos, agora que o negócio prosperava.

— Já contei a história toda para a Dru noite passada... Foi bom — ponderei, vagamente, escondendo meu sorrisinho quando Tasha começou a fazer um biquinho.

— Bem, eu estava trabalhando noite passada, então, perdi o papo das garotas. Você não pode me culpar por isso, Mills, eu estava garantindo nosso pão de cada dia — resmungou Tasha, agachando-se.

— Tudo bem — respondi, com uma irritação fingida. — Vou contar a versão resumida.

Tasha manteve os olhos nos meus enquanto esperava, ansiosa. Ela recentemente cortara o longo cabelo preto, igual ao meu e ao de Dru em comprimento, num corte curto, e o tingira num tom vermelho vivo. Combinou totalmente com ela.

— A festa foi ótima. Diria, até mesmo, fantástica. Me diverti muito decorando, e as garotas adoraram. Tirei algumas fotos para mostrar a vocês, e

para postarmos no site — comecei, mas Tasha fez gesto com a mão, impaciente, encorajando-me a pular direto para a parte que interessava. — Jackson me chamou para sair — confessei, dando de ombros. Então, brinquei com ela. — Mas eu não aceitei.

— O quê? — gritou Tasha, levantando-se e apoiando as mãos nos quadris. — Por que fez isso? Pensei que ele fosse o homem dos sonhos do seu diário. Pelo menos, foi isso o que Dru disse.

Ergui as sobrancelhas para minha gêmea, que simplesmente me mostrou a língua e continuou a malhar os quadríceps.

— Ele também é *casado* e ainda usa aliança — respondi, então, suspirei. — Mas ele me garantiu que o casamento acabou há muito tempo, a aliança foi apenas um descuido, e vamos nos encontrar para tomar um café essa semana. Então, *não* é um encontro, é apenas um café.

— Um encontro com café — disse Dru, sorrindo.

— *Cale a boca* — respondi, mas não evitei sorrir. — Não sei, meninas, ele me assusta.

— Por quê? — perguntou Tasha. — Porque você esteve tão focada no trabalho e, antes disso, na mamãe, e acabou nunca se encontrando com um homem para um café, muito menos teve um homem entre suas pernas desde que você e Dru estiveram na USC?

— Isso é mentira — argumentei, ofendida e um pouco envergonhada sobre quão certa minha irmã mais nova estava. — Teve o Joshua...

— Credo — resmungaram minhas irmãs em uníssono.

— Aquele cara esquisito que ficava levando-a para ver filmes animados japoneses e tentava fazê-la masturbá-lo no cinema? — perguntou Dru. — Você realmente quer considerar *esse* cara?

— Não, acho que não — respondi, franzindo a testa, então, me joguei de costas na grama. — Caramba, gente, isso foi há muito tempo. Há muito, muito tempo *mesmo*. Talvez mergulhar de cara no Sr. Covinhas Adoráveis, que não só é um pai solteiro, mas ainda não divorciado da esposa, não seja um bom lugar para recomeçar. Talvez seja melhor eu não me arriscar tanto.

— Fodam-se os riscos — disse Dru, e eu percebi que ela soltou um palavrão para me irritar. Ela sabia que eu odiava quando ela falava assim, e exatamente por isso ela o fez. — Acho que você deve mergulhar bem fundo, com roupas e tudo. Chegou a hora de você se divertir, Mills, e você gosta desse cara. Vá em frente.

— Isso mesmo — concordou Tasha. — Concordo com a Dru. Aproveite o

café, aí, leve ele para o apartamento e pule para cima dele.

Eu ri de Tasha, mas antes que eu pudesse responder, nossa treinadora gritou:

— As senhoritas vão ficar tagarelando o dia todo, ou vão se levantar e jogar um pouco de futebol?

— Foi mal, treinadora — gritamos todas, então, corremos para encontrar nosso time.

Fiquei sentada no banco no começo do primeiro tempo, com os olhos no campo, mas a mente viajando com pensamentos em Jackson. Quase como se eu o tivesse evocado, meu celular apitou com uma mensagem, então, tirei-o discretamente da bolsa aos meus pés, e minha barriga congelou quando vi que era mesmo ele.

Ei, Millie, é o Jackson. Queria saber se você não prefere sair no almoço, ou depois do trabalho, para um café? Sei que você trabalha cedo, mas não sei quando tem um intervalo, ou se você sequer o tem. Posso sair durante o almoço, ou te encontrar depois da escola. O que for melhor para você. Sinto muito, estou falando demais...

Depois da escola? Sou bastante flexível. Posso reorganizar minha agenda de acordo com o dia/hora em que você quiser me encontrar.

Sim, sou professor, não contei isso? Leciono Inglês no Ensino Médio. Depois da escola seria melhor, assim, não precisamos ter pressa. O que você acha de quarta-feira às 15h30?

Ah, maravilhoso. Que trabalho divertido. Pode ser quarta às 15h30. Onde quer tomar café?

Bem, posso buscá-la, se você quiser, podemos ir ao Rooster's, pode ser?

O Rooster's era uma cafeteria que ficava na Main Street, a apenas alguns quarteirões de nossa loja.

— Ei, Millie, vai prestar atenção ao time com o celular na mão? — repreendeu minha treinadora, fazendo-me corar.

— Desculpa, treinadora — respondi. Parecia que eu diria apenas aquilo hoje.

Certo. Preciso ir. Tchau.

Olhei envergonhada para nossa treinadora, desliguei o celular e guardei o

aparelho na bolsa. Ergui a cabeça bem a tempo de ver Tasha correndo pelo campo, fazendo um passe bem-sucedido para Dru, que chutou direto para o gol.

— Isso! — gritei, levantando-me num pulo para torcer pelo meu time.

— Millie, entre no lugar de Tampa — disse a treinadora, e todos os meus pensamentos sobre Jackson e cafeterias sumiram quando corri para o campo e me juntei às minhas irmãs.

Tínhamos um jogo para ganhar.



Capítulo Oito

Jackson

ESTAVA FINALIZANDO MEUS PLANOS DE aula para *Orgulho & Preconceito* para a semana seguinte, mas meus olhos continuavam flutuando para o relógio. Assim como meus estudantes, eu mal podia esperar pelo sinal que indicaria o fim do dia escolar.

Geralmente, eu me demorava depois das aulas, corrigindo algumas redações, arrumando a minha sala e me preparando para o dia seguinte, mas, hoje, conseguia apenas pensar em buscar Millie às 15h30.

Não me lembrava da última vez em que eu estive tão animado com algo. Claro, seria apenas um café, mas não importava o que faríamos. Mal esperava poder vê-la novamente.

O sinal tocou, e pulei da cadeira, abrindo caminho pelos estudantes, tentando chegar antes deles à porta.

— Tem algum lugar pegando fogo, Sr. H?

— Sinto muito... *Foi mal* — murmurei quando entrei no corredor, então, comecei a andar com maior velocidade para a saída mais próxima do estacionamento dos professores.

— Jackson.

Impedi-me de xingar antes que algo saísse pela boca; me virei para ver quem estava atrasando minha fuga.

— Ah, oi, Rebecca. Tudo bem? — perguntei para a professora de História, que me observava cheia de nervosismo enquanto se aproximava.

— Você tem um tempinho? — perguntou ela, sua voz acanhada, o que não era normal.

— Na verdade, estou de saída — disse eu, com pressa, olhando para o relógio, enfatizando o fato de que eu estava com pressa. — Podemos conversar amanhã?

— Ah, sim, claro — respondeu Rebecca, e escolhi ignorar a decepção em seu rosto, porque, apesar de sermos amigáveis um com o outro, qualquer pergunta relacionada à escola não poderia ser mais importante do que ir ao meu primeiro não-encontro dos últimos dez anos.

— Obrigado, Rebecca — agradei, dando um tapinha distraído no braço dela antes de me virar e seguir para a porta.

— Ei, Jacks — ouvi dizerem, e, desta vez, não segurei o *filho da puta*, apesar de tê-lo apenas sussurrado.

Virei minha cabeça e vi Ty correndo em minha direção.

— E aí, cara? — perguntei, sem parar e mantendo o ritmo enquanto ele me alcançava.

— Então, está pronto para o seu grande encontro? — perguntou meu amigo, deixando-me imediatamente arrependido de ter contado a ele e Rob que me encontraria com Millie hoje.

— Sim — respondi, abrindo a porta.

— Tudo bem, irmão, queria apenas desejar boa sorte, e dizer para você ficar tranquilo... Seja você mesmo.

— Valeu, Ty — repliquei, finalmente parando quando meus pés atingiram a calçada. — Estou um pouco nervoso, mas mais animado do que nervoso. Espero que ela veja que estou sendo sincero sobre Julie, e que isso seja o começo de algo maravilhoso.

— Com certeza — disse Ty, passando uma das mãos sobre o cabelo curto e escuro. — Você merece, Jackson, depois daquela merda que a Julie jogou para cima de você. Mas, ei, posso pedir um favor, para todos nós aqui da escola?

— Claro, cara, o que foi? — questionei, confuso com o pedido dele.

— Você pode ser gentil com a Rebecca?

— Com a Rebecca? — perguntei, olhando sobre o ombro para onde Rebecca acabara de estar.

— Sim — começou ele, e suspirou. — Ela sempre teve uma quedinha por você.

— O quê? Claro que não.

— É, sim, cara. Você é o único que não percebeu.

Chocado, apenas olhei para meu amigo, incapaz de responder.

— Ela estava apenas esperando a hora certa, esperando você estar pronto depois do fiasco com Julie, e hoje, parecia que ela estava prestes a tomar uma atitude. Sei que você não está interessado, irmão, estou apenas pedindo para você ser gentil, tudo bem? Você a vê todos os dias. Todos nós a vemos.

Assenti, distraído, ainda tentando compreender o que eu estava ouvindo. Rebecca sempre foi uma boa pessoa, e muitas vezes acabávamos ajudando um ao outro depois das aulas, algumas vezes, éramos responsáveis por eventos juntos, mas nunca pensei nela como nada mais do que uma amiga.

Senti um soco no estômago ao pensar em quão estranha essa conversa seria.

— Claro, Ty. Você sabe que eu não a magoaria.

— Eu sei, Jacks, queria apenas avisar.

— Obrigado.

— Pode contar comigo, você sabe disso — disse Ty, sorrindo, então, deu um tapinha nas minhas costas. — Divirta-se e não tenha medo de ser agressivo.

Ri do meu amigo, não tinha nenhuma intenção de seguir seus conselhos, então, *finalmente*, cheguei ao estacionamento dos professores. O relógio me disse que eu ainda tinha quinze minutos para chegar ao Buffet Três Irmãs e, apesar de eu ter planejado chegar antes, pelo menos, agora, eu chegaria na hora.

Estacionei em frente à loja da Millie, com dois minutos de sobra. Quando saí do carro, vi Jericho Smythe parado na frente do *Prime Beef*, modificando o quadro do menu.

— Oi, Jericho! — gritei, erguendo a mão e acenando para meu amigo, que era dono do *steakhouse*. Fazíamos parte do mesmo time de *Fantasy Football* e geralmente nos reuníamos com um grupo de caras para assistir aos jogos. Além disso, ele servia o melhor bife na cidade.

— Tudo bem? — perguntou Jericho, em resposta.

Fiz um joinha para ele e dei um grande sorriso, e corri ao redor da caminhonete para que pudesse chegar a tempo. Depois, explicaria a Jericho o motivo de eu não ter tempo para conversar, pois, chegar na hora certa para buscar Millie era mais importante.

A porta fez barulho quando a abri. As mesas e cadeiras estavam vazias já que a loja não estava realmente aberta. Precisei esperar apenas alguns

segundos antes de Millie sair dos fundos.

Num vestido azul-claro, com o cabelo longo solto e liso ao redor dos ombros, ela era a mulher mais bonita que eu já tinha visto. Fiquei momentaneamente hipnotizado. Sem palavras.

Observei Millie se aproximar de mim, com um sorriso incerto nos lábios; dei um passo em direção a ela e estiquei a mão. Quando ela a pegou, aproximei-me ainda mais e encostei os lábios na bochecha dela, beijando-a gentilmente antes de dizer:

— Você está linda.



Capítulo Nove

Millie

EU ESTAVA DOMINADA PELO NERVOSISMO. Durante toda a manhã, não consegui parar de me preocupar com o encontro com Jackson. Quero dizer, o que eu realmente sabia sobre ele? Claro, sabia que ele era um bom pai, sua casa era bonita e algo naquele óculos que usava fazia meu corpo vibrar, mas eu não o conhecia *de verdade*.

Droga, eu nem mesmo sabia que ele era um professor até ele mencionar naquela mensagem.

Apesar de que, de todas as profissões existentes, professor de Inglês do Ensino Médio era melhor do que um assassino, ou ladrão de joias.

Mas quando cheguei à frente da loja e o vi, parado ali, nem mesmo tentando esconder o prazer em me ver, mandei minhas dúvidas às favas e decidi mergulhar de cara.

Seria apenas um café, afinal de contas, não era como se eu fosse a nova noiva por encomenda dele. Não havia nenhum compromisso sendo firmado.

— Obrigada — respondi, quando seu elogio adentrou meus pensamentos. Provavelmente, eu experimentei vinte roupas diferentes antes de me decidir pelo vestido azul. Era comportado, mas provocante. Pelo menos, eu esperava que fosse.

— Está pronta? — perguntou ele, ajustando o óculos no nariz, o que eu estava começando a perceber, era um gesto que indicava nervosismo.

— Sim — respondi, dando a ele um sorriso verdadeiro. Parecia mais fácil

sabendo que ele estava tão nervoso quanto eu. — Vamos.

— O dia está lindo, quer ir andando? — perguntou Jackson, erguendo o braço de uma maneira zombeteira e galante.

Ri da tolice dele e passei meu braço pelo dele.

— Eu adoraria.

Quando começamos a caminhar para a cafeteria, perguntei:

— Então, o que o fez ser um professor de Inglês do Ensino Médio?

— Sempre soube que queria ser professor, e sempre amei literatura, então, pareceu uma decisão simples — respondeu Jackson, sem pensar muito. — Comecei lecionando o Inglês básico do primeiro ano, mas, agora, dou uma aula avançada, que foca nos clássicos, como Shakespeare, Austen e Alcott, e é ótimo, porque as crianças dessas aulas escolheram estar ali, então, realmente querem aprender o que ensino.

— Nossa, parece maravilhoso — respondi, meu coração saltitando ao pensar em Jackson se deitando para ler Jane Austen à noite. — E bastante gratificante.

— É mesmo — concordou ele. Bem naquele momento, o vento ficou mais forte e o aroma dele me atingiu. Um tantinho picante, com uma pitada de algo que eu não conseguia identificar. Ele tinha um cheiro delicioso.

Estava começando a me perguntar o que raios havia de errado com aquele cara. Tinha que haver algo. Ninguém era tão perfeito assim.

Talvez ele cutuque o nariz ou morda a unha do pé...

Mas quando o olhei de perfil, com minha mão aquecida no braço dele, esperei estar errada. Queria que ele fosse real.

— E para você também deve ser — comentou Jackson, tirando-me de meus pensamentos. — Deve ser gratificante gerir o próprio negócio. E, ainda por cima, um negócio de família.

Assenti, então, olhei para o chão enquanto caminhávamos, e disse:

— Depois que nossa mãe morreu, decidimos fazer o que ela gostaria que fizéssemos e seguimos nosso sonho. Claro, foi arriscado, mas aprendemos do jeito difícil que precisamos correr atrás do que queremos antes que seja tarde demais.

— Ei — disse Jackson, parando na calçada e colocando uma das mãos debaixo do meu queixo. Quando ele o ergueu para levar meus olhos aos dele, percebi que ele não estava mais usando a aliança.

Meu coração deu um pulo.

— Sinto muito pela sua mãe — disse ele, gentilmente, quando nossos

olhos se encontraram.

— Obrigada.

— É preciso ter muita coragem e força para se arriscar e fazer o que ama. Sei que sua mãe teria orgulho de você e de suas irmãs.

Todas as minhas preocupações e dúvidas desapareceram com as palavras dele, e percebi que queria ver aonde as coisas iriam com ele. Queria que aquele encontro fosse o começo de nossa história.

— Muito obrigada mesmo por isso — respondi, com um sorriso, então, puxei o braço dele para que voltássemos a nos mover. Metade de um quarteirão depois, estávamos sob o toldo da Cafeteria Rooster's, e agradei a Jackson mais uma vez quando ele segurou a porta para que eu entrasse.

O cheiro de café, salgados e canela me atingiu quando entrei, e me virei para Jackson, suspirando.

— Eu amo este lugar.

— Nunca vim aqui — admitiu ele. — Mas o cheiro está ótimo.

Não apenas o cheiro estava divino, mas o lugar foi decorado num estilo rústico interiorano. Muitas madeiras manchadas, acessórios de latão e fazendo jus ao nome, galos por toda parte.

Caminhamos até o balcão, onde ele pediu um café preto e um *croissant*, e eu pedi um latte de caramelo salgado e um bolinho de cranberry. Assim que pegamos nossa comida, sentamo à mesinha branca de bistrô nos fundos.

— Caramelo salgado? — perguntou Jackson, depois de puxar uma cadeira para que eu me sentasse, então, ele se acomodou. — Fiquei sabendo que as pessoas só comem isso agora.

— Você nunca experimentou nada com caramelo salgado? — perguntei, meu queixo caindo de leve. — Doces, bolinhos, sorvete, café, nada?

Jackson riu da minha resposta dramática e balançou a cabeça.

— Nadinha, a combinação nunca me pareceu atraente. Quero dizer, sal em cima de caramelo? Isso não parece certo.

— Às vezes, uma pitada de sal é tudo o que você precisa para transformar algo sem gosto em uma coisa absolutamente deliciosa — respondi, oferecendo minha bebida a ele. — Aqui, você precisa experimentar.

Jackson aceitou o desafio, pegou minha xícara quente e a levou aos lábios. Fiquei hipnotizada pela visão de seus lábios na borda da minha xícara, então, ri quando ele a afastou e revelou um bigodinho de creme no rosto.

Ele colocou a língua para fora e limpou os lábios, seus olhos ficaram sérios quando percebeu que eu o estava observando com a respiração presa

na garganta.

— Delicioso — disse Jackson, com a voz rouca, e precisei concordar.
Delicioso mesmo.



Capítulo Dez

Jackson

ESTAVA QUASE TERMINANDO DE TOMAR meu café, e tudo parecia estar fluindo maravilhosamente, quando Millie esticou a mão e passou um dos dedos sobre onde minha aliança costumava ficar.

— Eu, ah, percebi que você a tirou — começou ela, e notei que havia uma pergunta ali.

Fechei os olhos por um momento, desfrutando do leve carinho de seu dedo sobre o meu, então, os abri e dei a ela um sorriso torto.

— Conheci Julie por toda minha vida, nossos pais eram amigos, e frequentamos as mesmas escolas, juntos — expliquei, girando minha mão e segurando a dela. — Começamos a namorar no Ensino Médio, o que deixou nossas famílias felizes, e apenas fomos nos acomodando a partir daí. Nunca foi amor à primeira vista nem uma união cheia de paixão. — Fiz uma pausa, percebendo que meu nerd literário interior estava à mostra, então ri. — Claro, nossas mãos suavam e roubávamos beijos um do outro como em qualquer relacionamento adolescente, mas logo caímos num relacionamento confortável. Fomos juntos para a faculdade, daí, Julie engravidou e voltamos para casa para nos casarmos.

— Bem, vocês tiveram uma filha incrível — disse Millie, sua mão apertando a minha, cheia de compaixão.

— Sim, Ka é a melhor coisa que me aconteceu. — Percebi que tínhamos terminado nossas bebidas e comidas, mas eu não estava pronto para ir ainda.

— Quer mais alguma coisa? Uma água?

— Sim, pode ser — respondeu Millie, docemente, e me senti aliviado por ela também ainda não estar pronta para ir embora.

Pedi licença, segui para o balcão e comprei duas águas da barista, então, olhei para Millie enquanto esperava. Ela estava sentada em nossa mesa, olhando ao redor do salão, com um sorriso nos lábios. Eu não tinha prestado muito atenção aos arredores, mas segui o olhar dela e estudei a decoração do Rooster's.

Lembrou-me um pouco a decoração da casa dos meus avós... *Está na hora de fazer uma visita, Kayla e eu não estivemos nos avós já faz alguns meses.*

Assim que anotei aquilo no meu calendário mental, peguei as águas e voltei para Millie.

— Onde estávamos? — perguntei, colocando as garrafas na mesa e me sentando.

— Vocês voltaram para casa para ter Kayla — disse ela, então, abriu a água. — Obrigada.

— De nada — respondi e pensei novamente no tempo que passei com Julie. — Ela largou a escola, e a gente se casou, enquanto eu me transferia para cá e começava a ter aulas. Alugamos uma casa meio ruim, térrea, com dois quartos, mas éramos felizes. Estávamos animados com o bebê. Depois de alguns anos, comecei a dar aulas, tínhamos dinheiro suficiente no banco para dar entrada na casa em que vivemos agora. Nosso casamento era uma parceria. Não brigávamos nem tínhamos qualquer ressentimento de termos engravidado antes de casarmos. Éramos apenas uma família normal. Então, ela disse que ia embora. Fiquei chocado. Completamente.

Fiquei sem palavras e lembrei daquele dia, quando Julie disse que iria embora, e juro, pensei que ela estivesse brincando. Nunca me ocorreu que não passaríamos toda a nossa vida juntos.

— Ela disse que precisava viver a própria vida. Que abriu mão de tudo para se tornar mãe e esposa e que queria ver o que mais havia no mundo. Disse a ela que estava louca, que ela se arrependeria, e me perguntei como poderia fazer isso com Kayla...

— E o que ela respondeu? — perguntou Millie, baixinho, com a mão novamente na minha.

Olhei nos olhos dela, perdendo-me por um momento nas manchinhas verdes e douradas que encontrei neles.

— Ela disse que sentia muito, mas Kayla cresceria e entenderia, então, ela se foi — suspirei, e tomei um gole d'água. — Não tive notícias dela desde então.

— E os seus pais, ou os dela; vocês ainda mantêm contato?

— Sim, meus pais ainda são vizinhos dos dela, e Kayla passa algum tempo nas duas casas. Ela é a única neta de ambos, com isso, eles a mimam demais. Vamos todo domingo nos meus pais para o *brunch*, então, ela os vê, pelo menos, uma vez por semana, noutras semanas, mais vezes.

— Isso é maravilhoso, ela ser próxima dos avós, e tenho certeza de que isso ajuda, o fato de todos serem próximos.

Assenti, pensando no último domingo, quando todos celebramos o aniversário de Kayla. Ela teve uma festa com as amigas e outra com a família. Ela ficou feliz demais, e mesmo algumas vezes eu me preocupando que estávamos mimando-a demais, enquanto todos tentávamos compensar a partida da mãe, não me arrependia de deixar minha garotinha feliz.

— Não sei o que eu faria sem eles — admiti. — Sempre que tenho algum problema na escola, eles me ajudam, tomando conta dela, e sempre que ela quer ir fazer compras, ou fazer as unhas, minha mãe e a da Julie sempre ficam contentes em levá-la.

— E eles tiveram notícias de Julie? — perguntou Millie, com cuidado. — Os pais dela?

Balançando a cabeça, respondi:

— Não. Pelo menos, nunca me disseram nada. Mas faz meses que não pergunto. Eles se sentiram tão abandonados quanto a gente, e sei que se perguntaram onde haviam errado. Eles sempre foram tão próximos... Especialmente Julie e o pai, ele ficou tão chocado quanto eu quando ela se foi.

— Isso é terrível, sinto muito por tudo o que aconteceu — disse Millie, então, ela ergueu o olhar para mim. — Eles também cuidam da Kayla quando você tem algum encontro?

Lutei contra a vontade de sorrir, sabendo que ela estava tentando descobrir se eu saí com mais alguém desde o desaparecimento de Julie. Gostei do fato de ela querer saber. Esperava que isso significasse que ela queria me ver mais vezes, porque eu, com certeza, queria vê-la de novo.

— Não sei — admiti. — Não saí com ninguém desde Julie.

— Sério?

— Sério — respondi. Girei a mão dela na minha e trouxe sua palma aos

meus lábios. Eu a beijei ali, uma única vez, um roçar suave de meus lábios, e repousei sua mão novamente na mesa. — Mas espero que isso mude. Talvez, eles possam cuidar dela sexta à noite, enquanto vamos ao *Prime Beef*?

Um lindo sorriso floresceu no rosto dela, e ela assentiu brevemente.

— Seria bom. Deixe-me verificar minha agenda e ver o que posso fazer.

— Você tem algum evento?

— Sempre temos. Nosso único dia de folga é segunda, *mas* sempre posso tirar um tempinho para jantar — disse Millie, e apesar de eu estar decepcionado de não ter um encontro completo com ela, amava o fato de ela estar disposta a reorganizar os compromissos e arrumar um lugar para mim. — O fato de o *Prime Beef* ser bem do outro lado da rua ajuda — complementou ela, rindo.

— Certo, ótimo. Verifique sua agenda e veja se consegue me encaixar, vou ver com os meus pais se podem cuidar da Kayla.

— Parece que temos um plano — disse ela, e lutei contra meu remorso de vê-la se levantar da cadeira. — É melhor eu voltar ao trabalho.

Caminhamos de volta ao Buffet Três Irmãos de mãos dadas, enquanto Millie falava alegremente sobre o menu que preparara para o chá de cozinha que ofereciam naquela noite. Cedo demais, estávamos na porta da loja, e ela se virou para mim, seu rosto corado de prazer, quando se despedia.

— Obrigada por me acompanhar hoje — comentei, estendendo uma das mãos para prender uma mecha de cabelo solta atrás da orelha dela, meu coração acelerou quando ela inclinou a bochecha em direção ao meu toque. — Eu me diverti muito, mal posso esperar por sexta.

O rosto dela pareceu derreter com minhas palavras, e percebi que seus olhos estavam focados na minha boca.

Apesar de fazer quase quinze anos desde que eu tivera meu primeiro beijo com uma mulher, soube que era o momento certo, então, dei um passo para frente, com uma das mãos em sua cintura, e a outra em sua bochecha. Os olhos de Millie se fecharam quando curvei minha cabeça, e um gemido escapou de seus lábios quando rocei os meus contra os dela.

Ela tinha gosto de caramelo e creme, e quanto passei a língua de leve pelos seus lábios, ela se abriu para mim, e eu aceitei o convite.

O beijo foi gentil, com apenas uma pitada de imprudência, e quando ela cedeu um tantinho contra meu peito, soube que era hora de me afastar. Com o que pareceu ser a força de vinte homens, fiz exatamente isso, dei mais um beijo nos lábios dela antes de me afastar.

Sabia que guardaria a imagem daquele olhar sonhador no rosto de Millie para sempre, e quando voltei para minha caminhonete, eu parecia estar andando nas nuvens.



Capítulo Onze

Millie

ENTREI FLUTUANDO NA LOJA, passei pela cozinha e segui para o escritório, que eu dividia com as minhas irmãs, nos fundos.

Era um cômodo de bom tamanho. Grande o suficiente para três mesas e para algumas prateleiras e cadeiras. Minha mesa era a menor, já que a maior parte do meu trabalho era feito na cozinha, mas Tasha e Dru tinham mesas enormes, sempre em uso.

Enquanto a de Dru não apresentava sequer um espaço vazio, bagunçada o tempo todo, a de Tasha era organizada e sempre limpa. Dru tinha uma velha mesa de madeira com revistas de decoração, uma grande gaveta e amostras por toda parte, enquanto a mesa de Tasha passava a impressão de ser algo moderno, com detalhes cromados e linhas suaves.

Minha mesa ficava encostada num canto, com uma pequena cadeira roxa. Era branca e feminina, com apenas as minhas receitas soltas, livros e anotações cheias de ideias.

Tasha e Dru conversavam sobre a recepção de casamento que teríamos no próximo sábado, mas quando entrei, suas cabeças se voltaram para mim, e a conversa parou. Os lábios de Dru se curvaram num sorriso, e Tasha bateu uma palma contra a mesa, assustando-me e me tirando do transe em que eu estava.

— Você não o levou para o apartamento — reclamou Tasha.

Eu ri, baixinho.

— Você sabia que isso não iria acontecer.

— Uma garota pode sonhar...

— Mas alguma coisa aconteceu — disse Dru, ainda sorrindo. — Acho que a única coisa que faz Millie ficar com esse olhar todo enfeitiçado no rosto é um grande e molhado beijo.

— Aaaaaah — exclamou Tasha, arrastando-se para frente, ainda sentada na cadeira, e aplaudindo. — Conta para a gente!

— Meninas... — comecei, então suspirei e girei num círculo, deixando meu vestido esvoaçar, exatamente como eu fiz depois do meu primeiro beijo no Ensino Médio. — Ele é... *incrível*.

— Ela está apaixonada — disse Tasha, então, se empurrou para trás e girou na cadeira.

— Acho que você tem razão — concordou Dru, com olhos simpáticos sobre mim. — Ela está perdidinha por ele.

Tasha gargalhou, e eu balancei a cabeça.

— Ele ensina Shakespeare e Austen para adolescentes... Fala da filha como se ela fosse um milagre, e o beijo dele parece um sonho — soltei, me joguei na cadeira fofinha e floral na frente da mesa de Tasha, soltando um suspiro exagerado. — Estou encrencada. Eu gosto *mesmo* dele, mas nem o conheço direito.

— Por que Millie tem toda a sorte da família? Seios perfeitos, a habilidade de fazer as pessoas chorarem com seu talento na cozinha, e agora isso? Ela chamou a atenção de um cara dos sonhos, com covinhas, que usa óculos, é romântico e se dá bem com crianças — disse Dru a Tasha, cheia de drama, antes de se virar para mim. — Compartilhamos um útero, caso não se lembre... Você poderia ter deixado *alguma coisinha* para mim.

Revirei os olhos para minha gêmea linda, engraçada e igualmente talentosa.

— Fala sério — respondi, sarcasticamente. — Se tem uma coisa que nunca lhe faltou, minha querida irmã, é confiança.

— Verdade — disse Dru, dando de ombros, então, sua expressão ficou tristonha. — Mas não me importaria se um estranho charmoso aparecesse do nada e me conquistasse.

— Talvez se você trabalhasse menos do que oitenta horas por semana, teria tempo para conhecer alguém — disse Tasha, e eu sabia que ela estava certa. Estivemos tão focadas em planejar nosso empreendimento e seguir nossos sonhos, que esquecemos de viver nossas vidas.

— Talvez seja a hora — sugeri, endireitando-me na cadeira. — Conversamos sobre transformar alguns de nossos funcionários de meio período em integral, além de contratar mais pessoas por meio período. Sei que é nosso bebê e que investimos tudo que tínhamos para fazer isso funcionar. Mas, agora que *está* funcionando, talvez devêssemos afrouxar as rédeas um pouquinho e tirar um tempo para realmente aproveitarmos nosso sucesso.

— Eu gosto do que fazemos — resmungou Dru, fazendo bico quando pensou em ter outra pessoa tomando o controle ao qual ela se agarrava como se fosse um bote salva-vidas.

— Sei que gosta, querida, mas pense quão bom seria fazer algo num dia que não fosse segunda-feira. Ver um filme, ou talvez ter um encontro... — sugeri, e percebi que fui pega no flagra novamente quando os olhos dela se semicerraram para cima de mim.

— O Sr. Covinhas Adoráveis chamou você para jantar, não chamou? — acusou ela.

Assenti, vagarosamente.

— Então isso não se trata tanto de *nós* aproveitarmos a vida, mas de *você* encontrar tempo em sua agenda corrida para atacar o Covinhas.

Senti meu rosto queimando quando gaguejei:

— Não... bem, não é isso. Vocês sabem... Estava pensando em todas nós... não apenas em mim... e não quero isso... bem, pelo menos, ainda não.

— Acalme-se, Mills, você sabe que ela está apenas brincando — disse Tasha, com delicadeza, lançando um olhar para Dru. — Você e eu sabemos que ela está certa. É hora de amadurecermos um pouco e tirarmos um tempo para a gente. Por mais que amemos o que fazemos, estamos todas exaustas. Além disso, se tivéssemos uma equipe completa, então, poderíamos recusar menos clientes. Todo mundo vai sair ganhando, Dru.

— Vou pensar nisso — disse Dru, o que, na verdade, significava que ela ia ceder.

— Eba! — gritei, pulando da minha cadeira e correndo para me curvar e abraçar minha gêmea. — Vou conversar com Claire sobre ela trabalhar em tempo integral quando pedir a ela para me cobrir na sexta à noite.

— *Nessa sexta?* — perguntou Tasha. — Onde ele vai levar você?

— *Prime Beef* — respondi, feliz demais para notar a testa franzida de Tasha com a menção do restaurante do outro lado da rua. — Consigo deixar quase tudo pronto antes das quatro, então, dou uma subida, troco de roupa e

deixo Claire terminar o que falta. Talvez eu chame Jackson para uma sobremesa.

— Nossa! — exclamou Dru, erguendo as sobrancelhas para mim. — Sobremesa, é?

— Vai dar namoro — cantarolou Tasha, e começou a rir.

— *Calem a boca* — sibilei, odiando o fato de estar corando mais uma vez. Odiava que eu era tão mais reservada e ficava tão mais envergonhada do que minhas irmãs, mesmo sendo uma mulher adulta. — Quis dizer sobremesa *de verdade*. Pensei em preparar um *crème brûlée* de limão para ele.

— Uma mordida, e ele nunca mais vai embora... Eu ga-ran-to — disse Dru, gentilmente, permitindo que eu mudasse de assunto, e me apoiando, como sempre.



Capítulo Doze

Jackson

— POR QUE PRECISO IR NA casa dos meus avós hoje? Quero ficar aqui e brincar com a Jess. Eu os vejo no domingo. — Kayla esteve reclamando desde quando voltamos da escola para casa, o que dificultou, e muito, que ela fizesse as malas e que eu me arrumasse para o encontro.

Olhei para minha filha, esperando que o que eu estava prestes a dizer fosse bom o suficiente. Não tínhamos segredos um para outro, a não ser que fosse algo para o qual ela ainda era muito nova. Olhei a testa franzida dela e tomei uma decisão.

— Papai tem um encontro hoje, então, a vovó e o vovô disseram que vão cuidar de você. Eles mencionaram algo sobre pipoca e um filme; sei que você vai amar — garanti, observando-a cuidadosamente enquanto eu falava.

Porque ela tinha toda minha atenção, vi sua testa franzir ainda mais e seus olhos semicerrarem.

— Um encontro? — ela soava exatamente como Julie.

— Sim, querida. Um encontro. Vou jantar com Millie no *Prime Beef*.

— Millie, da minha festa de aniversário? — perguntou Kayla, suas mãos indo para a cintura, e seu lábio inferior ficando à mostra, num bico.

— Sim, você gostou dela, lembra? — indaguei, esperançoso e incerto de como lidar com essa nova versão de minha filha.

— Você não pode sair com ela... você é casado, *lembra?* Além disso, não gostei dela. Ela é burra.

— Kayla Ann Heeler — ameacei, minha voz grossa e firme. — Você não pode falar assim sobre as pessoas, e você, com certeza, não pode xingar ninguém. Sua mãe se foi faz quase um ano, você não acha que é hora de eu seguir em frente, de me divertir um pouco, ser feliz? — Fiz uma pausa, esperando que ela dissesse algo, mas quando continuou apenas franzindo a testa, eu olhei feio de volta. — Precisamos ir, mas vamos conversar sobre seu comportamento mais tarde. Agora, vá pegar sua mochila e me encontre no carro.

— *Que seja* — disse minha geralmente doce e angelical menina, baixinho, virando-se e marchando em direção ao seu quarto.

Fiquei parado ali por um momento, observando-a e passando uma mão pelo cabelo, frustrado.

Eu mereço um pouco de felicidade, não? Não é o fim do mundo um homem ter um encontro com uma linda mulher, aproveitar um bife e, esperançosamente, beijar aqueles lábios volumosos mais uma vez, certo?

Respirando fundo, fui pegar minhas coisas, segui para a porta e parei, inclinando minha cabeça e tentando ouvir qualquer movimento na casa.

Quando não ouvi nada, vociferei:

— Kayla, vamos!

— Que saco! — gritou ela de volta. Ouvi sua porta batendo e seus passos atingindo o corredor enquanto ela vinha em direção à porta.

— Você está mesmo querendo levar uma bronca — murmurei, assim que ela passou por mim e saiu pela porta.

Ela não respondeu, apenas entrou no banco traseiro e se afundou no assento. Não consegui evitar rir de sua agressividade enquanto eu trancava a porta e contornava a caminhonete. Kayla só sentava no banco de trás quando estava irritada com alguma coisa. Era uma de suas maneiras passivo-agressivas de me avisar que estava *fula* comigo.

Liguei o rádio, pois sabia que a curta viagem estaria cheia de um silêncio zangado. Quando chegamos na casa dos pais de Julie, Kayla pulou para fora e correu degraus acima, desaparecendo sem nem se despedir.

Deixei a caminhonete ligada, mas saí para cumprimentar minha sogra e avisá-la de que Kayla estava de mau humor.

Notei que ela percebeu assim que ela saiu da casa e me perguntou:

— O que houve com Kayla?

Esperei estar a poucos metros dela antes de responder, gentilmente:

— Disse a ela que eu teria um encontro hoje.

O olhar no rosto dela pareceu triste, mas compreensivo.

— Vou conversar com ela, Jackson — ofereceu, com delicadeza, então, pareceu estar tentando descobrir o que falar em seguida. — Chegou a hora, filho.

Meu coração ficou apertado quando o amor que eu sentia por aquela mulher me preencheu, me curvei para dar um beijo em sua bochecha.

Quando me afastei, perguntei:

— Você teve notícias dela?

Minha sogra balançou a cabeça, triste.

— Sinto muito, Ruth. Vou contratar alguém para encontrá-la, assim, poderei entregar os papéis do divórcio a ela.

Vi os olhos dela se encherem de lágrimas, e senti sua dor bem em meu interior.

— Por favor — sussurrou ela. — Avise-nos se a encontrar.

— Pode deixar, Ruth. Claro que farei isso.

Ela assentiu, enxugou as bochechas e conseguiu sorrir.

— Vou conversar com Kayla, pode ir e divirta-se. Vemos você amanhã.

— Obrigado, Ruth. Te amo.

— Eu também te amo, Jackson — disse Ruth, e fiquei parado até ela se arrastar de volta para a casa e fechar a porta.

Odiei mais Julie naquele momento do que nos últimos meses. Eu não compreendia como a mulher que eu conhecia, a mulher com quem me casei e com quem tive uma filha, poderia se revelar ser uma pessoa completamente diferente da que conheci.

Deixando os pensamentos sobre Julie, Ruth e Kayla de lado, voltei para a caminhonete e segui para o Buffet Três Irmãs para buscar Millie. Apesar de Kayla e seu comportamento anormal continuar encontrando uma maneira de invadir minha mente.

Rezei para que ela ainda não estivesse alimentando esperanças de que Julie voltaria para casa e de que seríamos uma família novamente, mas pensando naquilo, percebi que talvez fosse exatamente isso que estava acontecendo, e meu coração se quebrou.

Vou precisar quebrar o coração da minha filha mais uma vez.

Maldita fosse Julie.



Capítulo Treze

Millie

EU ESTAVA OLHANDO PELA JANELA, sem dar na cara que eu estava *mesmo* fazendo isso. Não queria parecer ansiosa demais, esperando Jackson com o nariz grudado no vidro de nossa loja.

Então, em vez disso, tentei me esconder atrás da porta dos fundos, observando a frente como uma perseguidora sinistra.

Eu o vi chegar, estacionar e pular para fora da caminhonete. Quando chegou à porta, passou as palmas das mãos nas laterais da calça comprida, e ajeitou o óculos no nariz.

Ele está nervoso.

Respirei fundo, e um sorriso tomou conta de meus lábios. Agora, estava calma, pois, sabia que ele se sentia exatamente da mesma maneira que eu; me expus completamente na frente da loja e segui para a porta.

A cabeça de Jackson se ergueu quando percebeu meu movimento, e sorriu, alegre. Ele abriu a porta quando me aproximei, mantendo-a aberta para que eu pudesse sair. Meu braço encostou em sua mão quando passei por ele, e senti um arrepio de antecipação percorrer meu corpo.

— Oi — cumprimentei, baixinho, um tanto envergonhada.

— Oi — respondeu ele, sua voz também baixa.

Ficamos parados ali por um tempo, na calçada, em frente à loja, sorrindo e olhando um para o outro; Jackson pegou minha mão e a levou aos lábios. Quando ele os roçou contra as costas da minha mão, senti um frio na barriga,

e me permiti desfrutar de cada segundo daquele momento.

— Posso buscá-la em casa — disse Jackson, sua mão ainda segurando a minha. — Nem pensei nisso antes, mas espero que você não tenha precisado ir para casa e, depois, voltado para cá para me encontrar.

— Na verdade, você está me buscando em casa — respondi, e uma risada breve me escapou quando vi seu rosto confuso ao olhar para dentro das janelas. — Ali em cima — expliquei. — Tem quatro apartamentos ali. Dru, Tasha e eu moramos em três deles, e usamos o quarto como estoque. Não são grandes, mas dão conta. Pelo menos, por enquanto.

— Ah, nossa, isso é muito legal — disse Jackson, sua cabeça se inclinando para trás enquanto olhava para a janela do meu apartamento. Ele abaixou o olhar e encontrou os meus olhos. — Está com fome?

— Morrendo de fome — admiti, e estava mesmo. Eu não consegui almoçar. Estava animada demais com o encontro e queria ter certeza de que tudo estaria pronto e de que Claire soubesse exatamente o que fazer para que, enquanto eu estivesse com Jackson, eu pudesse focar totalmente na gente.

— Bem, por sorte, precisamos apenas atravessar a rua — disse ele, apontando, todo pomposo, para o *Prime Beef*, fazendo-me rir de sua gracinha. Soltou minha mão e dobrou o cotovelo, para que eu pudesse passar o meu braço pelo dele. — Vamos?

— Vamos — concordei, assentindo exageradamente e rindo.

Atravessamos a rua, rindo pelo caminho todo. Quando chegamos na entrada, Jackson fez uma pausa e colocou um dedo nos lábios, então, se endireitou e se exibiu todo enquanto tentava ficar sério.

Mais um riso me escapou, mas ele sacudiu a cabeça, com uma decepção falsa. Assenti e dei o meu melhor para também manter uma expressão séria.

Olhei-o de cima a baixo enquanto me recompunha, mas fiquei chocada em como ele ficava bonito vestindo uma calça comprida preta, uma camisa social marrom e uma gravata com pequeninos bustos de Shakespeare decorando-a. Seu cabelo estava penteado, mas tinha uma mechinha rebelde arrebitada na parte de trás, o que apenas o deixava ainda mais atraente.

— Tudo bem? — perguntou Jackson, quando percebeu que eu não estava mais brincando, mas, sim, parada na frente do restaurante, encarando-o.

Senti minha bochecha corar quando respondi:

— Você está muito bonito.

Os olhos de Jackson se iluminaram de prazer, e eu dei um sorriso torto quando ele fez uma reverência dramática. Quando se endireitou, ele disse:

— E você, Millie, está deslumbrante, apesar de que você *sempre* está deslumbrante. Sinto muito não ter dito isso logo de primeira. Estava nervoso. Fiquei perdido e comecei a agir como um tolo para encobrir meu nervosismo.

Dei um passo para perto dele, encostei minha mão em sua bochecha e garanti a ele:

— Você não foi tolo. Amo sua habilidade de se divertir, agir como um bobo, usar uma gravata do Shakespeare. Quero que fique confortável comigo e sempre seja você mesmo. E, vou contar um segredo... Eu estava nervosa também, mas você me acalmou.

Jackson inclinou a cabeça, e fiquei sem fôlego enquanto esperava seus lábios tocarem os meus. Quando o fizeram, foram de maneira breve, mas, ah, tão deliciosamente. Eles roçaram contra os meus apenas uma vez, então, duas, antes de se afastarem vagarosamente e sorrirem para mim.

— Pronta? — perguntou ele, de novo, e eu assenti, sonhando acordada, fazendo-o sorrir ainda mais.

Andamos, e ele abriu a porta, a segurou para mim quando entramos.

O *Prime Beef* era um *steakhouse* clássico, com montes de madeiras maciças, luzes fracas e o lindo som ambiente de um saxofone.

Eu nunca comi ali antes, uma vez que nunca tínhamos tempo. Além disso, sempre que eu via o dono, ele estava com a testa franzida, então, nunca realmente tive vontade de ser uma cliente no restaurante dele. Contudo, eu precisava admitir, se a comida chegasse aos pés da decoração, nosso jantar seria fabuloso.

Fiquei mais do que surpresa em ver o dono do *Prime Beef* e sua testa franzida andando em nossa direção, com um amplo sorriso e as mãos estendidas.

— Pensei que ia precisar ligar para os bombeiros para apagarem seu fogo, Jacks — disse o alto e impactante homem que se aproximava.

— Fique quieto — respondeu Jackson, apertando a mão que lhe era oferecida, e puxando-o para um daqueles abraços másculos com tapinhas nas costas. — Tudo bem?

— Tudo certo, estou pronto para as novas partidas de futebol, e você?

— Tudo muito bem. Tudo certo na escola, e Kayla está ótima — respondeu ele, então colocou um dos braços ao redor dos meus ombros. — E *esta* é Millie. Millie, esse é Jericho, dono do *Prime Beef* e meu adversário nos jogos de futebol.

— Um prazer em conhecê-lo, seu restaurante é magnífico — elogiei,

estendendo a mão.

Jericho se voltou para mim, analisou-me, seu sorriso de boas-vindas sumiu. Concluí que ele não era um babaca completo, porque apertou minha mão brevemente, em vez de me deixar esperando, mas murmurou:

— Uma das três irmãs. — Ele continuou parecendo ter comido algo podre, e perguntei-me o que fizemos para merecer aquele olhar.



Capítulo Catorze

Jackson

NÃO SEI POR QUE o comportamento de Jericho mudou quando percebeu quem Millie era, mas não gostei nem um pouco disso.

— Ei, irmão, não sei o que acabou de acontecer, mas seu tom e seu rosto estão me irritando — avisei, baixo o suficiente para que seus funcionários não pudessem ouvir, mas alto o suficiente para que ficasse claro para ele.

Os olhos de Jericho focaram nos meus, e ele franziu a testa, e disse, acanhado:

— Sinto muito, cara. — Então, voltou sua atenção para Millie e pegou novamente a mão dela. — Perdoe-me, Millie. O prazer é meu em conhecê-la. Jackson é um dos meus melhores amigos, e confio no julgamento dele. Sinto muito por ter sido rude.

Millie olhou para ele, incerta, e perguntou, suavemente:

— Você nem me conhece, então, por que...?

Jericho olhou sobre nossas cabeças, direto para o Buffet Três Irmãs.

— Conheço sua irmã, e vamos apenas dizer que, quando as coisas chegaram ao fim, não terminaram bem. Mas isso não tem nada a ver com você, e sinto muito por agir como um idiota esse tempo todo. Fico feliz em receber você e Jackson e adoraria presentear o jantar a vocês hoje.

— Não precisa — respondi, porque, sério, meu primeiro encontro noturno com Millie não sairia *de graça*. Não queria usar meus amigos assim, e não queria que ela pensasse que eu agia dessa maneira. Além disso, havia algo em

pagar pela refeição dela que me fazia me sentir bem, como se eu estivesse tomando conta dela... Se isso me fizesse ser antiquado, que fosse.

— Minha irmã? — perguntou Millie, ainda intrigada com a explicação de Jericho.

— Não seria certo eu contar — disse Jericho, dispensando o assunto, e percebi que ele não falaria mais nada sobre aquilo. Ele se virou e apontou para o salão. — Sua mesa está pronta, podem me seguir.

Lancei um sorriso para a recepcionista ao passarmos por ela, guiando Millie pela mão, enquanto seguíamos Jericho para o salão, em direção a uma mesa redonda no canto dos fundos. Liguei mais cedo e disse a Jericho que teria um encontro. Por ele ser meu amigo, e estar feliz por eu finalmente estar seguindo em frente, Jericho me prometeu uma noite romântica.

Soltei a mão de Millie para que nós dois pudéssemos deslizar para os assentos, encontramos-nos no meio do caminho do outro lado. Sorri, gostando do fato de ela ter escolhido se sentar ao meu lado, em vez de na frente, apesar de que o roçar de sua coxa contra a minha poderia dificultar o meu foco na refeição.

— Ky vai atendê-los hoje, mas não hesitem em me chamar se precisarem de algo — disse Jericho, e acenou antes de partir para a cozinha.

— Isso foi estranho — murmurou Millie, observando Jericho atravessar as portas vaivém.

— Sim, eu nunca o vi agir assim; geralmente, ele é bem calmo e relaxado. Você sabe do que se trata?

— Não. Quero dizer, pensei que ele não tivesse gostado de nos mudarmos para cá e virarmos competição, mesmo não parecendo possível, ou que ele fosse apenas um cara rabugento.

— Ele não é.

— Estranho... E, agora, estou morrendo para saber se ele estava falando sobre Tasha ou Dru, e por que quem quer que seja nunca me disse nada. — Millie balançou a cabeça novamente, então, sorriu docemente para mim. — Chega delas, esse é um problema para depois. Como foi o resto da sua semana?

— Ótima, as crianças estão começando a ler *Orgulho & Preconceito*, o que sempre provoca as melhores discussões.

— Ah, eu amo *Orgulho & preconceito* — admitiu ela, seu rosto assumindo aquela característica sonhadora que sempre aparecia quando as mulheres pensavam em Darcy. — E Kayla, como ela está?

— Muito gentil de sua parte perguntar — respondi, perguntando-me se eu deveria contar a ela sobre o comportamento de Kayla mais cedo ou permitir que tivéssemos a oportunidade de nos conhecermos melhor antes de compartilhar com ela os fardos dos males da paternidade. Decidi pela segunda opção. — Ela sempre ama passar um tempinho com os avós.

— Que bom — comentou ela, pegando o menu e abrindo-o. — Então, eu nunca vim aqui, mas ouvi coisas muito boas. Você recomenda algo?

— Bem, eles preparam um martini delicioso, e não tem como errar com os bifês, e a sobremesa... — Encostei as pontas dos dedos nos lábios e beijei-as. — *Magnifique*.

Percebi que as bochechas dela ficaram vermelhas, e não consegui não ficar encantado quando descobri o motivo.

— Na verdade, pensei que você pudesse ir até a minha casa para a sobremesa. Preparei um *crème brûlée* do qual acho que você vai gostar.

Meu coração bateu forte no peito ao pensar em voltar para a casa dela, primeiro de animação, depois, de nervosismo.

Estaria ela esperando mais do que sobremesa depois do jantar? Estamos prontos para isso? Eu estou pronto?

Eu não apenas nunca beijei outra mulher senão Julie, como nunca *estive* com nenhuma outra pessoa exceto ela, e fazia muito mais do que um ano desde que transamos pela última vez... desde que *eu* transei pela última vez. Estava me sentindo um pouco enferrujado, e nunca me senti mais inexperiente do que naquele momento, simplesmente pensando sobre ficar sozinho com Millie em seu apartamento.

Mas quando olhei para as lindas bochechas rosadas dela, e para a maneira com que seus lábios estavam ligeiramente separados enquanto observava a rejeição tomar conta do meu rosto, perguntei-me se eu não estava sendo apenas antiquado, mas ingênuo.

— É apenas sobremesa — assegurou-me Millie, gentilmente, repousando sua macia e calorosa mão em minha coxa, no que ela queria que fosse um gesto reconfortante, mas que me fez pular no assento. Ela afastou a mão rapidamente, como se tivesse sido queimada. — Sinto muito.

Imediatamente, senti-me culpado e peguei a mão dela, colocando-a de volta em minha perna.

— Não, eu sinto muito, estou exagerando, e tudo que você está fazendo é ser adorável. Fiquei nervoso — admiti, apertando a mão dela levemente contra a minha. — Fiquei apavorado quando pensei no que você estava

esperando ao fim deste encontro, o que foi injusto com você. Como eu disse, faz tempo que não pratico esse tipo de coisa, e estou agindo um pouco estranho.

— Ei — disse ela, inclinando-se para dar um empurrãozinho em meu braço com o ombro. — Apenas pensei que seria legal comer uma sobremesa, com vinho... *ou café*, na minha casa, para que pudéssemos ter um pouco de privacidade e nos conhecermos melhor. Só isso. — Seu rosto se iluminou quando ela sorriu, travessa. — Não vou pular em cima de você, prometo.

Ri, envergonhado, e perdi qualquer controle sobre as reações do meu corpo às palavras de Millie. Quando enrijei e uma ânsia tomou conta de mim, questioneei se eu realmente queria que ela mantivesse aquela promessa, ou não.



Capítulo Quinze

Millie

— ÀS VEZES PARECE QUE VOCÊ nunca tem um descanso, trabalhando e vivendo no mesmo lugar? — perguntou Jackson, enquanto atravessávamos a rua.

O jantar foi perfeito. Uma comida deliciosa, uma conversa gostosa e nenhuma outra trombada estranha com Jericho. Agora, estávamos a caminho da minha casa para a sobremesa, e toda minha coragem de mais cedo sumiu. Achei completamente encantador Jackson estar nervoso sobre ficar sozinho comigo em meu apartamento e sobre quais minhas expectativas poderiam ser. Num primeiro momento, garanti a ele, tranquilamente, que não havia nada com que ficar nervoso.

Então, durante o jantar, minha mente insistia em voltar para nossa conversa, e meu nervosismo cresceu. Não era como se eu estivesse preocupada com ele antecipando um certo fim, eu sabia que ele não estava, mas meu medo cresceu por outro motivo... ele. Eu gostava tanto dele e de tudo sobre ele, sobre a gente, tudo parecia se encaixar perfeitamente, e se eu, de alguma maneira, arruinasse tudo?

Talvez eu devesse acabar com isso agora, antes de ter a chance de ferrar com tudo. Terminar com um final feliz...

Contudo, quando olhei de nossas mãos dadas para o rosto aberto e amigável de Jackson, percebi que não queria diminuir nosso tempo juntos. Na verdade, queria prendê-lo em meu apartamento e nunca mais deixá-lo ir.

Certo, talvez isso seja demais, mas, ainda assim.

— Hm, não. Na verdade, não — disse, finalmente respondendo à pergunta dele. — Gosto de estar perto das minhas irmãs novamente, mas ainda ter meu espaço, onde posso desaparecer quando preciso ficar sozinha. E mais, isso facilitou nossas vidas, agora, no começo, estarmos tão perto do trabalho.

— Aposto que sim — concordou Jackson, enquanto eu abria a porta. — Mas, e agora? Agora que o negócio está a todo vapor? Você pensa em ficar aqui?

— Sim, claro. Pelo menos, por enquanto. — Tranquei a porta atrás de nós, e levei-o escadaria cima para a área comum. — Quero dizer, isso pode acabar mudando quando alguma de nós se comprometer com alguém, decidir começar uma família ou se cansar de morar num apartamento. Nenhuma de nós planeja viver aqui para sempre, mas tem funcionado perfeitamente até agora.

Passamos pela porta de Dru, depois, pela de Tasha, antes de chegarmos à minha, em frente do apartamento vazio que usávamos como estoque.

— É aqui — informei, desnecessariamente, com as mãos tremendo um pouco quando enfiei a chave e girei. Abri a porta, e me afastei, gesticulando para que ele entrasse.

Quando ele atravessou, segui-o e fechei a porta; acompanhei seu olhar, vendo meu apartamento pelos olhos dele.

Esforcei-me para limpar tudo antes de me arrumar, o lugar parecia arrumado, se não brilhante. Meu sofá cinza estava ajeitado com almofadas e um cobertor sob o qual eu gostava de me aconchegar quando assistia à TV. Eu tinha dois espelhos acima do sofá, como decoração, numa tentativa de fazer o lugar parecer maior. Minha cozinha era pequena, mas fofa, com uma prateleira em cima da pia que segurava meus expositores preferidos, com minhas panelas penduradas em ganchos.

Decorei a maior parte com rosa, cinza e branco, e gostava da decoração feminina. Pensava que combinava comigo, e eu amava chegar em casa e vê-la todas as noites.

— Hm... — iniciou Jackson, e eu tirei meu olhar das almofadas para encontrá-lo parado em frente às prateleiras ao redor da TV. — Você quer me contar algo?

Corei levemente, mas mantive minha voz sem qualquer vergonha quando disse, com firmeza:

— Não, por quê? Você não gosta do Rei do *Rock'n'roll*?

Jackson se aproximou de mim, com os olhos zombeteiramente

arregalados, girou e abriu os braços para minha coleção do Elvis.

— Eu gosto tanto do Elvis como qualquer outra pessoa, mas admito que você não é *qualquer outra pessoa*. Parece que tem uma certa obsessão acontecendo aqui.

Minhas prateleiras expunham meus bens mais preciosos. Pratos do Elvis, bonecos, potinhos, decorações de metal, cassetes, DVDs, revistas, pôsteres e a joia da coroa, um violão com capa.

— Eu amo Elvis desde que vi *Feitiço Havaiano* com minha mãe quando eu era uma garotinha. Vi todos os filmes dele, diversas vezes, seus shows... gravados, claro, e tenho todos os CDs. Isso virou uma piada na família. Em todos os aniversários, todos os Natais, droga, em *qualquer* feriado, todo mundo me dá presentes do Elvis. Esses... — Apontei para as prateleiras. — São apenas alguns dos meus favoritos. Tenho caixas e mais caixas cheias de coisas.

Sem mencionar a saia de poodle que tenho na gaveta e os sapatos de lona do Elvis no meu armário...

— Então qualquer cara que se comprometer com você, precisa estar preparado para aceitar o Elvis em sua vida? — brincou Jackson, chegando mais perto de mim e passando os braços ao meu redor.

Inclinei a cabeça para trás, enquanto ele me puxava para mais perto, um sorriso se espalhando em seus lábios e fazendo meu interior agir comicamente.

— Isso mesmo — respondi, e me aconcheguei ainda mais perto e sussurrei, contra os lábios dele. — E, talvez, usar uma camisa havaiana e bermudas apertadinhas de vez em quando.

— Acho que posso lidar com isso — murmurou ele, encostando a boca na minha.

Suspirei com o beijo, feliz por estar novamente nos braços de Jackson. Era como se tivéssemos todo o tempo do mundo; não havia nenhum fervor ou impaciência no beijo, apenas tempo, atenção e muita meticulosidade.

Quando Jackson se afastou e se endireitou, eu estava praticamente derretida nos braços dele, pronta para dizer e fazer o que ele quisesse. Claro, depois de nossa conversa no jantar, eu sabia que ele queria ir devagar; meu corpo, no entanto, estava em guerra com minha mente depois daquele beijo.

Talvez, se eu oferecer mostrar o quarto a ele, ele vai entender a dica, pensei. Em vez disso, fiquei na ponta dos pés para roçar meus lábios contra os dele mais uma vez, antes de perguntar:

— Você prefere vinho ou café com seu *crème brûlée*?

— Vinho — respondeu Jackson, seus olhos apenas um pouco maliciosos, o que eu esperava que levasse *pelo menos* a alguma pegação no sofá mais tarde.



Capítulo Dezesseis

Jackson

TALVEZ NÃO SEJA MÁSCULO ADMITIR isso, apesar de eu nunca ter temido meu lado mais suave, mas depois da noite com Millie, eu estava andando nas nuvens.

O encontro foi melhor do que eu imaginei. Exceto pelo comportamento bizarro de Jericho, a noite foi perfeita.

Amei conhecer Millie melhor. Seu relacionamento estreito com as irmãs, sua obsessão sem sentido por Elvis e como seus lábios encontraram os meus ardentemente depois de um pouco de *crème brûlée* de limão e um copo de vinho, tudo apenas alimentou meu desejo de passar mais um tempo com ela.

Estava prestes a agir como meus estudantes — completamente apaixonados e impossíveis de se estar por perto. E eu amei isso.

Depois de uma noite de sono profundo, acordei me sentindo renovado e animado, contando os minutos até poder ver Millie novamente. Apenas uma nuvem preta encobria minha felicidade, o fato de que hoje era o dia em que eu daria início à minha busca por Julie.

Levaria dias, semanas ou, que Deus não permitisse, meses? Eu não fazia ideia, sabia apenas que era hora de cortar as amarras que me prendiam ao que se transformou numa força destrutiva em minha vida.

Com Kayla em segurança com os pais de Julie, passei a manhã me organizando, então, dirigi para fora da cidade, em direção ao condado vizinho, onde o detetive particular que meu amigo Rob recomendou tinha um

escritório.

Estacionei em frente à construção desinteressante pouco antes do meio-dia, meu horário marcado, e respirei fundo antes de entrar.

Estava prestes a mudar o caminho de nossas vidas para sempre, da minha e de Kayla. Ou, pelo menos, estava prestes a completar as mudanças que Julie iniciou quando partiu. Parecia ser um momento decisivo, enquanto, ao mesmo tempo, parecia que eu estava tornando real o inevitável.

Nenhum sino soou quando a porta foi aberta, não havia ninguém para me saudar nem me oferecer café, e nem um escritório charmoso e estranhamente decorado esperando para dar as boas-vindas aos clientes.

Não, o escritório de Michael “Mick” O’Donnelly mais parecia um lar cavernoso do que um escritório.

Com sofás escuros de couro caríssimo, uma poltrona em frente a uma TV de tela plana, uma pequena geladeira na parede ao lado de um bar completamente estocado e um jogo de dardos no canto, quase dei meia-volta e saí para verificar o endereço do lugar, certo de que acabara de entrar na casa de alguém em vez de num escritório.

Mas, depois da área de estar de arromba, havia um escritório. Com uma grande mesa de madeira, três gabinetes e cinco prateleiras de livros, além de um irlandês enorme sentado atrás de um computador, digitando.

— Você é o Heeler? — perguntou o homem, sem tirar os olhos do que estava fazendo. Sua voz era grave e rouca, e quando atravessei a sala para me sentar numa das cadeiras vazias em frente à mesa, fiquei surpreso ao ver que ele tinha minha idade.

Acho que eu lia livros demais, assistia à filmes demais, porque nada naquele detetive particular era o que eu esperava.

— Sim, Jackson — respondi, e quando cheguei perto o suficiente, estendi minha mão. — Pode me chamar de Jacks.

— Mick — disse ele, apertando breve e firmemente minha mão antes de voltar a digitar. — Sente-se. Preciso terminar esse resumo enquanto as coisas ainda estão frescas na minha mente. Tem água e cerveja na geladeira, se você quiser.

— Obrigado, mas não precisa.

Sentei-me na cadeira mais próxima e, imediatamente, decidi que precisava descobrir onde Mick a comprou e adquirir uma para minha sala de aula. Era mesmo muito confortável.

Meus olhos analisaram os arredores enquanto eu tentava não encarar, de

maneira estranha, o homem à minha frente. Ele era grande; mesmo sentado, eu percebia que o cara era um gigante. Provavelmente, fazia CrossFit, o que eu também faria se tivesse tempo e não a força, na parte superior do corpo, de uma criança de dez anos.

Ele era um contraste entre luz e escuridão. Pele pálida, com cabelo e sobrancelhas escuros, mas quando seus olhos encontraram os meus, fiquei assustado com quão verdes e claros eram. Nunca vi olhos daquela cor, eram bem interessantes.

Claro, eu não diria isso a ele... O cara, provavelmente, iria me atirar para longe como se eu fosse um pneu velho se eu comentasse sobre a cor de seus olhos.

Ele parou de digitar e começou a dizer:

— Certo, no telefone, você disse que esse era um caso de pessoa desaparecida. Pode me dar mais detalhes?

Mick se reclinou na cadeira, era o tipo de cadeira que se movia quando a pessoa reclinava, e entrelaçou as mãos sobre a barriga. Aqueles olhos verde-claros me ancorando no lugar.

Era um tanto enervante.

— Hm, sim, bem, não *desaparecida*, mas que saiu e foi embora. Minha esposa saiu de casa faz quase um ano, dizendo que precisava *não* mais ser uma esposa e uma mãe. Estávamos sufocando-a, atrasando-a, e ela precisava se encontrar. Não tive notícias desde então.

— E a família dela?

Balancei a cabeça.

— Não, eles dizem que também não tiveram notícias, e acredito neles. Somos próximos. Eles são próximos dos meus pais, e a gente se vê o tempo todo. Minha filha está com eles agora, na verdade, minha sogra me pediu para avisá-los se você encontrasse Julie.

— Tem certeza de que estão falando a verdade e não apenas honrando uma promessa que fizeram à filha?

— Sim. Não, sei que estão falando a verdade. Ruth, minha sogra, não apenas perdeu peso no último ano, mas perdeu um pouco do brilho, sabe? O desaparecimento de Julie teve um preço alto pra ela... Ela não sabe onde a filha está.

Mick assentiu rapidamente e se endireitou, pegando um bloco de anotações e deslizando-o para mim. Ele repousou uma caneta em cima e ordenou:

— Escreva o nome de todo mundo que você acha que a conhecia, não deixe ninguém de fora. Colegas de trabalho, amigos, família, o cara que podava seu jardim... todo mundo. Vou começar por aqui, então, seguir as pistas.

— Você acha que pode encontrá-la? — Olhei para o homem que poderia, finalmente, fechar esse capítulo da minha vida, e percebi que acreditava que ele realmente poderia fazer isso.

— Nunca falhei antes — alegou Mick. — Não pretendo falhar agora.

E isso era o suficiente para mim.



Capítulo Dezessete

Millie

— ARRASAMOS DEMAIS NAQUELA RECEPÇÃO — disse Dru, feliz, inclinando a cabeça para trás, com os olhos fechados e uma taça de champagne nas mãos.

Tivemos um daqueles raros eventos em que todas as mãos foram necessárias, então, nós três, junto com toda a nossa equipe, passamos o dia e a noite toda de domingo preparando nossa maior recepção de casamento até o momento.

Muito sangue, suor e lágrimas foram empregados para que tudo ficasse perfeito, e valeu a pena.

Agora que tudo tinha sido limpo e desmontado, minhas irmãs e eu estávamos de volta à loja, sentadas no pequeno restaurante na parte da frente. As cortinas estavam fechadas, ninguém conseguia ver o lado de dentro, e tudo estava deliciosamente calmo.

— Sim, arrasamos — respondeu Tasha, erguendo sua taça e cutucando Dru com o joelho para que ela se endireitasse e abrisse os olhos. — Ao Buffet Três Irmãs, e ao negócio, por ter se tornado muito mais do que eu, um dia, imaginei. Bom trabalho hoje.

Meus pés estavam latejando, e minhas costas doíam, mas eu tinha um grande sorriso no rosto quando brindei com elas.

— Ao Três Irmãs.

Tomei um gole de champagne e soltei um suspiro alegre, desfrutando da sensação das bolhas deslizando pela minha garganta.

— Foi um dia bem-sucedido — comentei, movimentando minha cabeça de um lado ao outro para me livrar dos nós no pescoço. — Mas, com certeza, estou grata de termos o dia de folga amanhã.

— Amém — respondeu Dru, então, semicerrou os olhos para cima de mim. — Estivemos tão ocupadas que não tive a chance de ficar sabendo dos detalhes sobre sexta-feira à noite.

— Ah, é mesmo — concordou Tasha, arrastando a cadeira para mais perto de mim e se inclinando sobre a mesa, apoiando o queixo nas mãos e piscando lentamente para mim.

— Pare com isso — repreendi, rindo enquanto gentilmente empurrava a cabeça dela.

Tasha deu um tapinha na minha mão e ordenou:

— Desembuche. Agora. Você sabe que estamos vivendo indiretamente por você. Não deixe nada de fora... Ele é bruto ou gentil? Ele prefere ficar em cima ou embaixo? Ele fala sacanagem ou recita frases dos livros que ele lê? Vamos, conte tudo.

— Jesus — disse Dru, rindo. — Eu não quero *tanta* informação assim sobre a vida sexual de Millie, quero saber apenas se vocês foram até o fim. Você precisa sair mais, Tash.

— Eu sei — suspirou Tasha, dramaticamente, e todas rimos. — Mas, falando sério, Mills, como foi?

— O jantar foi delicioso, assim como a sobremesa — comecei, timidamente, e me lembrei do incidente no *Prime Beef* e decidi que era hora de virar o jogo para cima delas. — Para responder sua questão, Dru, a gente não chegou lá... E tudo que vou dizer, Tasha, é *sim*, para tudo que você perguntou.

— Ah — disse Tasha, com os olhos arregalados e o queixo caído.

— Agora, tenho uma pergunta para vocês — disse, afiando meu olhar para cima das minhas irmãs, olhando para cada uma delas, esperando ver suas reações. — *Jericho Smythe*.

Vi o sangue desaparecer do rosto de Tasha. *Bingo*.

Depois de um segundo, Dru disse:

— Bem, isso não é uma pergunta, é um nome... Quem é Jericho Smythe?

— Pergunte para a Tasha — informei, meus olhos focados no rosto da minha irmã mais nova.

Dru se voltou para Tasha e perguntou:

— Quem é Jericho Smythe?

Quando Tasha não respondeu, eu disse:

— O dono do *Prime Beef*. Aparentemente, existe alguma história entre nosso vizinho rabugento e nossa irmãzinha.

— *O quê?* — Dru praticamente gritou. Eu conseguia compreender seu choque, estivemos trabalhando do outro lado da rua de Jericho por mais de um ano, comentando sobre o quão ranzinza ele sempre parecia ser e nos perguntando por que nos odiava, e, esse tempo todo, Tasha era o motivo.

Era bizarro demais.

— *Aparentemente* — comecei, quando pareceu que Tasha se manteria calada. — Eles estiveram juntos e tudo acabou mal. Tipo, juntos *juntos*.

— *O quê?* — guinchou Dru mais uma vez, obviamente incapaz de formar frases completas.

— A pergunta que eu queria fazer era *quando*, mas depois de pensar melhor, ficou claro — declarei, observando a dor se espalhar pelo rosto de Tasha. Então, suavizei minha voz. — Foi quando você estava na faculdade, não? Antes da mamãe ficar doente.

Tasha assentiu vagarosamente; meu peito ficou apertado, e uma lágrima escorreu pela bochecha dela.

— Ah, meu Deus, foi sério — disse Dru, finalmente encontrando algumas palavras e se aproximando para colocar um braço ao redor de Tasha. — O que aconteceu?

— Estávamos apaixonados — disse Tasha, baixinho, sua voz rouca como se tivesse acabado de chorar por horas.

Estiquei minha mão sobre a mesa, repousei-a sobre a dela e a apertei com carinho.

Ela respirou fundo e continuou:

— Quando conheci Jericho, senti como se fosse uma chance em um milhão. Ele era tão... *perfeito*. Bonito, confiante, *sensual*. Ele estava na classe de contabilidade, alguns anos na minha frente, e parecia estar com a vida toda definida. Eu era jovem, minha primeira vez sozinha no mundo, e me senti como um peixe fora d'água. Perguntava-me o que eu estava fazendo ali, e até mesmo pensei em largar tudo e voltar para casa, então, ele me chamou para um café.

Tasha riu, como se ainda fosse incapaz de acreditar que um homem bonito e mais velho quisesse chamá-la para sair, seu rosto se iluminou brevemente antes de sua expressão mudar.

— Foi um turbilhão; ele se tornou tudo para mim, tanto que isso me

deixou terrivelmente assustada. Ele é bem intenso, e sempre sabia exatamente o que queria, enquanto eu ainda estava tentando compreender tudo. Não ele, quero dizer, eu tinha certeza de que estava apaixonada... completamente apaixonada. Mas não tinha certeza do que fazer com a minha vida, e eu ansiava ser independente. Vocês sabem disso, por isso fui embora, daí, comecei a ficar preocupada com o fato de que eu estava perdendo minha vida para ganhar essa independência, porque eu estava apaixonada demais por Jericho.

Quando Tasha ficou em silêncio, Dru incentivou:

— E então?

— Então, mamãe ficou doente. Millie se formou em gastronomia, e você estava em seu último semestre. Eu sabia que precisava estar aqui com vocês, e com a mamãe, decidi voltar para casa e fazer a transferência... para terminar os estudos aqui.

— E Jericho? — perguntei, gentilmente.

Tasha deixou a cabeça cair, e sua voz soou tão baixa, que precisei me esforçar para ouvir sua resposta.

— Eu apenas fui embora. Fui uma covarde completa, e mamãe teve de ficar doente para que eu percebesse que precisava me livrar de Jericho e descobrir o que *eu* queria fazer da vida. — Tasha ergueu o olhar, suas lágrimas escorrendo livremente agora. — Ele tem o direito de me odiar. Estive esperando-o me confrontar, me mandar embora ou gritar comigo, mas ele não fez nada disso. Ele me ignorou... esse tempo todo... como se eu não significasse nada. Como se eu não tivesse quebrado nossos corações quando fui embora. E acho que talvez eu não tenha quebrado. Talvez, ele nem percebeu quando eu fui embora.

Com isso, Tasha se levantou e saiu. Os olhos de Dru procuraram os meus, e compreendi no que ela estava pensando... precisávamos dar uma surra em Jericho Smythe.



Capítulo Dezoito

Jackson

Ei! Sei que você tem aulas, mas poderia dar uma saída no almoço? Se não, sem problemas. Só queria perguntar.

EU ESTAVA CAMINHANDO PELO CORREDOR, o debate da aula deixou minha mente agitada com os prós e os contras do Sr. Darcy, quando a mensagem de Millie chegou. Um sorriso instantâneo e, tenho um pouco de vergonha em admitir isso, um friozinho na barriga foram minhas reações imediatas ao ver o nome dela aparecer na tela do meu celular.

Infelizmente, não tinha tempo para dar uma escapada durante as aulas, mas fiquei tão feliz por Millie ter entrado em contato e querer me ver que me perguntei quão rigorosa seria a política do diretor Wiggins contra não-funcionários comerem na sala dos professores...

Percebendo o que eu estava disposto a arriscar, respondi com outra mensagem:

Não posso sair no almoço, mas você pode vir aqui. Posso até dividir meu sanduíche de manteiga de amendoim e banana com você. Meu almoço vai até às 12h30.

Estava parado no meio do corredor, olhando para meu celular enquanto esperava a resposta de Millie quando uma mão gentil no meu ombro e uma voz suave chamando meu nome me tirou daquele devaneio e me fez erguer o

olhar.

— Ah. Oi, Rebecca. Sinto muito, não vi você — respondi, timidamente, olhei novamente para baixo assim que senti o celular vibrando.

Haha não vou roubar seu sanduíche, vou levar o meu. Preciso passar na recepção?

Não, eu a encontro ao lado da escola, siga as placas que dizem “estacionamento dos professores” e estarei lá

— Hm, foi mal, Rebecca — murmurei, tirando os olhos do telefone e olhando para ela. — O que foi?

Meu celular vibrou mais uma vez.

Perfeito, vejo você em dez minutos.

— Se agora não for um bom momento... — começou Rebecca, sua voz desaparecendo quando voltei minha atenção para ela mais uma vez e guardei o celular no bolso traseiro.

— Sinto muito, não. Claro que não — afirmei, e senti uma pontada de pânico no peito. E se o que Ty disse fosse verdade, e Rebecca estivesse prestes a me chamar para sair?

Percebi que suas mãos estavam inquietas e que seus olhos estudavam os arredores do corredor, olhando para tudo e todos, menos para mim.

— Bem, isso pode soar estranho, mas estava me perguntando se...

Quando ela fez uma pausa, repousei uma mão reconfortante em seu ombro e apertei-o gentilmente.

— Rebecca, acho você uma pessoa incrível. Adorei conhecê-la ao longo dos anos e tê-la ao meu lado nos bailes sempre os deixou muito mais suportáveis, mas penso em você apenas como amiga...

Rebecca olhou da minha mão em seu ombro para meu rosto, seu olhar bastante confuso.

— Quê? — perguntou ela, e um medo diferente tomou conta de mim.

Um medo humilhante e embaraçoso.

— Você não ia me chamar para sair? — perguntei, com cuidado, apesar de perceber em seu rosto que não ia. — Sinto muito, mas estou saindo com uma pessoa, e Ty disse que você tinha uma quedinha por mim.

O queixo de Rebecca caiu um tanto, e ela bateu a palma da mão contra a testa.

— Isso explica tudo — suspirou ela.

— O quê?

— Ano passado, depois de Julie, posso ter tido uma quedinha — começou Rebecca, erguendo o indicador e o polegar para indicar quão pequena foi.

— Não precisa disso — murmurei, empurrando a mão dela para baixo e olhando ao redor, esperando que ninguém tivesse escutado nossa conversa ou entendido errado o que ela indicara como pequeno.

— *Mas*, depois de passar um tempo com você e de ajudá-lo, percebi que éramos *com certeza* melhores como amigos. — Enquanto eu tentava processar se isso machucava ou não meus sentimentos, ela continuou. — E, desde então, percebi que a pessoa por quem sinto algo, estava preocupada que eu não teria chance com você... mas agora tudo faz sentido, porque ele pensa que estou afim de você.

Precisei de um momento para colocar meus sentimentos de lado e entender, e quando entendi, gritei:

— Ty?

Rebecca fez uma careta para minha reação, passou a mão pelo cabelo no que eu sabia ser um gesto vindo do nervosismo, e disse:

— Olha, sei que ele é um tanto *dado*, mas eu, realmente, *de verdade*, gosto dele. Ele é inteligente, engraçado, um ótimo professor e muito gostoso.

Dessa vez, eu fiz uma careta. O que éramos agora, *colegas de fofoca*? Não queria ouvir quão *gostoso* uma das minhas amigas achava que meu amigo era... Na verdade, agora que eu sabia que eu não era um alvo, queria dar o fora daquela conversa e ir esperar Millie.

— Bem, *olhe*, Rebecca... — comecei, mas ela me interrompeu.

— Jackson, quero apenas que você jogue um verde, descubra se ele está interessado e, talvez... melhore minha imagem?

Ela parecia tão esperançosa que eu não consegui dizer nada além de:

— Sim. Claro, farei isso, mas estou com pressa agora, tudo bem?

— Tudo bem — disse Rebecca, com um grande sorriso, ficou na ponta dos pés e me deu um beijo na bochecha antes de adicionar: — Você é o melhor.

Ri quando ela, praticamente, deu pulinhos pelo corredor, então, me virei e corri para encontrar Millie na porta lateral. Pude vê-la caminhando na calçada pela janela da porta enquanto me aproximava. Estava cheia com a bolsa, uma lancheira estilosa e uma embalagem enorme que eu realmente esperava que contivesse um bolo.

Abri a porta e a mantive aberta para ela, seu sorriso me deixou quente por

dentro quando ela ergueu o olhar e me viu parado ali.

— Oi — disse Millie, docemente, passando por mim. Ela ergueu a embalagem alguns centímetros. — Trouxe um bolo *red velvet*.

Minha resposta foi suspirar e dizer:

—*Eu te amo.*



Capítulo Dezenove

Millie

PAREI DE ANDAR QUANDO PERCEBI que eu estava caminhando pelo corredor sozinha e que não fazia ideia de para onde deveria ir. Virei-me e vi Jackson ainda parado na porta, congelado, com a boca um tanto aberta enquanto a movia, mas sem emitir qualquer som.

Tentei compreender o que aconteceu, então, suas palavras voltaram em minha mente e eu gargalhei.

— Relaxe, Jackson. Sei que foi apenas uma reação ao bolo, e que você não me ama de verdade — garanti, mesmo suas palavras tendo me deixado um tanto arrepiada quando saíram de sua boca. — Não precisa ficar desesperado. As pessoas dizem que me amam o tempo todo depois de provarem meus pratos.

Alívio percorreu o rosto dele, e ele sorriu ao se aproximar.

— Mesmo? Tenho tanta competição assim?

— Sim — brinquei, andando na mesma velocidade que ele ao seguirmos pelo corredor vazio.

Foi um tanto estranho estar de volta ao Ensino Médio. Isso trouxe memórias à tona. Algumas boas, como eu e Dru rindo, correndo pelos corredores para chegar ao treino de futebol antes de sermos punidas pela treinadora. Ou ruins, como quando meu namorado Cooper me disse que estava terminando comigo para sair com a chefe das líderes de torcida.

— Você acabou de me chamar de *desesperado*? — perguntou Jackson,

sua voz cheia de graça, trazendo-me de volta à realidade.

— Com certeza — respondi, rindo. — Você sempre se perde em pensamentos sobre coisas que acha que eu penso ou espero, e eu entendo, você está fora de sua zona de conforto e isso o deixa nervoso. Mas, Jackson, gosto muito de estar com você, e espero que você goste de estar comigo também. Não estou colocando pressão em nenhum de nós, e se você ficar nervoso ou se estiver imaginando o que estou pensando ou sentindo, simplesmente pergunte, pode ser? Prometo que direi a verdade.

Jackson parou e sorriu para mim, então, se inclinou para encostar os lábios suavemente contra os meus.

— *Isso aí*, Sr. H!

Tomamos um susto e nos separamos. Eu corei, então, sorrimos um para o outro, e ele tirou o bolo das minhas mãos.

— Sinto muito, deveria ter pegado isso desde o começo. Vamos.

Olhei ao redor da sala dos professores assim que entramos, e ela parecia exatamente com o que sempre imaginei que seria. Cheia de xícaras de café, um micro-ondas no balcão, uma geladeira enorme e cerca de cinco mesas redondas espalhadas pelo lugar. Havia uma pequena TV de tela plana, num dos cantos, ligada num programa matutino.

Havia cerca de oito mulheres espalhadas e dois homens sentados numa mesa no fundo da sala. Um deles era um pouco mais velho e um tanto mais cheio, com cabelo castanho claro e olhos gentis, enquanto o outro era obviamente sarado, com um cabelo curto preto, pele cor de caramelo e um rosto perfeito para flerte. Suas cabeças se aproximaram quando Jackson abriu a porta, e acompanharam nosso progresso pelo local.

— Pessoal, esta é Millie — disse Jackson, quando paramos em frente à mesa deles. Ele parecia orgulhoso de me apresentar, o que me deixou quente por dentro, e precisei segurar uma risada quando notei a maneira que nos olhavam, em silêncio, com os olhos arregalados. — Millie, estes mudos são meus amigos. Rob ensina Álgebra I, e Ty, Educação Física.

— Prazer em conhecê-los — disse, pensando que Rob era igualzinho ao professor de Álgebra que eu tive no Ensino Médio, e que Ty, provavelmente, estava cansado das adolescentes cheias de hormônio que achavam o professor de Educação Física gostoso.

— Ela trouxe bolo para a gente — complementou Jackson, erguendo o bolo como prova, quando os amigos continuaram sem responder.

— *Red velvet* — ofereci, e eles finalmente se livraram do choque.

— *Red velvet?* Meu favorito, não conte para Jan — brincou Rob antes de tomar um gole de *Coca-Cola*.

Ty se levantou e me ofereceu uma das mãos, à qual apertei, então, apontou para a cadeira e disse:

— Por favor, sente-se. Sinto muito, ficamos perdidos por alguns segundos, pensamos que Jackson estava exagerando quando disse quão bonita você era e nos surpreendemos quando vimos que ele, na verdade, estava sendo humilde.

Ri quando Jackson revirou os olhos e foi deixar o bolo no balcão.

— Que gentil, Ty. Obrigada — disse, minhas bochechas ficando quentes. — Sei que não têm um intervalo muito longo para o almoço. Obrigada por me deixarem vir.

— acredite em mim, o prazer é nosso — respondeu Ty, sagaz.

— Certo, certo — repreendeu Jackson, sentando-se. — Chega disso, paquerador.

Ty fingiu ficar ofendido, então, se endireitou, sorriu e enfiou algumas amêndoas na boca.

— Foi mal, temos apenas dez minutos sobrando, vai ser o suficiente para você comer? — perguntou Jackson, inclinando-se para que nossos ombros se tocassem.

Olhei para ele e me perdi em seus olhos por um momento. Notei manchinhas verdes no marrom, que pareciam brilhar por trás do óculos, e me impedi de suspirar quando me lembrei de como Jackson me olhou, na sexta-feira à noite, quando estávamos deitados no meu sofá.

Sua covinha apareceu, ele murmurou:

— Millie?

— Hmm? — Percebi que estava encarando-o e voltei minha atenção para a lancheira. Tirei um sanduíche e me arrisquei a olhar para cima, apenas para encontrar Rob e Ty sorrindo exageradamente para mim. Enrubesci. — Oi.

— Oi — responderem em uníssono, ainda sorrindo, e ouvi Jackson rir ao meu lado.

— Sabe, Millie, estamos muito felizes em conhecê-la, mesmo. Não tem sido fácil para Jackson desde Julie, e é bom vê-lo mais feliz do que nunca — disse Rob.

— *Rob* — advertiu Jackson, provavelmente não querendo que falassem sobre Julie, mas Rob ignorou o aviso.

— *O quê?* É verdade, e Millie deveria saber.

— Vamos sair sábado à noite, você deveria vir conosco — convidou Ty.

— Onde vocês vão? — perguntei, mesmo sabendo que precisaria trabalhar e que seria impossível tirar outra noite de folga num fim de semana. Ainda assim, foi gentil da parte dele me convidar.

— Bem, Rob gosta de bares *country*, e Ty gosta de sair para dançar, então, sempre vamos ao pub irlandês. Fica no meio do caminho.

— Não sei se um pub irlandês fica entre uma boate e um bar *country*, mas funciona. Nada agitado; podemos conversar e beber um pouco — adicionou Ty.

— Parece muito divertido, e queria poder, mas temos dois eventos no sábado, e não posso perdê-los. Talvez na próxima?

— Ah, é mesmo, você é uma empresária... Você tem algum dia de folga? — perguntou Rob.

— Segunda-feira.

— Segunda que vem é dia de reunião dos professores. Podemos mudar nossos planos para a noite de domingo, se for melhor para você? — perguntou Ty, e achei muito meigo me quererem com eles na noite dos garotos.

— Hm. — Folheei meu calendário mentalmente. — Sim, na verdade, o evento de domingo é um café da manhã, então, tudo deve ter acabado e estar limpo pelas quatro.

— Combinado, então — disse Ty; fez uma pausa, sorriu e perguntou: — Acho que Jackson mencionou que você tinha irmãs.

— Ty — disse Jackson, tentando soar bravo, mas não conseguindo quando riu do amigo.

— O que foi? Estou apenas dizendo, elas merecem sair de vez em quando, certo? Por que não nos encontramos todos, jantamos e bebemos um pouco?

— Vou ver se Jan quer ir — disse Rob, e franziu a testa. — Mas, assim, não vou poder tomar cerveja nem comer os petiscos. Talvez eu não a chame.

— Vou conversar com as minhas irmãs, ver se elas querem ir — comentei, rindo.

— Perfeito — respondeu Jackson, e me virei para ele e sorri, feliz com a possibilidade de outra noite com ele, mesmo se fosse em grupo.

Então, o sinal tocou, e Jackson murmurou:

— Droga, você não deu nem uma mordida no seu sanduíche.

— Tudo bem — prometi, levantando-me. — Eu me diverti.

Jackson se inclinou, e eu fiquei na ponta dos pés, ansiando encontrar sua

boca, mas antes de nos tocarmos, uma voz firme soou:

— Sr. Heeler. — E ambos nos assustamos.

Giramos nossas cabeças lentamente e vimos um homem baixinho vestindo uma camisa social e uma gravata, com a testa franzida.

— Quem é ele? — sussurrei.

— O diretor — respondeu Jackson. — Pode ir, eu me viro.

Recolhi minhas coisas e corri para fora.

Enquanto ia embora, ouvi Rob dizer:

— É melhor que esse bolo ainda esteja aqui depois das aulas.

E o diretor perguntar:

— Quem era ela? Você não estava tendo um encontro no meio do trabalho, estava, Sr. Heller?

E Ty se intrometer:

— Dê um desconto a ele, Wiggins, ele finalmente está feliz.

Então, saí dali o mais rápido que consegui.



Capítulo Vinte

Jackson

FAZIA ALGUNS DIAS DESDE QUE eu fui repreendido por Wiggins pelo meu encontro na sala dos professores, mas pensar nisso ainda me fazia sorrir. Ressaltei ao diretor que não existia nenhuma regra escrita contra isso, e ele se irritou, dizendo que estava subentendido e perguntou se eu, alguma vez, vi mais alguém trazer convidados para o almoço.

Apesar de eu ter visto Jan, algumas vezes, quando Rob esquecia o almoço, eu sabia que estava saindo da linha convidando Millie. Mas a questão era, eu não conseguia me importar. Não a vi desde então, e isso foi há quatro dias, então, fiquei feliz em ter podido vê-la, mesmo que tivesse sido por apenas alguns minutos.

Mantivemos o contato via mensagens ao longo dos dias. Conversamos algumas vezes, mas tínhamos agendas diferentes, e ela, geralmente, ainda estava trabalhando quando eu saía da escola. Sempre ouvi dizer que ter um negócio próprio era difícil, mas a quantidade de horas que Millie e as irmãs investiam nisso era surpreendente.

Felizmente, elas estavam conversando sobre contratar mais pessoas por período integral. Eu não sabia como elas vinham funcionando ao longo do ano e fiquei feliz de estarem numa posição em que poderiam contratar mais ajuda e dar a si mesmas um pouco mais de descanso.

Balancei a cabeça e olhei para as redações que estava corrigindo. Isso vinha acontecendo muito ultimamente, sonhando acordado com Millie

quando eu deveria estar fazendo outra coisa. Não havia como negar, a mulher estava tomando o controle de mim.

Esse pensamento me fez sorrir, e foquei na papelada na minha frente.

Os estudantes resmungaram quando chegaram na aula e descobriram um teste surpresa esperando em suas mesas. Na verdade, era menos uma prova e mais uma chance de eles me contarem suas opiniões sobre o que andávamos lendo e discutindo em aula. Isso me ajudaria a determinar o quanto compreenderam do material, enquanto me permitiria vislumbrar seus pensamentos e sentimentos sobre o assunto.

Eu fazia isso com todo livro que líamos, e era uma das minhas partes preferidas das aulas, ver como uma obra poderia ser interpretada de tantas maneiras diferentes.

— Papai?

Olhei por sobre a mesa para onde Kayla fazia o dever.

— Sim, querida?

— Preciso ficar com a vovó e o vovô de novo esse fim de semana? — perguntou ela, evitando meu olhar enquanto brincava com um lápis.

Larguei a caneta vermelha que eu segurava e ajeitei o óculos quando olhei para minha filha, preocupado.

— Você adora ficar com eles. Aconteceu alguma coisa? Tem algum motivo pelo qual você não quer ficar com eles?

Kayla deu de ombros e continuou não olhando para mim.

— Kayla — chamei, gentilmente, encorajando-a. — O que está acontecendo, querida?

— Não é mais divertido ficar lá — sussurrou ela. — Vovó está sempre triste, e vovô, sempre nervoso.

Suspirei, mentalmente criticando Julie pelo efeito negativo que ainda causava na vida de todos, mesmo um ano depois.

— Eles não estão sentindo isso por sua causa, estão apenas com saudade de sua mãe.

— Eu sei, mas fico triste quando estou lá.

— Quer que eu converse com sua outra avó e vejo se você pode ficar com ela e com o vovô? — perguntei, falando sobre meus pais.

Kayla balançou a cabeça.

— Você quer que eu fique em casa? Eu ia me encontrar com Rob e Ty, também com Millie e as irmãs dela, que ainda não conheci. — Observei o rosto de Kayla se enrugar com a menção de Millie, mas não ia esconder meu

relacionamento da minha filha. Em algum momento, ela precisaria aceitar a situação. — Eu poderia pedir para Millie vir aqui, e poderíamos conversar. Isso seria uma chance para você conhecê-la melhor.

Kayla ergueu a cabeça e disse:

— Não, tudo bem. Quero dizer, não quero que deixe de sair com seus amigos. Estava pensando... Talvez, você pudesse conversar com a mãe de Jess e ver se eu poderia dormir lá. Não tem aula na segunda, então...

E ali estava...

Eu não tinha dúvidas de que os pais de Julie estavam tendo dificuldades para aceitarem o desaparecimento dela, mas a verdadeira razão pela qual Kayla não queria ficar com eles era porque queria ficar com as amigas. Acho que, aos nove, ela estava chegando ao ponto em que ficar com os avós o tempo todo não era mais tão divertido quanto antes.

Fui enganado.

— Você poderia simplesmente ter vindo me pedir para ficar na casa de Jess, sabia disso?

Kayla me observou com atenção, provavelmente, tentando descobrir se eu estava chateado ou não, então, ela suspirou e perguntou:

— Então, você realmente gosta dessa tal de Millie?

Eu me levantei, contornei a mesa e me agachei em frente à minha filha.

— Sim, Kayla. Eu gosto mesmo dela. Você precisa saber que as coisas entre sua mãe e eu terminaram e que, depois desse tempo todo, e da maneira como ela se foi, isso nunca vai mudar.

Observei sua expressão entristecer quando registrou minhas palavras, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu sempre vou amá-la por ter me dado você, mas é hora de eu seguir em frente. Sei que você não está amando o fato de eu sair com Millie, mas espero que dê uma chance a ela. Vou ligar para a mãe de Jess e sair, e não a chamaremos aqui nesse fim de semana, mas, Kayla, quero fazer algo, apenas nós três, em breve, tudo bem?

Kayla franziu a testa, mas assentiu vagarosamente, e soube que não seria fácil, e que ela, provavelmente, não receberia Millie com os braços abertos, mas, pelo menos, era um começo.

— Certo, que tal terminarmos aqui, pedirmos pizza, estourarmos um pouco de pipoca e assistirmos a alguns episódios de *Fuller House*?

Kayla sorriu, porque ela sabia que eu odiava *Fuller House* tanto quanto ela amava, e disse:

— Oba!



Capítulo Vinte e Um

Millie

— ESTOU TÃO ANIMADA POR ESTARMOS fazendo isso — confessei, enquanto minhas irmãs e eu dirigíamos para o O'Reilly, o pub irlandês.

O evento foi um pouco mais longo do que esperávamos, o que acontecia mais vezes do que poderíamos imaginar, então, enviei uma mensagem para Jackson e disse a ele que eu pegaria uma carona com Dru e Tasha e que o encontraria no local. Isso nos deu uma rara oportunidade de nos arrumarmos juntas, algo que não acontecia mais com tanta frequência, e eu me esqueci de quão divertido era.

Fizemos um esquentar com as margaritas de amora de Dru e preparamos o cabelo uma da outra enquanto experimentávamos diferentes roupas. Isso me lembrou de quando éramos mais novas. Faltou apenas minha mãe, sentada no canto, rindo enquanto desfilávamos pelo quarto com os modelitos.

— Eu também — admitiu Dru. — Não me lembro da última vez em que fui a um bar.

— Sim, faz bastante tempo — concordou Tasha. Seu cabelo vermelho-vivo estava solto, em lindas ondas praianas, e ela vestia um vestido curto preto simples, mas sensual.

— Estou um pouco nervosa com o fato de vocês conhecerem Jackson, na verdade. Prometem pegar leve? — perguntei, falando mais com Dru. Eu sabia que Tasha iria com a mente aberta e seria gentil, mas Dru era imprevisível.

— Quem, eu? — perguntou Dru, fingindo estar ofendida, o que me fez resmungar.

— Sim, você, irmã querida. Quero que vá pensando que irá gostar dele, em vez de esperar odiá-lo, como fez com todos os outros caras com quem namorei.

— Em minha defesa, todo os outros caras com quem você namorou eram idiotas... Você não pode me culpar por isso.

Fechei os olhos, balancei a cabeça e me perguntei se deveria simplesmente desistir de tudo... e salvar-me da vergonha.

— Relaxe, Mills — remediou Dru, e abri os olhos para encarar os dela, que eram praticamente idênticos aos meus. — Tudo o que você nos disse sobre ele o faz parecer um cara legal. Vou dar uma chance a ele, tudo bem?

Claro, assim que chegamos e nos encontramos com Jackson, Ty, Rob e, quem eu assumi ser Jan, a esposa de Rob, Dru seguiu direto para Jackson e perguntou:

— Então, você já se livrou da sua esposa?

— *Dru* — sibilei, agarrando seu braço, olhando para Jackson, com o rosto corado. — Sinto muito.

Jackson apenas riu e se levantou, então, surpreendeu minha gêmea quando a abraçou.

— É muito bom finalmente conhecê-la. — Jackson a soltou e se afastou para que pudesse olhar em seus olhos. Ele pareceu um pouco chocado quando olhou de mim para Dru e, mais uma vez, para mim. — Têm certeza de que são gêmeas fraternas? Vocês são muito parecidas mesmo.

Ouvimos essa pergunta a vida toda. Sim, éramos gêmeas fraternas, apesar de que, mesmo esse sendo o caso, eu já tinha perdido as contas de quantas vezes nos confundiram ao longo dos anos.

— E... estou trabalhando nisso — complementou Jackson, com um sorriso, respondendo à primeira questão dela.

— Ótimo — comentou Dru, e se afastou. — Agora, pare de me tocar.

— Minha irmã não gosta muito de abraços — informei a Jackson, sorrindo, e me deixei ser envolvida por seus braços e suspirei, aliviada. Depois de um momento delicioso, inclinei minha cabeça para trás e ofereci minha boca a ele, para um beijo de saudação.

Jackson fez o que eu esperava e, dentro de segundos, eu estava derretendo em seus braços.

Um coro de *arrumem um quarto* soou, vindo de nosso grupo; quando

Jackson me soltou, nós dois estávamos rindo.

— Hm, *oi*, você não vai me apresentar ou Dru é a única irmã que importa?

— Foi mal. — Saí dos braços de Jackson para deixar Tasha se apresentar.

— Jackson, esta é minha irmã, Tasha. Tasha, Jackson.

— É um prazer finalmente conhecê-la — disse Jackson, e percebi que ele estava incerto se deveria ou não a abraçar, uma vez que Dru não era uma grande fã de abraços, mas ele não precisava ter se preocupado, pois Tasha jogou os braços ao redor da cintura dele.

— Tasha *gosta* de abraços — disse eu, sorrindo.

— Gosto — disse ela; se afastou e olhou para ele, assim como eu, mas o rosto dele ficou sério quando ela continuou, — Mas, se você machucar minha irmã mais velha, vou acabar com você.

— Entendido — riu Jackson. Ele soltou minha irmã, se virou para a mesa e disse: — Meus amigos, Ty e Rob, e Jan, esposa de Rob. Estas são Tasha, Dru e, claro, Millie.

Andamos ao redor nos cumprimentando e nos apresentando de maneira mais íntima, enquanto as garçonetes chegavam para anotar nossos pedidos. Tínhamos acabado de nos sentar ao redor da mesa, comigo entre Jackson e Ty, e Dru e Tasha em nossa frente, quando uma linda loira, com uma roupa estilosa e uma expressão de nervosismo, se aproximou da mesa.

— Oi, sinto muito por estar atrasada — disse ela, baixinho.

Ty e Rob pareciam surpresos, mas Jackson se levantou num pulo e disse:

— Chegou bem na hora, Rebecca. — Então, olhou ao redor da mesa. — Ty, por que não pula um assento e deixa Rebecca se sentar?

— Ah, claro — disse Ty, ainda parecendo surpreso, fazendo-me questionar o que estava acontecendo.

Rebecca se sentou ao meu lado, e pude ver que suas mãos tremiam enquanto pegava o menu. Jackson nos apresentou novamente e, assim que se sentou, virei-me para Rebecca e perguntei:

— Muito prazer em conhecê-la, Rebecca. Então, você trabalha com Jackson?

Rebecca virou a cabeça para mim e sorriu brevemente, respondendo:

— Sim, sou professora.

Ty se inclinou sobre a mesa, para frente de Rebecca, e balançou a cabeça.

— Ela não é apenas uma professora, ela é a professora mais inteligente da escola. Leciona História e está fazendo doutorado em Educação. Rebecca é brilhante.

Rebecca ainda estava de frente para mim, com as costas para Ty, então, vi o prazer tomar conta de seu rosto e seu fôlego desaparecer com as palavras dele, e entendi... Rebecca tinha uma quedinha por ele, e meu homem meigo estava dando uma de cupido.

Estendi minha mão e coloquei-a sobre a coxa de Jackson, apertando-a, me virei e o beijei de leve na bochecha.

Ele ainda não sabia, mas tiraria a sorte grande naquela noite.

Nós dois tiraríamos.



Capítulo Vinte e Dois

Jackson

ESTAVA TUDO CORRENDO BEM.

As irmãs de Millie pareciam ter gostado de mim, Ty e Rebecca conversavam um com o outro, e a esposa de Rob pareceu ceder e deixá-lo comer os petiscos. Estávamos todos apreciando as bebidas, a atmosfera e a companhia um do outro.

Então, Jericho Smythe chegou.

Não notei num primeiro momento. Estava apreciando a sensação de Millie encostada em minha lateral, sua mão na minha, enquanto ríamos das histórias de Dru e Tasha sobre os *piores* clientes de todos os tempos. Vi, com o canto dos olhos, Ty gritar uma saudação e se levantar, mas não foi até as três irmãs enrijecerem e pararem de falar que olhei para cima e descobri o que estava acontecendo.

Jericho, normalmente confiante e gentil, estava parado ao lado de nossa mesa, com as mãos nos bolsos e os olhos arregalados, encarando nosso grupo.

— Que bom que conseguiu vir — disse Ty. — Sei que os domingos podem ser agitados para você.

Contudo, Jericho não o ouviu, seus olhos estavam congelados em Tasha, enquanto ela continuou sentada, horrorizada, encarando-o de volta.

Dru estava se levantando, e pelo pouco que eu sabia sobre ela, imaginei que estaria prestes a destroçar meu amigo e, pelo olhar no rosto dele, eu não

tinha certeza se ele a deixaria ou revidaria. Querer manter a paz fazia parte da minha natureza, e eu realmente não queria que uma noite maravilhosa terminasse em derramamento de sangue ou lágrimas.

— Vamos pegar um drinque para você — ofereci, em alto e bom som e praticamente pulei do meu assento e agarrei Jericho pelo braço. — Outra rodada? — gritei, sobre o ombro, não me preocupando em esperar uma resposta.

Vi Dru e Millie se reunirem ao redor de Tasha, enquanto o resto da mesa olhava delas para Jericho em completa confusão.

— Você está bem? — perguntei, primeiro. Afinal de contas, ele era meu amigo, e eu não sabia o que aconteceu entre ele e Tasha, mas, obviamente, foi algo igualmente doloroso para os dois.

Jericho olhou para mim, passando os dedos pelo cabelo enquanto se apoiava no bar.

— Me vê um puro — pediu ele ao bartender, então, suspirou. — Não muito. Dei o meu melhor para evitá-la... Foi um choque chegar e vê-la aqui.

— Sinto muito, cara.

— Ty me convidou, disse que vocês iam se reunir numa noite dos garotos. Imaginei que seria igual às outras. Não sabia...

Não era incomum Jericho se encontrar com Ty, Rob e comigo numa de nossas noites no pub. Essa era a primeira vez que convidamos qualquer outra pessoa senão nosso grupo, então, pude entender por que Jericho foi surpreendido. E, uma vez que o plano mudou apenas essa semana para incluir as mulheres, Ty provavelmente o convidou antes disso. Droga, ele nem teria se importado em avisar Jericho, pois, Jericho nunca mencionou Tasha ou nenhum de seus relacionamentos passados para a gente antes.

— Foi mal, Ty não me contou, ou eu teria avisado.

E teria mesmo, tanto Jericho quanto Millie.

— Não sei o que fazer — começou Jericho, tomando um longo gole de uísque. — Se eu for embora, vou parecer um covarde, mas... Não sei se consigo me sentar na mesma mesa que ela.

Ergui as sobrancelhas ao ouvir isso. O que quer que tivesse acontecido entre eles deveria ter sido muito ruim, se nem mesmo conseguiam suportar estar no mesmo lugar.

Olhei sobre o ombro e vi Millie abraçando as irmãs antes de pegarem suas coisas, despedirem-se dos meus amigos e deixarem o pub. Felizmente, Millie se sentou novamente e sorriu para algo que Jan estava dizendo.

— Parece que você não precisa mais se preocupar, Tasha e Dru foram embora.

Jericho girou a cabeça, como se olhando ao redor e garantindo que elas não tivessem se escondido em algum lugar, então, murmurou:

— *Merda.*

Voltamos para a mesa. Jericho tomou o assento que Dru abandonou, e eu deslizei para perto de Millie.

— Espero que não tenha problema eu ter ficado — sussurrou Millie, sua mão aquecendo meu antebraço. — Disse a elas que você me daria uma carona de volta para casa.

— Claro — respondi, sorrindo e abaixando a cabeça para passar a ponta do meu nariz pelo comprimento do dela, antes de dar um beijo em seus lábios. — Fico feliz por você ter ficado.

— Eles têm agido assim a noite toda — brincou Rob.

Ergui minha mão e mostrei o dedo do meio a ele, e puxei Millie para o mais perto que pude e olhei para os rostos sorridentes dos meus amigos. Bom, menos Jericho; ele ainda parecia ter sido atingido na barriga com um pé-de-cabra.

— Sinto muito, não sabia que vocês estariam aqui. Suas irmãs não precisavam ter ido embora, poderia ter sido eu — disse Jericho a Millie.

— Não, a culpa é minha — disse Ty, seu rosto mostrando arrependimento. — Não sabia que havia algo entre vocês. Nunca ocorreu a mim dizer que Jericho viria, ou a ele que vocês...

— Tudo bem — disse Millie, suavemente, seu rosto gentil enquanto se dirigia não apenas a Ty, mas a Jericho. — Tasha vai ficar bem, ela apenas ficou surpresa. Vocês, provavelmente, deveriam parar de se evitar e resolver o problema, ainda mais agora que não apenas trabalhamos de frente um para o outro, mas compartilhamos amigos.

Sua mão encontrou minha coxa mais uma vez enquanto falava, e apesar de suas palavras aquecerem meu coração, aquela mão estava dando vida a outra coisa.

— Eu sei — disse Jericho, seus olhos repousando no líquido âmbar em seu copo.

— Muito bem — respondeu Millie, então, eu quase pulei de novo do assento quando sua mão começou a subir num ritmo lento e torturante.

Quando ela atingiu o topo da minha coxa e começou a se aproximar de onde meu pau ficava mais duro a cada segundo, tentei controlar minha

expressão e manter meu tom equilibrado quando disse:

— Bem, isso foi divertido, mas parece que preciso levar Millie para casa.



Capítulo Vinte e Três

Millie

A VOLTA PARA CASA NÃO foi ardente, com mãos descontroladas e olhares picantes. Pensei que seria, depois da maneira com que o corpo de Jackson reagiu ao meu toque no pub, mas não. Em vez disso, a cabine da caminhonete ficou cheia de antecipação.

Foram vinte minutos de preliminares, sem quase nenhum toque. Apenas a carícia gentil de seu polegar no topo da minha mão, com meu coração acelerado e o ocasional vislumbre de sua covinha quando ele cerrava os dentes.

Depois de estacionarmos, peguei a mão de Jackson e o levei ao meu apartamento. Nem mesmo olhei para as portas das minhas irmãs, mesmo sabendo que Tasha estava chateada sobre Jericho. Queria estar ali por ela, queria mesmo, mas ela tinha Dru, e eu falaria com ela assim que acordasse.

Hoje, era tudo sobre Jackson. *Jackson e eu.*

Fechei a porta atrás de nós, tranquei-a e me virei para ele. Joguei os braços ao redor do pescoço dele, e ele abaixou o rosto em direção ao meu e usou as mãos para agarrar minha cintura, trazendo-me rapidamente para perto e fazendo nossos lábios se encontrarem.

Ele foi bruto, e gentil, e a maneira como sua boca explorava a minha me fez gemer baixinho contra os lábios dele enquanto eu pressionava meu corpo para ainda mais perto do dele.

Eu não tinha sentido isso... *nunca*. A adrenalina e o calor em minhas

veias, a maneira que meus ossos pareciam amolecer enquanto meu corpo se derretia e se preparava para o dele. O beijo foi suave e doce, longo e profundo... Parecia que poderíamos ficar assim para sempre, nos beijando na entrada do meu apartamento, mas eu queria mais.

Minha mão deslizou pelo braço dele, sentindo os músculos agrupados ali; desci mais, até alcançar sua mão, tirei-a da minha cintura e segurei-a. Afastei-me vagorosamente, amando o olhar de desejo em seu rosto, a umidade em seu lábio inferior e como seus olhos estavam praticamente vitrificados.

Sorrindo torto, intencionalmente, no que eu *realmente* esperava que fosse um olhar sensual e encantador, levei-o para o meu quarto.

Manobrei Jackson até ele estar na beira da cama, na minha frente, então, dei um passo para trás, meus olhos nunca deixando os dele. Eu vestia uma blusa de botões, branca e sem mangas, com uma saia verde um pouco acima dos joelhos, e o tecido esvoaçava a cada movimento. Tirei meu longo cabelo castanho dos ombros, jogando-os para trás, comecei com o primeiro botão da blusa, que ficava na altura dos seios, e desabotoei cada um dos botões vagorosamente.

O olhar de Jackson estava absorto em meus dedos, seu peito subindo e descendo a cada respiração.

Deixei minha blusa em mim por um momento, aberta, mas mostrando apenas uma faixinha de pele, antes de lentamente revelar meu sutiã de renda transparente enquanto me livrava da blusa e a deixava cair no chão.

Então, curvando-me numa velocidade torturante, enfiei as mãos debaixo da saia, deslizei a calcinha de renda, que combinava, pelas pernas e me liberei dela.

— Venha aqui — disse Jackson, com a voz rouca.

Então, me posicionei entre as pernas dele, meus seios na mesma altura de seu rosto. As mãos de Jackson atingiram a parte traseira das minhas coxas. Subindo por sob a saia, as pontas de seus dedos encontraram a curva da minha bunda.

Gememos com o toque, e gritei ainda mais quando os lábios de Jackson chuparam meu mamilo duro, pela renda, suas mãos me acariciavam enquanto me exploravam. Ele seguiu para o outro seio, e endireitei minha postura quando sua exploração desceu. Aprofundou-se.

— *Jackson* — sussurrei, minha cabeça se inclinando para trás enquanto ele provocava meu clitóris.

— Parece veludo — ouvi-o dizer, baixinho, enquanto acariciava o fogo

que acendeu em mim.

Eu estava começando a flutuar, a ser levada pelo momento, enquanto seus dedos entravam em mim e meu quadril começava a rebolar em resposta. Coloquei as mãos para trás, encontrei o fecho do sutiã e o retirei rapidamente, me joguei sobre os ombros dele quando outro dedo se uniu ao segundo.

Finalmente, sua boca quente e molhada estava em meus seios, sem nenhuma interferência. Lambendo, chupando e mordiscando minha pele sensível. O abuso contra meus sentidos era quase um exagero; fazia muito tempo, e nunca foi tão bom assim, e eu já estava lutando contra a necessidade de gozar depois de apenas minutos de seu trabalho.

Minha cabeça caiu para frente enquanto ele me explorava com ainda mais força, e Jackson precisou mover a cabeça rapidamente antes de eu atingir seu óculos.

— Sinto muito — consegui dizer, um riso irrompendo de mim quando pensei em quão horrível teria sido se eu o tivesse acertado. O riso desapareceu num sufoco quando seu polegar atingiu meu clitóris em movimentos circulares, enquanto seus dedos entravam e saíam de mim.

Ele tinha talento, pensei, logo antes de perder minha habilidade de pensar.

Gritei quando gozei, e Jackson ordenhou cada gota de mim até eu estar prestes a cair numa poça aos pés dele. Antes de eu me derreter por completo, Jackson puxou minha saia para baixo e me ergueu, virando-me e me deitando de costas na cama.

Observei-o tirar as roupas, com meus olhos fora de foco, apreciando cada novo pedacinho de pele que ele revelava para mim. Ele era alto, bronzeado e maravilhoso, com um punhado de pelos pretos no peito que desciam num V pelo seu abdome e adentravam a cueca que ele tirava.

Eu sabia que estava sorrindo para ele como uma bêbada tola, apesar de eu ter apenas bebido dois copos no pub. Meus olhos acompanhavam todos os seus movimentos enquanto contornava a cama, deixava o óculos na minha mesinha de cabeceira e abria a camisinha que, de alguma maneira, ele tinha em mãos. Observei-o, cheia de inveja, vesti-la e ajustá-la em seu comprimento generoso, então, subiu na cama.

Agora, perto de mim... Não, Jackson se moveu até estar diretamente acima de mim, sua pele a apenas um suspiro da minha. E a visão dele ali, em cima de mim, prestes a me tomar, tornar-se um comigo, acordou meu corpo de seu repouso lânguido, ansioso em se perder novamente.

Abri as pernas e ergui os joelhos enquanto ele se posicionava ali, seu peso

ainda sobre os braços quando senti seu comprimento duro e quente contra meu cerne.

Jackson apoiou-se completamente sobre um dos braços para que pudesse trazer a outra mão ao meu rosto, onde tirou o cabelo da minha testa, então, passou os dedos por ela. Acariciando minha bochecha, o comprimento do meu nariz e meu queixo, antes de acompanhar meus lábios, como se estivesse memorizando meus traços.

— *Agora, um beijo suave – Sim, com este beijo, juro êxtase infinito* — declamou ele, baixinho, antes de tomar meus lábios e me beijar como se estivesse saboreando cada toque.

Suspirei enquanto derretia, suas palavras me afetando tanto quanto o beijo, talvez mais.

Quando ele interrompeu o beijo, murmurei:

— Quem disse isso?

— Keats — respondeu ele, e pressionou os lábios abaixo da minha orelha. Ao longo da mandíbula, na parte inferior do meu queixo. Jackson me olhou nos olhos enquanto deslizava vagarosamente para dentro de mim, nenhum dos dois respirando até ele estar completamente aconchegado, e minhas pernas, ao redor de sua cintura.

— Me sinto maravilhoso — disse Jackson, sua respiração extenuada como se tivesse acabado de correr uma meia-maratona.

— Eu também — admiti, dando um sorriso tão grande para ele que quase chorei.

Naquele momento, senti coisas que não imaginei serem possíveis.

Estava me apaixonando por ele tão forte e rapidamente que o peso disso me assustou, mesmo enquanto me animava. Seu rosto lindo e gentil, com aquelas covinhas à mostra, sorriu de volta para mim; ele se moveu e nós dois perdemos nossos sorrisos quando gememos com a sensação deliciosa de Jackson dentro de mim.

Com minhas pernas ao redor de sua cintura, uma das mãos em seu cabelo, e a outra em seu ombro, Jackson começou a se mover. Lentamente, então, mais veloz, com mais força, até nós dois nos perdermos, buscando nossa liberação, não sabendo onde ele terminava e eu começava.

Foi a experiência mais linda da minha vida.



Capítulo Vinte e Quatro

Jackson

ACORDEI DEVAGAR, SENTINDO-ME MAIS DESCANSADO e verdadeiramente feliz do que me sentia há muito, *muito* tempo. A cama de Millie era extremamente confortável, tanto que eu estava pensando em perguntar a ela que tipo de colchão era aquele, e onde ela comprou o edredom sob o qual eu estava aconchegado.

Millie não estava ao meu lado, mas eu ainda podia sentir o calor de seu corpo e o cheiro do perfume de seu cabelo quando me espreguicei na cama mais confortável do mundo.

De repente, ouvi passos correndo na minha direção antes de Millie pousar em cima de mim, rindo e cobrindo meu rosto de beijos. Aceitei, cheio de alegria, o ataque, daí, rolei até Millie estar quase presa debaixo de mim e olhei para seus olhos estonteantes, que naquele momento tinham um tom escuro de verde.

— Bom dia para você também — murmurei, abaixando a cabeça e lhe dando um beijo profundo e demorado.

Quando finalmente me ergui para respirar, Millie passou a mão pelo meu cabelo e disse:

— Preparei café.

Soltei-a imediatamente, pulei para fora da cama e corri para a porta, o que fez Millie irromper em risos que me obrigaram a sorrir de volta para ela sobre o ombro.

— O que você está esperando? — brinquei, observando-a descer da cama e caminhar em minha direção enquanto eu vestia a cueca.

Ela estava linda. Seu longo cabelo escuro, bagunçado depois de toda uma noite das minhas mãos neles, seu corpo, envolto numa encantadora camisola floral que mais parecia um vestido do que qualquer outro pijama que eu já tinha visto, mas o toque final era o olhar em seu rosto. Ou, mais especificamente, a maneira como ela me olhava.

Eu poderia me acostumar com um olhar desses...

— O que você cozinhou? — perguntei, meu estômago roncando ao pensar na comida.

— Crepes com amoras e creme, ovos mexidos com queijo, bacon e algumas bolachas — respondeu Millie.

Parei e olhei para ela quando ela passou por mim e seguiu para a cozinha.

— Faz quanto tempo que você acordou? — perguntei, unindo-me a ela.

Ela apenas riu e me entregou um prato cheio de um pouco de tudo.

Aceitei, e peguei uma das xícaras que ela encheu e levei meus prêmios para a mesa. Assim que ela se sentou em minha frente e se acomodou, agarrei um garfo e mergulhei no prato.

Comecei com um suspiro, então, um lamento e, na terceira mordida, eu estava gemendo de prazer.

— E eu que pensava que você era perfeita e que não poderia ficar melhor... — comecei, acreditando por completo em todas as palavras. — É como se você tivesse sido feita para mim num laboratório.

Millie corou, olhou para mim envergonhada e admitiu:

— Eu disse a mesma coisa sobre você às minhas irmãs quando nos conhecemos.

— Sério? — perguntei, extremamente satisfeito com essa nova informação.

Quando ela assentiu, seu rosto ficou ainda mais vermelho e mais bonito, larguei o garfo e estendi a mão sobre a mesa para pegar a dela. Ela se entregou com facilidade, e eu trouxe sua mão aos meus lábios e a beijei com cuidado na palma.

— Ontem à noite foi incrível... Não, isso não chega nem perto da verdade... Foi perfeito, lindo, correto. Como se estivesse destinado a acontecer — admiti, honestamente. — Sei que tudo aconteceu meio rápido, mas, Millie, eu me apaixonei tão profunda e rapidamente por você, é assustador.

Millie deu um grande sorriso, e seus olhos brilharam quando respondeu:

— Eu sei, sinto-me da mesma maneira. Isso me assusta um pouco, mesmo me deixando extremamente animada para descobrir o que vai acontecer em seguida.

— Não quero arruinar o clima, mas preciso que saiba disso. Preenchi a papelada para o divórcio e contratei um detetive particular para encontrar Julie. Assim que ele fizer isso, ela vai receber os papéis, e isso chegará ao fim.

— Isso são... *boas notícias*? — Ela parecia incerta se deveria ficar feliz ou triste com o fim do meu casamento, e eu compreendia que era uma situação complicada, mas precisava que ela soubesse que isso era tudo o que eu queria.

— São boas notícias — garanti a ela. Soltei sua mão para que pudéssemos voltar ao café da manhã. — Você não está preocupada comigo não querendo me divorciar, está? Porque eu juro, eu quero.

Millie balançou a cabeça, então, deu de ombros.

— Não sei... Você disse que queria o divórcio, que você nunca a aceitaria de volta, e eu acredito em você, acredito mesmo. *Mas* você esteve casado por um longo tempo, vocês foram os primeiros em tudo um do outro e tiveram uma filha juntos. Então, mesmo que eu acredite que você está falando a verdade, no fundo da minha mente, sempre vai existir uma possibilidade de você mudar de ideia.

Pude notar que minhas palavras a deixaram feliz, mas ainda conseguia ver um tantinho de dúvida, e soube que a única coisa que acabaria com esse incômodo seria encontrar Julie e colocar um fim nesse casamento.

— Bem — comecei, precisando mudar o assunto de minha prestes ex-mulher por um tempo. — Agora que sabemos que fomos feitos um para o outro, que nossa química está fora dos padrões, ambos queremos ver onde isso vai nos levar, certo?

— Com certeza — confirmou Millie, permitindo-me soltar o ar que ficou preso em minha garganta quando ela expôs suas reservas sobre mim e Julie.

— Acho que é hora de você conhecer Kayla. — Quando vi seu olhar confuso, percebi que precisava avisá-la sobre onde estava se metendo. — Sei que vocês já se conheceram, mas isso foi antes de estarmos namorando. Quero que façamos algo juntos agora que ela sabe sobre nós, mas preciso alertá-la, ela não está muito *entusiasmada* com nosso relacionamento.

O rosto de Millie entristeceu.

— Não está?

— Não — admiti, meu tom demonstrando arrependimento. — Fomos só nós dois por tanto tempo, e como disse, eu não saí com ninguém desde Julie, então, ela está confusa com a situação toda. Ainda está magoada com a partida da mãe, tem esperança de que Julie vá reaparecer e de que as coisas voltarão a ser como eram. Sei que não vai ser fácil, mas acho que quando ela passar um tempo com você, conhecê-la melhor e ver como somos juntos, ela vai ser convencida.

— Certo — concordou Millie, apesar de ainda parecer incerta.

— Você gosta de crianças? Quer ter filhos? Acabei de perceber que nunca conversamos sobre isso.

— Ah, sim — disse Millie, seu rosto se iluminando, e foi ela quem pegou minha mão desta vez. — Eu amo crianças, e quero ter filhos.

— Mesmo? Quantos?

— Sempre pensei em três, por conta de quão próximas minhas irmãs e eu somos, apesar de nem sempre estarmos tão próximas assim enquanto crescíamos, mas estou aberta a sugestões.

— E casamento? Você quer se casar um dia?

— Sim, quero tudo. Uma família, meu negócio, o sonho americano — disse Millie, apertando minha mão, com um sorriso se espelhando pelos lábios. — Agora que decidimos contratar ajuda por período integral, teremos uma vida fora do Três Irmãs e vai ser mais fácil focar na parte pessoal da minha vida. Em nós.

— Mal posso esperar — admiti, e essa era a verdade.

Mal podia esperar para ver onde as coisas entre Millie e eu nos levariam.



Capítulo Vinte e Cinco

Millie

— CERTO, TEM UM ASSUNTO IMPORTANTE que você tem evitado, mas precisamos conversar com seriedade — disse Dru, da minha cadeira, onde estava aconchegada com um copo de vinho. — Nossa festa de aniversário.

— Aff — resmunguei, jogando a cabeça para trás e grunhindo quando me joguei contra a almofada — Vamos fazer vinte e nove anos, não nove, Dru. Não estamos ficando um pouco velhas para festas? — perguntei. — Não estamos nem mesmo indo para outra década.

— Todo aniversário é importante — disse Dru, secamente, então, olhou para onde nossa irmã estava deitada no chão. — Tasha concorda comigo.

— Não sei — respondeu Tasha, inclinando os olhos e nos olhando de cabeça para baixo. — Talvez Millie esteja certa, talvez estejamos ficando velhas demais para essa agitação toda.

— *Velhas demais?* — perguntou Dru, com uma raiva fingida, sentando-se tão abruptamente que quase derramou o vinho tinto no meu sofá cinza. Por sorte, ela não o fez. — Ainda estamos nos nossos vinte anos, pelo amor de Deus. Deveríamos estar frequentando baladas, ficando doidonas, em vez de trabalhando tanto assim e aproveitando uma noite em casa com uma garrafa de vinho, como se isso fosse viver. Fala sério, meninas, não tirem meu aniversário de mim.

Não consegui evitar rir do drama da minha gêmea, ela sempre gostou mais

de festas e celebrações do que eu.

— E se, este ano, celebrarmos apenas o seu aniversário com uma festa, do jeitinho que você quer? — sugeri. — O meu pode ser mais calmo, do jeito que eu quero.

Dru olhou para mim como se eu tivesse ganhado uma segunda cabeça nos últimos minutos.

— Nós fazemos aniversário no mesmo dia, Millie — disse ela, contando-me algo que eu obviamente já sabia. — Nós *sempre* celebramos juntas.

— Esse é meu ponto. Você não preferiria ter uma festa focada apenas em você, em vez de em nós duas?

Ela semicerrou os olhos e perguntou:

— Você já planejou algo com Jackson, por isso está tentando separar as coisas?

— Não, eu ainda nem contei a ele que nosso aniversário está chegando.

— Você precisa contar a ele! Se ele recitou Keats para você enquanto *faziam amor*, aposto que ele faria todo tipo de coisas românticas no seu aniversário — disse Tasha, suspirando.

Arrependi-me de contar a elas sobre as palavras de Jackson assim que saíram de minha boca, mas eu estava andando nas nuvens e simplesmente escapuliram.

— Calem a boca — ordenei, jogando uma almofada na cabeça de Tasha, da qual ela se desviou, rindo.

— Tem certeza disso? — perguntou Dru, ainda presa ao assunto do aniversário. Sério, a garota *amava* festas, especialmente as em sua homenagem, e nunca me importei de verdade. Talvez fosse hora de começarmos a fazer tudo separadamente. Nossas vidas sempre estiveram entrelaçadas, e apesar de isso ser assustador, eu sabia que não poderiam continuar dessa maneira para sempre.

— Sim — respondi, sorrindo para minha irmã. — Organize tudo como quiser. Qualquer tema, quaisquer comidas, tudo que você quiser.

— Mas e você? — perguntou ela, gentilmente.

— Podemos ir almoçar ou algo assim... Ah, já sei! Podemos fazer um *brunch*. Com champagne. E vou dar uma passada na sua festa.

— Não acha que isso vai ser estranho?

— O que você acha de tentarmos fazer isso este ano, vemos como vai ser, então, no ano que vem, fazemos uma festona de arromba para nosso trigésimo aniversário? — sugeri.

— Vou cobrar — alertou Dru.

— Eu sei — respondi, rindo.

— Combinado — disse Dru, e olhou entre mim e Tasha. — Temos uma semana para planejar a melhor festa de Tema Ilegal de todos os tempos!

— Acho que conheço um certo Buffet que pode cuidar disso — brincou Tasha.

— Não sei, não. Está meio em cima da hora — argumentei.

— Ainda bem que reservei a data no calendário há seis meses — rebateu Dru.

— Claro que você fez isso. — Eu ri.

Tasha se levantou do chão, aproximou-se da garrafa aberta de vinho e reencheu nossas taças.

— Sinto muito não ter aparecido e visto como você estava noite passada — comecei, observando minha irmã mais nova com atenção, procurando qualquer sinal de contrariedade. — Como você está agora, com essa situação do Jericho?

Tasha jogou a garrafa vazia no lixo, e voltou a se sentar com as pernas cruzadas no chão em nossa frente. Ela sempre foi o tipo de pessoa que preferia se sentar no chão do que numa mobília; estranho, eu sei, mas essa era nossa Tasha.

— Fui pega completamente de surpresa, sabem? Estávamos nos divertindo, vendo Ty e Rebecca se apaixonarem, enquanto ríamos de Rob tentando esconder cerveja de Jan, que, obviamente, sabia o que ele estava fazendo, então... Tcham! Jericho. — Seus olhos se arregalaram, e ela tomou um longo gole do vinho. — É uma doideira eles ainda serem amigos, não? Totalmente inesperado.

— Sim, sinto muito. Eu não fazia ideia de que havia sequer uma possibilidade de ele aparecer — garanti a ela. — Quero dizer, Jackson disse que eles eram amigos, que assistiam esportes juntos, mas não sabia que Jericho era um amigo com quem ele sempre saía.

— Não é culpa sua, e sinto muito ter ido embora daquela maneira. Jackson deve pensar que sou uma garota mimada.

Tasha se deitou e apoiou a taça de vinho no peito. Eu saí do sofá e me sentei ao lado dela no chão.

— Não, ele não pensa isso. Ele gosta de vocês duas. Acho que ele se sentiu mal, todos se sentiram. Ninguém queria que você tivesse que ir embora.

— Eu sei — disse Tasha, baixinho. Seus olhos encontraram os meus quando ela admitiu. — Ele estava muito, *muito* bonito. Melhor do que antes.

— Sinto muito, querida, e sei que você não quer ouvir isso, mas deveria conversar com ele. Resolver seus problemas e dar um fim nisso de uma vez por todas.

— Sim — respondeu ela, mas nem o olhar em seu rosto nem o tom de sua voz demonstraram que ela estaria disposta a fazer isso em breve.



Capítulo Vinte e Seis

Jackson

A SEMANA, FELIZMENTE, PASSOU RÁPIDO. Foi uma semana normal, cheia de planos de aula, deveres de casa e Kayla, então, tive muito o que fazer, mas agora eu tinha o extra de ansiar por Millie.

Sim, eu disse isso, e sou homem o suficiente para admitir. Eu ansiava por ela.

A noite que passamos juntos estava sempre no primeiro plano de minha mente, distraíndo-me nos momentos mais inoportunos. Vislumbres de seus lábios curvados para cima, a sensação de sua pele macia, os barulhos que ela fazia quando eu estava dentro dela, atingiam-me quando eu estava na fila do supermercado, preparando janta para Kayla ou, na maioria das vezes, quando eu lia em voz alta para meus alunos.

Mais uma vez, na maior parte do tempo, nos comunicávamos por mensagens e ligações, o que era ótimo, mas, *cara*, eu sentia falta de tê-la em meus braços. Tínhamos que dar um jeito de ela passar um tempinho com Kayla, para que *eu* pudesse passar mais tempo com ela.

E por isso eu estava preparando tacos, arroz, feijão e salsa, mesmo não sendo uma quinta-feira. Essa era a comida preferida de Kayla, e Millie tiraria uma folga na janta para se juntar a nós por cerca de uma hora e conhecer Kayla melhor.

Cantarolando sozinho, cortei os vegetais para cobrir os tacos e continuei observando o relógio. A ansiedade estava me matando, mas eu não conseguia

tirar o sorriso do rosto.

— Estou sentindo cheiro de tacos? — ouvi Kayla perguntando atrás de mim e me virei para vê-la cheirando o ar enquanto entrava na cozinha. — Mas não é quinta-feira.

— Está sim, e estamos começando uma nova tradição — brinquei, e senti um frio na barriga quando minha filha apertou os olhos para cima de mim.

Não deveria ter medo de reapresentar minha filha para minha namorada. Pelo menos, *esperava que ela fosse minha namorada*, mas eu tinha medo. Depois de sua reação inicial a Millie, soube que ela não aceitaria isso com facilidade, e apesar de eu querer que a noite fosse agradável, tinha a sensação de que enfrentaria alguns obstáculos.

Em vez de responder, Kayla ficou parada, com os braços cruzados, encarando-me enquanto esperava que me explicasse o que realmente estava acontecendo.

Sério, minha filha seria assustadora quando se tornasse adolescente...

— Pensei que seria divertido se Millie viesse jantar. Vocês duas poderiam se conhecer.

Assim que o nome de Millie deixou minha boca, Kayla franziu a testa.

— Preste atenção — continuei, como se não tivesse visto seu olhar fatal. — Ela tem apenas uma hora de intervalo antes de precisar voltar ao trabalho, então, lembre-se de se comportar e de ser a garota gentil e simpática que eu criei.

Em vez de responder, como eu esperava, ela fez um beicinho. Antes que eu pudesse pensar em alguma maneira de chantageá-la a se comportar bem, a campainha tocou.

Minha reação imediata seria sorrir e correr para a porta. Consegui não correr, mas ainda sorri. Olhei para Kayla enquanto me aproximava da porta, e vi que a testa franzida desapareceu e que ela me observava com uma mistura de medo, dor e pânico.

Droga, fazer birra era uma coisa, mas não queria minha garotinha sofrendo por minhas decisões.

— Venha aqui — disse, parando e me agachando em frente a ela. Puxei-a para meus braços e dei-lhe um abraço apertado. Mesmo ela não devolvendo o gesto, fiz uma promessa. — Você vai ser sempre minha garota número um.

Afastando-me, beijei sua testa antes de me levantar e me apressar para deixar Millie entrar.

— Oi, sinto muito. — Abri a porta e lhe dei um beijo breve na bochecha,

esperando que fosse algo mais, mas sabendo que Kayla desesperaria se me visse agarrando outra pessoa na varanda. — Entre.

— Tudo bem, não faz tanto tempo que cheguei — garantiu Millie, com um sorriso educado, seus olhos analisando meu rosto como se ela não me visse por semanas.

Era bom saber que ela sentiu minha falta tanto quanto eu senti dela.

Dei um passo para o lado e a deixei entrar, chamei Kayla, que ainda estava parada na cozinha, onde eu a deixei. Ela não parecia exatamente receptiva, mas, pelo menos, não estava lançando aquele olhar fatal a Millie.

— Kayla, você se lembra da Millie, que preparou a festa do chá que você amou tanto — tentei, mas Kayla não mordeu a isca.

— Oi, Kayla. Que bom vê-la novamente — disse Millie, com um entusiasmo exagerado quando Kayla não disse nada. — Obrigada por me deixar jantar com vocês.

— São apenas tacos — disse Kayla, dando de ombros, obrigando-me a olhar feio para ela, esperando ter deixado claro que ela ficaria de castigo se continuasse agindo assim.

— Bem, eu amo tacos — disse Millie, cheia de alegria, como se Kayla não estivesse agindo como uma criança mimada. — Acho que eles deveriam ganhar um grupo alimentar só deles.

— Millie sabe o que está falando, ela é cozinheira — comentei, notando pela primeira vez que Millie ainda usava seu dolmã, o que era intimidador, pois *eu* estava cozinhando para *ela*. — Só para você saber, são tacos comuns de carne moída, nada chique.

Millie riu e começou a desabotoar sua roupa de chef, que chamou minha atenção e me fez pensar na última vez que ela se despiu em minha frente.

Nada disso, cérebro malvado, pense em tacos, futebol, num homem peludo e nu cavalgando...

— Seus tacos são os melhores, papai — disse Kayla, unindo-se a gente enquanto me defendia.

— Obrigado, querida — respondi, beijando sua cabeça e tentando evitar olhar para Millie que *finalmente* desabotoou o último botão.

— Não quero estragar isso — disse Millie, livrando-se da roupa e deixando-a no encosto do sofá. Eu *não* percebi quão linda ela estava em sua regata com pequenas rosas quando ela se voltou para Kayla. — Tenho certeza de que os tacos dele são maravilhosos. Mal posso esperar para experimentar.

— Sei que você tem pouco tempo, então, vamos comer — sugeri,

estendendo meus braços para que Kayla e Millie passassem na minha frente.

Quando as segui, rezei para que a próxima hora não deixasse minha filha de castigo nem que arruinasse meu relacionamento promissor.



Capítulo Vinte e Sete

Millie

EU SABIA QUE NÃO DEVERIA estar tão nervosa. Ela era uma garotinha de nove anos, então, eu sabia como ela se sentia. Ainda assim, Kayla não escondeu o fato de que preferia estar comendo vidro do que estar sentada comendo comigo, e Jackson tentava tanto fingir que tudo estava bem, que ele estava me dando nos nervos.

— Millie e as irmãs dela abriram sozinhas um negócio e agora estão fazendo tanto sucesso que resolveram expandir. Isso não é ótimo? Isso serve de exemplo que, se você encontrar algo que ama e trabalhar com o coração, você pode tornar seus sonhos realidade.

Vi Kayla revirando os olhos para a tentativa de Jackson de lhe dar uma lição de vida, mas felizmente, ele não viu. Acho que isso seria a gota d'água necessária para ele explodir.

Meu rosto começava a doer por segurar o sorriso que eu coleí no rosto desde o início do jantar, mas continuei firme e mantive minha expressão gentil.

— Ah, Jackson. Sei que mencionei a festa de tema ilegal do aniversário de Dru para você, mas Dru quer que você convide Rob, Jan, Ty e Rebecca também — avisei, quando me lembrei.

— Ah, claro. Pode deixar. Eu passo o recado — respondeu ele, seu tom encobrindo o estresse com o jantar não muito agradável. Então, ele piscou duas vezes e repousou o taco no prato. — Espere, se é aniversário da Dru,

então, também é o seu. Você não vai dar uma festa com ela?

Balancei a cabeça e expliquei:

— Sempre fizemos uma festa juntas, mas sou mais discreta do que Dru, e queria dar a ela a chance de enlouquecer e fazer a festa que sempre quis. Vai ser estranho, mas ainda ficaremos juntas o dia todo e celebraremos mais tarde, mas queria que ela fizesse algo divertido para ela mesma. Vamos almoçar para celebrar meu aniversário, e adoraria se você pudesse comparecer. *Vocês dois.*

— Domingo agora? — perguntou Jackson.

Quando assenti, Kayla enfiou o resto do taco na boca e disse:

— Eunsunt bejs.

— Kayla — alertou Jackson, mas ela o ignorou e voltou a falar com a boca cheia.

Foi então que ele explodiu.

O copo de Jackson atingiu a mesa num tilintar e sua cadeira voou para trás quando ele se levantou.

— Vá para o quarto *agora*. Discutiremos seu castigo assim que eu me acalmar.

Kayla pareceu assustada, seus olhos encheram de lágrimas antes de ela me lançar um olhar feio, levantar da mesa e marchar para longe.

Não respirei até a porta dela fechar com tudo. Jackson se sentou, suspirando e ajustando o óculos enquanto me olhava arrependido.

— Sinto muito — começou ele. — Ela é uma boa menina, eu juro. Sei que provavelmente é difícil de acreditar depois do jeito que ela acabou de agir. Não sei o que deu nela, mas vou conversar com ela.

— Não foi tão ruim — menti, esperando que isso o fizesse se sentir melhor.

— Como poderia ter sido pior? — perguntou ele, incrédulo.

— Ela poderia ter me cutucado com o garfo — brinquei, e senti um pouco da tensão desaparecer quando ele sorriu.

— Bem, graças a Deus pelas pequenas bençãos.

— Preciso ir daqui a pouco, mas me deixe ajudar com isso — ofereci, levantando-me para poder começar a limpar a mesa.

— Não se preocupe com isso — contrapôs Jackson, então, agarrou minha mão e a puxou. — Venha aqui.

Com uma breve olhada para onde Kayla desapareceu, permiti que ele me puxasse para o colo, passando meus braços ao redor de seus ombros enquanto

me sentava.

— Senti sua falta — admitiu Jackson, carinhosamente, fazendo-me sorrir para ele.

Seu óculos estava um tantinho torto, então, eu o arrumei, e parecia que havia um cubo de gelo enorme em minha barriga quando suas covinhas apareceram com o gesto.

— Também senti sua falta — respondi, baixinho, observando seus olhos enquanto lentamente aproximava o rosto do dele.

Nossos lábios roçaram de leve uma vez, então duas, antes de sua mão aplicar mais pressão, puxando-me para perto, e seus lábios se abriram sob os meus. O beijo foi delicado e cheio de ânsia, e desejei desesperadamente que não precisasse deixá-lo e voltar ao trabalho. Parecia *anos* desde que eu estive em seus braços, e eu estava determinada a me perder nele mais uma vez.

Assim que possível.

— Então, domingo? — perguntei, quando nos separamos. Apoiei a testa na dele e tentei não contar as horas que faltavam para vê-lo novamente. Por que, de repente, domingo parecia estar tão longe?

— Sim, para um almoço e para a festa. Vou conversar com os rapazes e aviso se eles puderem ir, assim você passa o recado para Dru.

— Perfeito.

— Me manda uma mensagem quando sair do trabalho? — pediu Jackson, sua voz cheia do mesmo desejo que preenchia meu coração.

— Mando — prometi.

Relutantemente, levantei-me e perguntei:

— Tem certeza de que não quer ajuda? — Apontei para a bagunça do jantar.

— Pode deixar.

Assenti e, sem mais nenhuma razão para ficar, deveria me arrumar para não me atrasar. Assim que vesti minha roupa de chef, Jackson me acompanhou até a porta e me deu um último beijo.

— Obrigado por vir — disse ele, e quando abriu a boca para se desculpar mais uma vez por Kayla, coloquei um dedo contra seus lábios para impedi-lo de falar.

— Obrigada por me convidar — murmurei, e inclinei a cabeça. — Não se preocupe, ela vai mudar de ideia.

Eu estava voltando para o carro, quando senti um par de olhos em mim, olhei pelo ombro e encontrei Kayla me observando pela janela. Ergui uma

das mãos e acenei, despedindo-me, mas me desanimei quando ela fechou rapidamente as cortinas listradas de rosa e roxo e desapareceu.

Quando entrei no carro e dirigi de volta ao trabalho, desejei não estar errada quanto a Kayla ainda estar se acostumando comigo.



Capítulo Vinte e Oito

Jackson

QUANDO CHEGUEI NO RESTAURANTE, eu estava praticamente dando pulos. Era o aniversário de Millie, o primeiro grande evento que celebrariamos juntos, e eu poderia estar escondendo o *melhor presente de todos* no bolso traseiro.

Nunca fui muito bom com presentes. Julie nunca colecionou nada nem se importou muito com presentes. Foi só quando Kayla teve idade suficiente para desembulhar presentes e se animar com qualquer coisinha que eu me tornei um guru no assunto.

E eu realmente havia me superado desta vez...

Pedi ajuda para Dru e Tasha e analisei seus conselhos. Eu estava prestes a impressionar Millie.

Sorri quando me aproximei da mesa no restaurante tailandês que Millie escolheu e fiquei feliz ao notar que ela deixou a cadeira ao seu lado vaga para mim. Inclinei-me para beijar suavemente sua testa antes de me sentar e cumprimentar Dru e Tasha.

— Sinto muito por me atrasar alguns minutos. Precisei deixar Kayla na casa dos avós.

Depois de sua reação ao convite de Millie para o almoço e subsequente castigo pelo comportamento grosseiro, achei que seria melhor para todos se Kayla ficasse com os avós.

— Você não está atrasado, ainda nem pedimos nada — assegurou Millie, e

não consegui evitar segurar sua mão debaixo da mesa.

A necessidade de tocá-la a todo momento era quase avassaladora.

— Ótimo — comentei, pegando o menu. Nunca fui àquele lugar antes e não fazia ideia do que iria pedir. — Estão prontas para hoje à noite?

— Sim, nossos *minions* estão finalizando as decorações. Mal posso esperar para ver — emocionou-se Dru, obviamente animada. Então, olhou para a irmã. — Mas isso vai ser mais tarde, estamos aqui para focar em Millie. Então, aniversariante, conte-nos a melhor coisa de seu último ano e o que você mais deseja conquistar no próximo.

Millie olhou para mim e explicou:

— É uma tradição nossa. Minha mãe a criou quando ainda estávamos no fundamental. Ela sempre acreditou que não alcançaríamos sucesso se não tivéssemos objetivos, então, sempre quis que os falássemos em voz alta.

— Ela parece maravilhosa.

— Ela era — disse Millie, e tristeza atravessou seu rosto. — Queria que você pudesse tê-la conhecido, ela gostaria de você.

— Eu também — respondi. Então, esperando restaurar sua felicidade, perguntei: — Então, qual foi a melhor parte do seu ano? Além de me conhecer, claro.

Fiquei feliz quando ela corou lindamente com minha piada, e respondeu:

— Claro. Hm... Acho que eu diria não apenas o sucesso do Três Irmãs, mas que estamos nos saindo bem o suficiente para contratarmos mais assistentes e termos mais tempo livre. Ano que vem, quero ter mais disso. Por outro lado, também quero que façamos mais festas sofisticadas para crianças, como conversamos. — Ela apertou minha mão e sorriu. — A ideia veio de você, e da festa do chá de Kayla.

— Fico feliz em poder ajudar. — Sorri, pensando em quão sortudo eu era por ela ter concordado em me ajudar naquele dia.

— Querem beber algo? — perguntou o garçom ao meu lado, assustando-me, pois não o ouvi se aproximar.

— Chá tailandês, por favor — disse Millie.

— Três desses — corrigiu Tasha.

Olhei para as três, então, para o garçom e perguntei:

— O que é chá tailandês?

— Nunca ouviu falar nisso? — perguntou Dru.

— Ah, você precisa pedir — comentou Tasha.

— É muito bom — concluiu Millie.

— Acho que são quatro desses, então — pedi ao garçom, que assentiu e foi pegar nossas bebidas.

— Entaaão, outra de nossas tradições é acordar cedo e abrir os presentes na cama — começou Tasha.

— O que significa que Millie e eu já abrimos os presentes que compramos uma para a outra — adicionou Dru.

— *Meninas* — repreendeu Millie, quando percebeu que elas estavam jogando verde para descobrir se eu comprei algo para ela.

Apesar de que elas não estavam jogando verde, pois sabiam muito bem o que eu comprei para ela.

Meu rosto se abriu num sorriso, e bati palmas, animado.

— Bem... — Mas antes que eu pudesse fazer a grande revelação, meu celular tocou.

— Sinto muito, preciso atender. Pode ser a Kayla — avisei, levantando-me da cadeira.

— Claro — disse Millie, compreensiva.

Dei alguns passos para me afastar, e parei quando vi que era Mick. Imaginando que eu precisaria de mais privacidade, voltei à entrada enquanto pressionava o botão para atender a ligação. Encostei o celular no ouvido.

— Alô?

— *Heeler? É o Mick. Pensei que fosse gostar de saber que eu a encontrei* — respondeu ele, rapidamente.

— Julie? — perguntei, como um idiota, mesmo sabendo que ela era a única pessoa de quem ele poderia estar falando.

— *Sim.*

— Onde? — questionei, olhando para a rua sem prestar atenção em nada.

— *Em Hampton, a cerca de quarenta minutos.*

— Quarenta minutos? — murmurei, sem acreditar. — Ela esteve a quarenta minutos de nossa filha esse tempo *todo e nunca* quis vê-la?

— *Sinto muito, irmão, ela é uma figura... Mora com um velhote rico numa casa cara. Trai ele com o professor de tênis e com o cara da piscina.*

— O quê? — perguntei, então precisei me certificar. — Você está falando da Julie, certo? Julie Heeler?

— *Ela mesma. Mas parece estar usando o nome Julie Baker agora.*

Seu nome de solteira. Ela voltou a usar o nome de solteira e estava vivendo a quarenta minutos de nossa filha, sem nem mesmo a *porcaria* de um *feliz aniversário...*

— Qual o endereço? — pedi. — Preciso pegar os papéis do divórcio, então, vou direto para lá. Preciso fazer isso de uma vez por todas.

Mick ditou o endereço e disse:

— *Nos encontramos lá.*

Ele desligou, e fiquei parado ali, encarando o nada e me perguntando como Mick poderia estar falando da mulher com quem eu era casado e tive uma linda filha, porque a pessoa que ele descreveu era uma completa estranha.



Capítulo Vinte e Nove

Millie

— VOCÊS ESTÃO PRONTAS PARA PEDIR?

Olhei para cima e vi o garçom esperando pacientemente ao meu lado. Nossas bebidas estavam em nossa frente, e fazia cinco minutos desde que Jackson foi atender o celular. Olhei para a porta pela qual ele saiu, esperando que estivesse voltando para a mesa, mas não estava.

— Precisamos de mais alguns minutinhos, por favor — respondi, e olhei para as minhas irmãs. — Vou procurar o Jackson.

Quando abri a porta e saí, encontrei-o sentado na calçada, olhando para o nada, com o telefone numa das mãos.

— Oi — cumprimentei, fazendo Jackson estremecer e girar a cabeça em direção à minha voz. — Tudo bem com Kayla?

— Hm... Sim — respondeu ele, passando a mão livre pelo cabelo e soltando um longo suspiro antes de se voltar por completo para mim. Jackson ergueu a mão que segurava o celular e disse. — Era Mick, meu detetive particular.

— Ah. — Olhei para o celular dele, que agora tinha apenas uma tela desligada, e perguntei: — Ele a encontrou?

O rosto de Jackson parecia cheio de dor quando respondeu:

— Sim.

Incerta do que dizer, fiquei parada, esperando que ele me contasse o que o estava incomodando e, honestamente, sentindo-me um pouco nervosa sobre

qual seria sua reação quando encontrasse a esposa. Depois de tudo, ele iria querer voltar para ela, agora que sabia onde ela estava? Estaria ele esperando uma reconciliação, se não para o bem dele, então, pelo de Kayla?

Sei que Jackson foi sincero quando disse que não a queria de volta, mas isso poderia mudar quando ele a visse pessoalmente mais uma vez?

— Julie está em Hampton. *Hampton*. Você sabe onde isso fica? — questionou Jackson, sua voz se elevando.

Assenti, porque sabia onde ficava, e não ficava longe.

Ele respirou fundo.

— Preciso vê-la. Conversar com ela... Meu advogado preparou a papelada, disse que já pode me entregar ou ele mesmo pode levar para ela. Mas acho que eu preciso fazer isso... Entende?

— Entendo. — E eu entendia mesmo. Sabia que ele precisava de respostas, porque, sem elas, ele poderia nunca colocar um fim nisso, por ele e por Kayla.

Se um fim for o que eles querem...

— Você deveria ir — opinei, mesmo isso me deixando mal.

— Mas... — começou Jackson, parecendo miserável ao olhar sobre minha cabeça para o restaurante atrás de nós.

— Não tem problema — garanti.

— Millie, é seu almoço de aniversário, não vou simplesmente...

Apoiando minhas mãos em seus ombros, olhei para seu rosto lindo e atraente, prestando atenção em seu cabelo bagunçado, em seu óculos e na reveladora falta de covinhas.

— Você precisa lidar com isso; chegou a hora. Ainda vai ser meu aniversário mais tarde, e vou vê-lo na festa de Dru.

— Tem certeza? — perguntou Jackson, obviamente incerto.

— Tenho — disse, convicta.

— Certo, mas eu vou vê-la mais tarde, e vamos celebrar seu aniversário depois da festa de Dru, apenas nós dois. — Jackson franziu a testa, então, se inclinou para encostar a testa na minha. — Odeio fazer isso com você no seu aniversário, mas preciso vê-la, frente a frente, e agora que sei onde ela está, sinto que não vou ser capaz de me concentrar em mais nada até falar com ela, e isso também não seria justo com você.

— Eu entendo.

— Você é incrível — sussurrou ele, afastando-se para olhar para mim enquanto acariciava meu cabelo, num gesto doce. — Vou guardar seu

presente para a noite. Não quero que o momento o estrague.

— Certo — concordei, com um sorriso um tanto forçado. — Mal posso esperar.

Dei um passo para trás e pude ver Jackson ainda duvidando de sua decisão, apontei para o fim da rua e ordenei:

— Vai, e eu o vejo à noite.

Depois de alguns segundos, voltei para o restaurante e me sentei à mesa.

— O que aconteceu? — perguntou Dru, olhando sobre meu ombro e procurando Jackson, franziu a testa quando percebeu que ele não estava comigo.

— O detetive particular dele encontrou a esposa. Ele vai se encontrar com ela e entregar os papéis do divórcio.

— Agora? — choramingou Tasha. — Ele não poderia ter esperado até depois do almoço?

— Ele foi embora do almoço do seu aniversário? — perguntou Dru, incrédula.

— Meninas, eu disse para ele ir. Ele ficaria pensando em confrontá-la, e eu, preocupada com ele e com tudo. É melhor ele ir e lidar com isso agora. Resolver tudo. Vou vê-lo na festa hoje à noite, e ele disse que celebraríamos meu aniversário depois.

— Tem certeza de que você está bem? — perguntou Dru, sua mão pegando a minha.

Eu a segurei, sentindo-me grata e admiti:

— Estou feliz por ele tê-la encontrado, espero que ele consiga as respostas e o encerramento de que precisa...

— Mas você está preocupada — adivinhou minha gêmea.

— E se ao se verem, perceberem que ainda deveriam ser uma família? — perguntei, baixinho.

— Então, você vai superar isso, conosco ao seu lado. Juntas, podemos fazer tudo, certo?

— Certo — confirmou Tasha.

— Gostariam de pedir agora? — perguntou nosso garçom.

— Sim — confirmei. — Vai ser apenas nós três. Poderia me trazer um frango na manteiga e trocar o chá tailandês por um *dry martini*, extra seco, com três azeitonas?

— Oba! — exclamou Dru, aplaudindo — Três martinis, e eu quero o curry.

— Eu também — disse Tasha, e entregamos nossos cardápios ao garçom.

Inadvertidamente, meus olhos se fixaram no chão, então, senti Dru apertar uma das minhas mãos, e Tasha segurar a outra, e voltei a atenção para minhas irmãs.

— Vai ficar tudo bem — garantiu Dru, e rezei para que ela estivesse certa.



Capítulo Trinta

Jackson

MEU CORAÇÃO ESTAVA ACELERADO, meu estômago, revirado, e eu me sentia um pouco tonto enquanto seguia o GPS para onde Julie se escondeu no último ano.

Quando virei na esquina, vi Mick saindo de um *Jeep* militar bem detonado. Enquanto seu grande corpo se arrastava em minha direção, meu olhar continuava se voltando para a grande casa à direita. Não havia nada caseiro nem aconchegante; não, não se parecia em nada com a casa que construímos juntos. Essa era chamativa. *Pomposa*.

— Ela está aí — garantiu Mick, aproximando-se. — Vi Julie voltando há cerca de vinte minutos, e ela não saiu mais.

Assenti, ainda incapaz de dizer algo.

— Vou esperar aqui fora, a não ser que queira que eu o acompanhe — declarou Mick, suas sobrancelhas erguidas. Eu não sabia se aquelas sobrancelhas me desafiavam a não ser um covarde ou se simplesmente esperavam minha resposta, mas respirei fundo e segui em frente.

— Não. Deixa comigo — respondi, agarrando o envelope pardo que continha minha chave para a liberdade.

Mick se encostou na lateral da caminhonete enquanto, lentamente, caminhei pela calçada, como se estivesse passando por um corredor da morte, como em *À Espera de um Milagre*. Adrenalina percorreu meu corpo quando percebi que finalmente teria a confrontação depois de meses e meses de

perguntas e uma infinidade de sentimentos confusos. Aproximei-me da porta e bati.

Nada...

Toquei a campainha e esperei.

Nada...

— Tem certeza de que ela ainda está aqui? — gritei de volta a Mick, que me olhou como se eu não devesse duvidar dele.

Um momento depois, ouvi um barulho do outro lado da porta, e estava ajeitando meu óculos, nervosamente, quando ela foi aberta. Parei de respirar e demorei uns três bons segundos para perceber que a mulher em minha frente era *mesmo* Julie.

Tudo nela estava diferente.

Vestia um biquíni fio-dental, que expunha o fato de que seus seios aumentaram e de que ela estava magra, muito magra. Provavelmente, eu poderia envolver meus braços em sua cintura se quisesse, mas eu não queria. Seu cabelo, naturalmente escuro, foi tingido num tom loiro quase branco, e seu nariz parecia diferente. Não foi uma mudança drástica, mas suficiente para que *eu* soubesse que ela o havia operado.

Sua pele estava morena, bronzeada, o que realçava as estrias que ganhou durante a gravidez. Aquelas marcas, junto com seus olhos, eram as únicas evidências de que essa era a Julie com quem eu era casado.

— *Jackson?* — arfou Julie, seu sorriso falhando. — O que está fazendo aqui? Como me achou?

Olhei sobre o ombro para Mick, e Julie se inclinou para o lado para ver, então se endireitou, enquanto eu lutava para fazer as palavras saírem de minha boca. Dizer que eu estava chocado, estupefato, *aturdido*, seria um eufemismo.

— Bem, num primeiro momento, pensei que você voltaria — comecei, minha voz rouca, como se eu tivesse acabado de acordar de uma longa soneca. — Então, fiquei preocupado de que você pudesse estar machucada. Por fim, parei de me preocupar. — Ela estremeceu, e isso me mostrou que eu acertei em cheio, mas mesmo que eu quisesse infringir dor a ela, assim como fez comigo, percebi que esse não era o motivo pelo qual eu estava ali, e não me sentiria melhor machucando-a. — Assim que eu o contratei... — Apontei, com o polegar, sobre o ombro para Mick. — Não foi difícil. Você esteve aqui o tempo todo?

— Por que não entra? — ofereceu Julie, dando um passo para trás e

apontando para dentro da casa.

— Não quero — respondi, um pouco mais rude do que o necessário. — Vim aqui apenas para obter algumas respostas e para entregar isso. — Ergui o envelope entre nós, e deixei minha mão cair novamente.

— O que é isso? — perguntou ela.

Eu balancei a cabeça e disse:

— Respostas primeiro.

Julie suspirou, como se eu fosse a pessoa insensata, então, afirmou:

— Já disse quando parti, eu precisava de um tempo para me encontrar. Para *ser* eu mesma.

— Mas você nunca disse o porquê, ou como não estava sendo você... Não compreendo, e Kayla certamente também não. Você se lembra dela, da sua filha? Ela acabou de fazer nove anos... Você sequer se lembrou de que foi aniversário dela?

Minhas emoções estavam tomando o controle, e eu não consegui parar, apesar de vê-la estremecer diante de meu discurso.

— Como eu a estava impedindo de algo? Como ser uma mãe era um problema? Eu não entendo. Nunca neguei nada a você, ou disse não quando você queria fazer algo. Nosso relacionamento não era assim, pelo menos, eu acho que não. Pensei que fôssemos parceiros, que compartilhássemos tudo e que usássemos o outro como apoio quando preciso. Você me enganou por completo, Julie. Num segundo, pensei que tudo estava bem, e no outro, você se foi. O que aconteceu?

Percebi que eu precisava respirar e fiz uma pausa, deixando-a responder, e eu precisava reconquistar o controle antes de me envergonhar chorando na frente dela. Ou, que Deus proibisse, na frente de Mick. Respirando fundo, cheio de emoções, observei o rosto dela. Ela enrugou o nariz, assim como sempre fazia quando nervosa, levou o peso do pé esquerdo ao direito.

— Eu li um livro, então, assisti a um vídeo no *YouTube*, sobre se acostumar. Sobre se tornar algo apenas para o bem alheio, e percebi que eu nunca vivi a vida que sempre sonhei quando criança. Nunca fui indecente nem fiquei louca ou sequer vivi. Nunca planejamos engravidar e nos casar daquele jeito, nenhum de nós planejou, mas fizemos o que foi preciso, e você parecia estar prosperando, Jackson. Estava óbvio que amava ser pai e marido, e seu trabalho... você realmente gostava de lecionar. Você estava feliz. E quanto mais você ficava feliz, mas eu comecei a me ressentir.

— Por quê? — a pergunta saindo estrangulada.

— Porque eu não estava feliz. Eu amava você e amava Kayla, amava mesmo, juro, mas parecia que você estava sempre sugando minha vida. E quanto mais tempo passava, menos eu existia. Ler aquele livro foi como acordar depois de dez anos. Temos apenas uma vida, que é bastante curta, e eu sabia que se eu não fosse embora e descobrisse o que eu queria, quem eu queria ser, eu estaria perdida.

— Por que não me contou que se sentia assim? Eu teria tentado ajudá-la a entender tudo. Nunca quis que você fosse infeliz — implorei, porque ela estava certa. Eu estava feliz e não fazia ideia de que minha esposa não estava.

— Não sei, não consegui. Sinto muito por ter partido daquela maneira, sinto muito por tê-lo machucado, mas encontrei o que eu estava procurando, Jackson. Estou feliz. — Julie tentou sorrir, mas ficou inquieta novamente, e percebi que ela estava tão pronta para o fim daquela conversa quanto eu, mas eu ainda precisava perguntar...

— E Kayla? E nossa filha? Você não sente saudades dela? Não a quer ver? — Já tinha aceitado que tudo entre nós chegou ao fim, mas não conseguia entender o fato de ela não querer ver Kayla.

Julie mordeu o lábio e desviou o olhar.

— Acho melhor assim...

— Melhor para ela crescer sem uma mãe? — pressionei, meu tom escondendo minha descrença, minha raiva.

— Não tenho nada a oferecer a ela agora, talvez algum dia...

Erguendo minha mão novamente, empurrei o envelope para ela.

— São os papéis do divórcio. Estou pedindo guarda total, a casa, tudo... tudo que você deixou para trás. Se quiser brigar comigo por causa de Kayla, revidarei, mas se quiser metade da casa ou de qualquer coisa dentro dela, podemos nos sentar e reescrever a papelada.

Eu disse tudo. Zangado, com o coração quebrado por minha filha e ansioso para voltar a Millie, suas irmãs e meus amigos. Precisava de um drinque forte, dos braços da mulher por quem eu estava me apaixonando e, amanhã, abraçaria minha filha até ela não ter nenhuma dúvida de que eu a amava o suficiente por ambos os pais.

— Não quero nada — disse Julie, pegando o envelope.

— Tem uma caneta aí dentro, e um indicador amarelo em todas as páginas onde você precisa rubricar e assinar.

Ela assentiu e começou a fazer exatamente isso.

— Você deveria ligar para os seus pais, eles sentem muito a sua falta —

informei, enquanto a observava assinar.

Julie ergueu o olhar, seus olhos brilhando.

— Como eles estão?

— Não muito bem. Sua mãe emagreceu e está sempre triste. Seu pai passa bastante tempo mexendo na garagem. Os dois estão magoados. Você precisa ligar para eles, Julie.

Ela soltou um suspiro e disse:

— Eu vou.

Peguei os papéis que ela me ofereceu e os folheei, garantindo que tudo estava assinado e rubricado de acordo com as instruções do advogado. Quando fiquei satisfeito, guardei tudo de volta no envelope e olhei para a minha futura ex-mulher uma última vez.

— Se acordar e perceber o que está deixando de lado, ligue para mim. Poderemos descobrir uma maneira de trazer você de volta à vida de Kayla. Não tente passar por mim e falar com ela sozinha. Preciso estar envolvido, e precisamos fazer tudo o que for possível para que ela esteja confortável.

Julie assentiu, mas não respondeu, daí, eu disse:

— Adeus, Julie. — E me virei para voltar para a caminhonete.

— Jackson — chamou ela, e me virei no meio da calçada para olhar para a estranha que costumava ser minha esposa. — Sinto muito.

Sem dizer nada, virei-me para a caminhonete, disse a Mick que o seguiria até o escritório e deixei Hampton e Julie para trás.



Capítulo Trinta e Um

Millie

MEU VESTIDO DOS ANOS 20 era roxo, com muitas franjas, que balançavam sempre que eu me movimentava. Com certeza, amei a roupa, assim como as decorações incríveis que nossa equipe fez.

O salão foi transformado num bar ilegal, completo com barris de uísque como mesas, uma cabine para fotos de ficha policial, sinais de proibição por toda parte, e todos precisavam saber a senha correta para entrar.

Dru, num vestido idêntico ao meu, mas preto, já estava se divertindo muito, e havíamos chegado há apenas meia hora. Estava tocando Louis Armstrong como som ambiente, e todos comiam, bebiam e riam. Aproveitando o momento.

Mas eu não conseguia parar de olhar para a porta e verificar o celular. Estava preocupada com Jackson, perguntando-me se teria falado com Julie e o que aconteceu.

Tasha apareceu ao meu lado, com um drinque em cada uma das mãos, e me entregou um.

Ela estava adoravelmente sensual num terninho preto risca-de-giz e nada, exceto uma camiseta segunda pele, por baixo, seu cabelo vermelho-vivo estilizado de acordo com o período em ondas marcadas e seus lábios num carmesim brilhante.

— Obrigada. — Aceitei o copo. — E, sim, estou bem.

— Ainda não teve notícias dele? — adivinhou ela.

— Não, ainda não.

— Não se preocupe, ele vai aparecer — garantiu Tasha, sua voz cheia de uma confiança que eu não sentia.

— Eu sei — menti.

Um tumulto na entrada me fez desviar o olhar e ver um grupo entrar. Ty, Rebecca, Rob e Jan, todos elegantemente fantasiados em suas roupas dos Anos 20. Não respirei quando olhei atrás deles, esperando ver Jackson, e ali estava ele, mas não numa fantasia de 1920.

Não, ele tinha muita pele exposta em seu minúsculo short branco, camisa havaiana, que estava, sem exagero, presa na cintura, com um chapéu de marinheiro na cabeça.

Os olhos de Jackson encontraram os meus, ele sorriu e desfilou em minha direção. Quando me alcançou, eu estava rindo tanto que praticamente me curvei. Assim que parou em minha frente e tentou dar uma rodadinha, coloquei uma das mãos em frente da boca quando gargalhei.

Seus olhos brilhavam enquanto me observava, e quando finalmente recuperei algum controle, descobri minha boca e disse:

— Que linda fantasia de Elvis.

— Obrigado, *muito obrigado mesmo* — respondeu Jackson, o que fez Tasha berrar ao meu lado.

— *Ai, meu Deus!*

— Eu sei, está horrível, não está? — disse Ty, olhando o amigo de cima a baixo e fazendo uma careta.

— Eu amei — ronronei, envolvendo sua cintura em meus braços e inclinando minha cabeça para observá-lo. — Você está incrível.

— Não o encoraje — avisou Rob, pegando um charuto numa mesa ao lado e cheirando-o. Quando Jan o arrancou de sua mão, ele a repreendeu. — *Ei...*

Jan apenas lançou um olhar a ele, que o fez fechar a boca e fazer um biquinho, fazendo todo mundo rir.

— Como você está? — perguntei, baixinho, enquanto todo mundo zombava de Rob.

— Nunca estive melhor — disse Jackson, com um amplo sorriso. — Acabou.

Eu me aproximei e o abracei, então, olhei novamente para ele e perguntei:

— E Kayla?

Jackson balançou a cabeça, triste. Mas seu rosto se iluminou e ele perguntou:

— Você pode dar uma saidinha? Quero entregar seu presente.

— Agora? — questionei, olhando ao redor para a festa a todo vapor. — Não quer esperar até chegarmos em casa?

Jackson me pegou no colo, fazendo-me rir enquanto respondia, animado:

— Não vou conseguir esperar tanto assim.

— Tudo bem — concordei, assim que me colocou no chão. Então, prendeu minha mão na dele e me guiou para a porta dos fundos, que nos levava a uma varanda.

A festa foi silenciada quando ele deslizou a porta de vidro de correr, e demos um passo em direção à noite.

— Nossa — comentei, olhando para as estrelas que brilhavam no céu. — Que noite linda.

— Principalmente porque você está nela — disse Jackson, puxando-me para o seu lado, e meu coração aqueceu.

Apoiei a cabeça em seu ombro, aproveitando o momento, e soltei um breve suspiro quando ele me cutucou e perguntou:

— Quer o seu presente?

— Com certeza, por isso estamos aqui — afirmei, fingindo surpresa, estiquei minhas mãos e fechei os olhos. — O que é? Passa para cá.

Jackson riu de minha animação, repousou o que parecia ser um papel em minha mão. Abri um dos olhos e bisbilhotei, vi seu rosto animado e olhei para minhas mãos. Meu outro olho se abriu e meu queixo caiu.

Era uma brochura de Graceland nas palmas das minhas mãos.

— *Ai, meu Deus*, o que isso quer dizer? — perguntei, esperançosa, mas incapaz de compreender o que eu segurava.

— Conversei com Dru e Tasha, e elas terão tudo sob controle. Ainda faltam alguns meses até as férias escolares, mas isso vai nos permitir planejar tudo. Então, vamos para *Graceland, baby!*

— *Ai, meu Deus!* — gritei, dando três pulinhos de alegria antes de me jogar nos braços dele e apertá-lo o mais forte que podia. — Este é o melhor presente que qualquer um me deu *na vida toda*.

Jackson riu e disse:

— Ótimo, era esta reação que eu queria.

Quando voltei aos pés, olhei para a brochura, segurei-a contra o peito, e disse a ele:

— Você vai se dar muito bem hoje à noite.

E ele respondeu:

— Já estou me dando bem.
Caramba, este homem...



Capítulo Trinta e Dois

Jackson

ESTAVA DANDO O MEU MELHOR para domar duas irmãs bêbadas e uma tonta para fora da minha caminhonete e escadaria acima aos seus apartamentos, sem ninguém cair de cara no chão. Não era tão fácil quanto parecia. Essas garotas tinham uma grande conexão e um grande afeto uma pela outra. Elas paravam para se abraçar e *me* abraçar, então, se sentaram nos degraus quando consideraram a subida longa demais.

— Vamos, meninas, vocês se sentirão melhores quando tomarem uma aspirina, um pouco de água e vestirem um pijama — tentei persuadi-las, pensando que a parte sobre pijamas sempre funcionava com Kayla.

— Ahhh, um pijama seria bom — arrulhou Dru, erguendo a perna e chutando os pés até um dos sapatos voar, quase me acertando na cabeça.

Felizmente, eu o peguei.

— Vamos — disse Millie, a que estava apenas tonta, tentando me ajudar a puxar os braços da irmã. — Vamos trocar de roupa.

— Ei — disse Dru, tirando o braço do aperto de Millie. — Vai com calma, vai me deixar roxa. — Ela se virou para mim com um sorriso preguiçoso. — Talvez Jackson possa me levar no colo; é meu aniversário, afinal de contas.

— Ah, cara — gemeu Tasha, com um revirar de olhos exagerado. — Deve ter passado da meia-noite agora. Essa garota vai se aproveitar do aniversário até o ano que vem se você deixar.

— Ninguém vai carregar ninguém — contradisse Millie, passando o braço

de Tasha ao redor dos ombros e, então, dando um passo de cada vez. — Mexa essa bunda, Dru.

— Ela é tão malvada comigo. — Dru fez beicinho, mas se levantou sobre pernas bambas e agarrou o corrimão.

Segui-as, pronto para segurar qualquer uma delas se tropeçasse, até chegarmos ao topo.

Paramos no apartamento de Tasha primeiro, Millie levou a irmã ao quarto para se trocar, enquanto eu procurava algum tipo de aspirina e servia um copo d'água. Millie apareceu, tirou os dois das minhas mãos e disse:

— Obrigada. — Então, desapareceu novamente no quarto.

Assim que voltou, saímos do apartamento, trancamos a porta, olhamos para a esquerda e vimos Dru no chão em frente à sua porta, com a cabeça inclinada para trás, apoiada na madeira, e com os olhos fechados.

Quando ela soltou um ronco baixinho, Millie gargalhou, e olhou para mim.

— Você a segura, e eu abro a porta.

Millie entrou no apartamento, provavelmente para fazer exatamente o que fez no de Tasha, enquanto eu lutava para segurar o peso morto de Dru e atravessar a porta. Assim que entramos, ouvi uma tosse e um choramingo, olhei para baixo e vi Dru me encarando.

— Tudo bem? — perguntei, esperando que ela não estivesse prestes a vomitar em mim.

— O cara que encontrou sua esposa...

— Mick — informei.

— Sim, ele... Você acha que ele poderia encontrar nosso pai? — perguntou Dru, então, sua cabeça caiu para frente e precisei me equilibrar antes de cairmos.

Millie saiu do quarto, com um pijama jogado sobre o braço, e disse:

— Eu lido com ela agora, por que não vai para meu apartamento, eu encontro você lá?

Aceitei as chaves dela com um aceno, deixei as irmãs em paz, minha mente extremamente agitada.

Millie nunca mencionou o pai. Percebi, naquele momento, que nenhuma delas o fez. Elas falavam sobre a mãe, como ela era, e o quão difícil era agora que ela se foi, mas nada sobre o homem que foi o pai.

Fiquei surpreso por nunca ter pensado nisso, mas agora que Dru trouxe o assunto à tona, fiquei curioso.

Estava prestes a abrir a porta de Millie quando notei o desconforto que eu sentia. Caramba, o short apertava. E percebi que deixei minha mochila com uma troca de roupa na caminhonete. Corri escadaria abaixo, o mais rapidamente que meu short permitia, peguei o que precisava e subi para encontrar Millie saindo do apartamento de Dru.

— Tudo bem com ela? — perguntei.

— Desmaiou — respondeu Millie, sorrindo. — Mas consegui fazê-la tomar um pouco de ibuprofeno e *Gatorade* antes.

— Que bom.

Usei a chave para abrir a porta, dei um passo para o lado e deixei-a entrar primeiro.

Eu teria seguido direto para o banheiro para me trocar, mas Millie se virou e apoiou uma mão no meu peito.

— Nada disso. — Ela balançou a cabeça e me guiou para a frente do sofá, foi ao aparelho de som e mexeu nele até Elvis começar a cantar.

Observei-a se livrar do enfeite na cabeça e sacudir os cabelos, então, sentou-se em minha frente com um grande sorriso.

— Entretenha-me, Elvis — desafiou Millie, com um sorriso sensual, e meu short ficou muito mais apertado.

Joguei minha mochila ao lado dela no sofá, e comecei a mover os quadris enquanto meus dedos puxavam a camisa presa à cintura, desabotoando-a lentamente. Com a camisa aberta, dei outra rebolada, o que fez Millie gritar meu nome e me deixar corado, deslizei a camisa para longe dos ombros.

Os olhos de Millie se arregalaram, e se estreitaram, e seu rosto queimou enquanto observava meu short. Olhei para baixo e vi que não havia nada para a imaginação, pois meu pau estava tenso contra o tecido fino.

— Venha aqui — murmurou ela, sua língua se aventurando para fora e lambendo os lábios enquanto me observava me aproximar.

Quando cheguei perto o suficiente, Millie esticou as mãos, agarrou-me pela cintura e me puxou para ainda mais perto, esquentando meu sangue e fazendo-o borbulhar quando começou a trabalhar no zíper. E assim que olhou para mim através daqueles cílios, eu me rendi.



Capítulo Trinta e Três

Millie

ACORDEI VAGAROSAMENTE, MEU CORPO DESPERTANDO quando saiu da escuridão e encontrou a manhã com um resmungo.

Levei alguns segundos para compreender o que estava acontecendo. Primeiro, senti anseio, então, o prazer e, finalmente, o calor doce e molhado da língua de Jackson em mim. Arqueei meu corpo preguiçosamente com um gemido enquanto todos os meus sentidos acordavam de uma vez.

Deus, como ele é bom nisso, pensei rapidamente antes de perder a habilidade de *pensar*.

Quando olhei para baixo, Jackson beijou uma coxa, depois a outra, e subiu dando beijinhos pelo meu corpo. Assim que ele se posicionou completamente em cima de mim, coloquei meus braços ao seu redor e sorri serena para ele.

— Bom dia — sussurrei. E isso era... um jeito incrível de começar o dia.

— Queria ter feito isso noite passada, mas nos empolgamos um pouco — começou ele, fazendo-me gemer ao pensar na noite anterior.

Eu o tomei em minha boca até ele ficar louco, perder o controle e me curvar no sofá.

Foi maravilhoso, desesperado, e ficamos zonzos o suficiente para dormir logo em seguida. De alguma maneira, pelo menos, conseguimos chegar na cama antes de adormecer, mas não tivemos tempo para vestir pijamas, então, ainda estávamos fantasticamente nus.

— Hmm, gosto de você roçando em mim — murmurei, minhas mãos

explorando todos os lugares que podiam.

— E eu amo sentir você debaixo de mim — sussurrou Jackson, antes de abaixar a cabeça e apanhar meus lábios com os dele.

Dobrei os joelhos, e ergui meu quadril.

— Você tem certeza? — perguntou ele.

Já tínhamos conversado sobre sermos testados, anticoncepcionais e tudo isso. Estávamos saudáveis, e eu tomava pílulas, então, respondi:

— Sim.

Gememos quando ele deslizou para dentro de mim, nenhuma urgência da noite anterior presente esta manhã. Não, em vez disso, foi como se estivéssemos dançando uma valsa elegante e sensual, nossos corpos no ritmo um do outro.

— Não tem nada melhor do que isso — disse Jackson, baixinho, em meu ouvido, antes de seus lábios descerem por meu pescoço, amando-me.

Enfiei uma das mãos em seu cabelo e o agarrei, igualando suas investidas enquanto eu sentia o desejo crescendo dentro de mim mais uma vez.

— Você é a mulher mais maravilhosa que conheço — arfou ele, sua respiração mais pesada conforme se movia mais rápido.

— Você também — respondi, não sabendo o que eu estava falando enquanto sentia a pressão crescendo.

Apoiando minha outra mão no ombro de Jackson, segurei-me e ergui minhas coxas para que meu clitóris estivesse no lugar certo enquanto ele se movia acima de mim. Então, meu corpo todo se acalmou quando o orgasmo me atingiu, e mal notei Jackson gritando meu nome quando se liberou.

Grunhi quando ele caiu em cima de mim, se desculpou e rolou para o lado, levando-me com ele para que eu ficasse espalhada acima de seu peito enquanto nos esforçávamos para respirar.

Depois de alguns minutos, Jackson perguntou:

— Então, eu sou a mulher mais maravilhosa que você conhece?

Fiquei confusa num primeiro momento, daí, lembrei o que eu disse no ardor da paixão e comecei a rir tanto que ronquei.

— Sinto muito, fiquei um pouco preocupado. — Jackson virou para me olhar, suas covinhas aparecendo. — Vou encarar isso como um elogio.

— E deveria — concordei, passando meus dedos por suas costelas, fazendo-o estremecer. — Desculpe. — Inclinei a cabeça para trás e descansei sobre seu bíceps. — Então, ontem...

Jackson fechou os olhos brevemente, os abriu e disse:

— Eu mal a reconheci. Não apenas sua personalidade, ou a maneira como agia, mas *fisicamente*. Ela perdeu muito peso, fez algumas cirurgias... Acho que quando ela disse que precisava se encontrar, na verdade, quis dizer que precisava se tornar outra pessoa. Mal tive um vislumbre da Julie que eu conhecia.

— Sinto muito — ofereci, incerta, mas o que *mais* eu poderia dizer?

— Ouvi-la falar, vê-la... Eu entendi, finalmente. Um pouco. Quer dizer, não entendo, e não consigo me identificar, mas finalmente compreendi o que ela quis dizer.

— Nossa, é mesmo?

— Sim, quero dizer... Meu coração gritava que ela era egoísta, uma pessoa terrível e uma estranha completa. — Jackson olhou com cautela para mim, como se estivesse preocupado comigo o julgando por pensar coisas ruins sobre a esposa. Quando assenti, encorajando-o, ele continuou. — Mas, na minha cabeça, consegui entender pelo que ela estava passando, e por que fez o que fez. Não quero dizer que aceito isso, nem que perdoo, apenas que entendo.

— Você é um bom homem — garanti, pensando que, de jeito nenhum, eu entenderia os motivos dela. Claro, eu nunca a conheci, muito menos conversei com ela, então, como eu poderia saber?

— Você acha? — perguntou ele.

— Tenho certeza.

— Porque, mesmo tendo dito tudo isso, quero arrancar o coração dela quando penso no que fez com Kayla, no que as duas estão perdendo. — Jackson suspirou e passou uma das mãos pelo rosto. — Preciso conversar com Kayla, contar a ela que vi Julie.

— Deus, não consigo imaginar quão complicado isso vai ser.

— É um saco. Já precisei quebrar o coração dela por Julie antes, e tenho medo de como vai reagir dessa vez, mas nunca mais vou deixá-la machucar nossa filha.

Meu coração doía por Jackson e Kayla enquanto pensava em como era ser abandonada por uma das pessoas que mais deveriam nos amar. Eu sabia como era, e nunca fui capaz de esquecer nem de perdoar. Poderia apenas esperar que as coisas fossem diferentes para Kayla.



Capítulo Trinta e Quatro

Jackson

DEPOIS DE UMA MANHÃ ATRIBULADA ontem, e uma noite absolutamente maravilhosa, busquei Kayla e decidi manter um assunto leve no caminho de volta.

Não queria ter essa conversa com ela na caminhonete, pensei que fosse melhor estarmos em casa, rodeados por nossas coisas, com fácil acesso à sua cama se ela precisasse se deitar e chorar até dormir.

Ainda assim, foi difícil me manter otimista na volta para casa, especialmente quando a primeira coisa que Kayla perguntou, assim que ela entrou na caminhonete, foi:

— Se diverti com a *Millie*?

Decidi ignorar o tom sarcástico dela e respondi:

— Sim, me diverti.

Kayla cruzou os braços e ficou com a cara amarrada até em casa.

Assim que entramos com todas as coisas, desfizemos as malas e colocamos as roupas sujas dela para lavar, virei-me para minha filha e disse:

— Precisamos conversar.

— Não quero conversar sobre *Millie*. Você não pode me obrigar a gostar dela — disse ela, azeda, e precisei me lembrar de que ela era uma garota de nove anos que sentia falta da mãe e estava prestes a ter seu coração quebrado mais uma vez.

Era difícil, mas consegui manter isso em primeiro plano em minha mente

e afastar a situação com Millie, por enquanto.

— Não é sobre Millie... por enquanto — avisei, mas mantive o tom gentil, porque sabia o que estava prestes a acontecer. — Sente-se.

Kayla franziu a testa e me olhou feio, mas se sentou na cama e encostou nos travesseiros.

Assim que ela se aconchegou, comecei.

— Vi sua mãe ontem.

Quando seu rosto se iluminou, meu coração quebrou.

— Ela vai voltar para casa? — perguntou Kayla, esperançosa.

— Não, querida. Ela não vai voltar — respondi, duramente.

Kayla entristeceu, então, semicerrou os olhos e perguntou:

— É por que você está saindo com a Millie, não é? Minha mãe voltaria para casa se você não estivesse vendo outra pessoa.

Chocado, afastei-me, me recompus e afirmei:

— Não, Kayla. Nada disso tem a ver com Millie, então, pare de tentar culpá-la onde não existe culpa. Isso tem a ver com sua mãe e comigo, mais ninguém.

Kayla cruzou os braços e perguntou, obviamente não acreditando em mim:

— Então, por que ela não vai voltar para casa?

Em *casa*, sua voz falhou, e percebi que ela estava tentando não chorar.

Suspirei, meu coração pesado quando admiti:

— Sua mãe está num momento complicado da vida. Está tentando descobrir quem é e quem quer ser.

— Mas ela é minha mãe, ela não sabe disso?

— Sim, querida, ela sabe, mas às vezes, talvez, nem todos nasceram para ser mães — aleguei, com gentileza.

— Mas ela *é* minha mãe, ela não pode simplesmente desistir.

As palavras de Kayla ecoaram em minha mente e, ah, como eu queria que fosse verdade, mas a triste realidade era que Julie fez exatamente isso. *Desistiu*.

— Ela vai sempre ser sua mãe, mas isso não significa que vai fazer parte de nossas vidas. Ela tem uma vida nova agora, uma de que gosta, e não quer voltar para a que ela deixou no passado.

— E eu? — perguntou Kayla, incapaz de continuar impedindo que suas lágrimas caíssem. — Ela não me quer?

— *Ah, querida* — murmurei, meus olhos se enchendo de água com a tristeza absoluta na voz de minha filha. — Ela vai ser uma idiota de merda se

não quiser.

Kayla piscou, e seu queixo caiu quando ela disse, chocada:

— Papai, você usou a palavra com M. Você nunca diz a palavra com M.

E eu não dizia, pelo menos, não perto de Kayla... nunca. Mas se houvesse algum momento adequado, era aquele.

— Sinto muito, Ka, mas é a verdade. Você é a garota mais maravilhosa, inteligente, engraçada e linda do mundo todo, e se sua mãe não consegue ver isso, então, ela é uma idiota de merda.

Kayla arfou e cobriu a boca, ouvi o melhor som do mundo quando ela gargalhou.

— Você acabou de usar a palavra de novo.

Dei um sorriso para ela, e estendi minhas mãos, fechando-as quando ela se aconchegou em meu peito, e dei-lhe um abraço apertado.

— Eu te amo mais do que tudo, Kayla.

— Eu sei, papai. Eu também te amo.

Ficamos sentados ali, segurando um ao outro por não sei quanto tempo, e apesar de eu estar feliz por ela parecer bem, sabia que não seria tão fácil assim. A partida de Julie acabou com ela da primeira vez, e eu não tinha como saber o que a compreensão de que a mãe não voltaria, e que não queria voltar, faria com Kayla. Tudo o que eu podia fazer para ela era estar presente e esperar que isso fosse o suficiente.

— O que você acha de pedirmos pizza e enchermos a cara de sorvete enquanto assistimos ao novo filme dos super-heróis?

— Tudo bem — disse Kayla, sua voz abafada contra minha camisa.

— Legal, vamos vestir nossos pijamas, e eu peço a pizza enquanto você prepara o filme.

Kayla assentiu, então me soltou, mas antes que eu fechasse a porta dela ao sair, virei-me e chamei-a.

— Ka?

— Sim, papai?

— Vamos ficar bem — prometi.

— Eu sei — disse ela, dando-me seu sorriso mais valente.



Capítulo Trinta e Cinco

Millie

OUVI A TENSÃO NA VOZ de Jackson quando ele me ligou depois de conversar com Kayla, e por mais que eu quisesse correr para lá e ser um conforto para os dois, sabia que isso provavelmente ocasionaria o efeito inverso, então, em vez disso, fiquei em casa, com o coração pesado.

Felizmente, havíamos trocado nossos números com Ty, Rob, Rebecca e Jan, então, consegui falar com Ty e descobrir quando seria o melhor horário, quando possível, para aparecer e levar uma surpresa para Jackson.

Preparei um bolo invertido de abacaxi, que Ty e Rob concordaram ser o preferido de Jackson, e eu o levaria à sua sala de aula, junto com um abraço e, talvez, um beijinho, para que ele soubesse que eu estava pensando nele e que estava ali, se precisasse de algo.

Ty me garantiu que não existia nenhuma regra contra visitantes e que Jackson não se encrencaria com o diretor, nem com mais ninguém, se eu desse uma passadinha.

Senti-me um pouco estranha aparecendo no trabalho dele, mas nossas agendas eram tão corridas, e eu ainda não me sentia pronta para aparecer em sua casa, então, assumi que essa seria minha melhor opção. E prometi a mim mesma que não o atrapalharia nem ficaria tempo demais.

Então, agradei a Ty quando ele me deixou entrar e me levou para a sala de Jackson.

— Sem problemas — disse Ty. — Tenho um horário livre agora e mais

um tempo antes de me preparar para a aula de vôlei. — Fizemos um caminho estranho, e fiquei preocupada de não conseguir fazer o mesmo caminho de volta. — Aquela festa foi muito maneira.

— Fico feliz que tenha se divertido — comentei, sorrindo e esperando não estar espalhafatosa demais no meu vestido azul floral e com o cabelo preso num rabo. Dru me zombou quando cheguei ao trabalho assim e revirou os olhos quando eu disse que levaria algo para Jackson rápido.

— Certo, então, ele fica aqui. Você pode esperar o sinal tocar se quiser, ou ir pelos fundos, você decide.

— Obrigada, Ty.

— Imagine — disse ele, sorrindo, e voltou pelo corredor.

Bisbilhotei pela janela da porta e vi Jackson parado na frente da classe. Ele estava adorável, com jeans e um suéter de gola V, seu óculos um tantinho torto e o cabelo bagunçado, como se tivesse passado as mãos por ele. Estava explicando algo e usando as mãos, muito.

Deixei meus olhos vaguearem pela sala, analisando os livros organizados nas prateleiras, os pôsteres de filmes adaptados de livros e peças e como a atenção de todas as crianças estava fixa no professor.

Eram adolescentes. E não estavam conversando nem mandando mensagens, estavam realmente ouvindo a aula.

Coloquei minha mão na maçaneta e a girei vagarosa e silenciosamente, empurrei a porta apenas o suficiente para ouvir o que Jackson dizia.

— Sei que isso difere dos livros e peças que lemos até agora, mas garanto a vocês, não tem menos romance ou angústia, nem é menos complicado do que os outros. *Mulherzinhas* é um clássico por muitas razões e as pessoas o amam, às vezes, odeiam, de maneiras profundas e bastante pessoais. Vamos trabalhar nesse livro alguns capítulos por vez, então, discutiremos. Bem, algumas vezes discutiremos, outras, escreveremos... — Isso gerou alguns resmungos, mas os estudantes sorriam enquanto reclamavam. — Vamos ler até o capítulo cinco, isso vai nos apresentar as personagens principais do livro, e discutiremos nossas primeiras reflexões, sentimentos e, talvez, abriremos um parênteses sobre qual caminho vocês acham que a história seguirá. No fim do livro, o ganhador leva para casa alguns prêmios temáticos de *Mulherzinhas*.

Alguns dos rapazes bufaram ao ouvir aquilo, mas, olhando ao redor da classe, percebi que a aula era composta por, pelo menos, setenta e cinco por cento de garotas. O que poderia ser por causa do assunto, e não por causa do

professor atraente liderando a aula.

Ri daquilo, imaginando o quanto eu me derreteria por um professor como Jackson Heeler quando mais nova. Droga, ele me fazia derreter agora, não conseguia imaginar como seria se eu estivesse no auge dos meus hormônios.

Olhei novamente para Jackson, suas covinhas à mostra expunham sua paixão pelo trabalho, e percebi que estava oficialmente apaixonada.

Jackson era tudo o que eu sempre quis num homem e *mais*. Era a cobertura num sundae, o creme batido numa torta de nozes, o sal no cupcake de caramelo salgado.

Jackson era o ingrediente que transformava um prato comum em algo extraordinário, e *estou apaixonada por ele*.

O sinal tocou no meio de minha epifania, assustando-me e acelerando meu coração.

Saí do caminho das crianças que corriam em disparado da sala de Jackson, e quando o caminho ficou livre, deslizei para dentro.

Suas costas estavam voltadas para mim enquanto organizava algo na mesa, então, pigarreei e sorri quando ele se virou.

— Ei, que surpresa boa — disse ele, encontrando-me no meio da sala.

— Ainda bem — respondi, envergonhada, repentinamente me sentindo como uma das adolescentes pelas quais passara. — Queria ver como você estava e trazer isso. — Ergui a sacola com o bolo dele, e passei os braços ao seu redor. — E isso.

— Isso é bom — murmurou Jackson, abraçando-me de volta. Ele dava abraços muito bons, e descobri que ficaria feliz parada ali, daquele jeito, para sempre.

Claro, talvez isso seja meu coração apaixonado falando.

— O que tem na sacola? — perguntou Jackson, quando se afastou relutantemente.

— Bolo invertido de abacaxi. Fiquei sabendo que era o seu favorito.

— E é — disse ele, seus olhos brilhando. E lançou um olhar travesso para cima de mim. — Eu não preciso dividir, preciso?

Eu ri.

— Não, se você não quiser.

Cheguei mais perto dele e inclinei a cabeça para trás, e Jackson respondeu ao meu pedido me dando um beijo doce e suave.

— Sei que você tem aulas, e preciso voltar ao trabalho, mas precisava dar uma olhadinha em você — admiti, baixinho.

— Fico feliz que tenha vindo — garantiu Jackson, tirando um cabelo rebelde da minha bochecha. — Vê-la sempre me deixa feliz.

— Ainda bem — respondi, sorrindo, e comecei a voltar para a porta. — Vou deixar você trabalhar.

Jackson assentiu, atravessei a porta e segui pelos corredores da escola.



Capítulo Trinta e Seis

Jackson

FOI UMA SEMANA BASTANTE COMPLICADA.

Lidar com a falta de vontade completa de Julie em ser uma mãe, com a resposta de Kayla a isso, junto com uma agenda de trabalho lotada, além dos problemas rotineiros que sempre apareciam, havia me deixado exausto.

Claro, ser um pai solteiro significava que eu não poderia me entregar à exaustão. Em vez disso, era sexta-feira à noite, e estava lavando roupa acumulada, limpando o chão e guardando as louças que foram esquecidas na lava-louças.

Para piorar tudo, Kayla se metera numa confusão na escola naquele dia e estava sentada em sua cama “refletindo sobre o que fizera de errado.”

Meu telefone tocou assim que abri a lava-louças, e agradei a quem quer que estivesse me ligando pela distração. Quando vi que era minha sogra, apoiei-me no balcão e atendi a ligação.

— Oi, Ruth.

— *Jackson, ela ligou* — disse Ruth, sem ar e nem mesmo se preocupando em me cumprimentar.

Contei a ela sobre encontrar Julie e sobre o que conversamos quando nos vimos, e apesar de perceber que ela ficou decepcionada, sabia que, independentemente de qualquer coisa, Julie era sua filha, e ela esteve ansiosa por notícias dela, mesmo se não fosse as que estivesse aguardando.

— Que ótimo, Ruth. Esperava que ela fizesse isso — respondi,

honestamente.

— *Vou me encontrar com ela semana que vem em Hampton.*

— Que maravilhoso, fico feliz por você. Sei o quanto você sentiu a falta dela. — Tudo que eu dizia era verdade, *mas* não consegui evitar me sentir amargo pelo fato de Julie, aparentemente, ter espaço em sua nova vida para os pais, mas não para a filha.

Recusando a me perder nisso, foquei no que Ruth dizia.

— *Tentei conversar com ela sobre Kayla, mas ela apenas se fechou, então, parei. Vou tentar de novo quando nos encontrarmos* — prometeu Ruth, e meu coração ficou apertado pela velha mulher.

— Ruth, não se preocupe com isso. Já conversei com Julie e disse a ela o que precisaria acontecer se ela, algum dia, quisesse fazer parte da vida de Kayla. Passe um tempo com sua filha sem se preocupar conosco.

— *Não sei se posso fazer isso, Jackson* — respondeu ela, e claro que não podia. Ruth era uma boa pessoa. Uma pessoa maravilhosa, na verdade.

— Eu sei. Quero dizer, não deixe que isso arruíne seu reencontro. Conheça-a novamente e, talvez, vocês possam conversar sobre isso num outro momento.

— *Tudo bem, Jackson. Obrigada por tê-la encontrado e por pedir a ela que nos ligasse.*

Ouvi Ruth começar a chorar no outro lado da linha.

— Sem problemas, Ruth.

— *Eu te amo, Jackson, e sinto muito pelas atitudes da minha filha.*

— Eu também te amo, Ruth, e como já disse um milhão de vezes, deixe Julie assumir a responsabilidade pelas ações dela. Você é uma avó incrível. Boa noite.

— *Boa noite* — respondeu ela, baixinho, e desligou.

Encarei meu celular por alguns minutos, antes de afastá-lo e abrir a lava-louças. Fechei-a novamente e peguei o celular.

Tudo bem? Terminou de cozinhar para o chá de bebê?

Mandar uma mensagem para Millie colocou um sorriso em meu rosto e me fez sentir melhor. Essa mulher realmente me fazia bem.

Deixei o celular de lado e finalmente esvaziei a lava-louças. Assim que terminei, meu telefone apitou.

Sim, chá de bebê... pronto. Agora, estou cozinhando para um aniversário de cinquenta anos de casados. Você deveria ver as fotos

que os filhos deles me mandaram. #inspirador

Sorri quando vi a hashtag.

Tem um tempinho para jantar comigo?

Tinha acabado de guardar o último garfo e de fechar a lava-louças quando ela respondeu.

O que você vai trazer para mim?

Meu coração acelerou com a possibilidade de vê-la hoje à noite, quando eu não esperava.

Comida chinesa ou sanduíches, você escolhe.

Limpei o balcão enquanto esperava, agarrando meu celular rapidamente assim que apitou.

Chinesa. Bife e brócolis, por favor, com um rolinho primavera.

Pode deixar comigo, chegaremos daqui a pouco.

Enfiando o celular no bolso traseiro, fui para o quarto de Kayla e bati na porta uma vez antes de entrar.

— Vista os sapatos e pegue um casaco, vamos comprar janta.

O rosto de Kayla se iluminou, provavelmente pensando que sairíamos para comer, quando deveria estar encrencada.

— Aonde vamos? — perguntou ela, praticamente pulando para fora da cama.

— Pegar comida chinesa, daí, iremos ao trabalho de Millie e jantaremos com ela.

Kayla pousou num baque e seu rosto entristeceu.

— Ah...

— Sim, “ah”. E você vai se comportar. Nada dessa birra mimada que você tem feito sempre que temos Millie por perto. Você é uma menina doce, engraçada e *gentil*, e eu realmente ficaria feliz se pudesse mostrar esse seu lado para minha namorada.

A expressão tempestuosa de Kayla me fez perceber o que eu acabei de dizer, e suspirei internamente.

— *Namorada?* — rebateu ela.

— Esse seu comportamento é exatamente como *não* quero que você aja. Sim, ela é minha namorada. — Pelo menos, eu esperava que fosse... Não

chegamos a conversar sobre isso. — E eu gosto muito dela. Acho que ela gosta de mim também, e sei que ela vai amá-la, se você apenas der uma chance.

Quando Kayla não respondeu, agachei-me e olhei no fundo dos olhos da minha filha.

— Você pode pelo menos tentar, Ka? Por mim?

Quando ela suspirou e deu de ombros, percebi que, na minha posição, não poderia exigir muito mais, então, aceitei o que recebi.



Capítulo Trinta e Sete

Millie

ELE DISSE *CHEGAREMOS DAQUI A pouco*, e eu duvidava que ele viesse com Rob ou Ty, ou mesmo Jericho, apesar de que eu ficaria menos nervosa com qualquer um deles... Sim, mesmo com Jericho... Do que eu ficaria com a filha de nove anos dele que obviamente me odiava.

— Vai dar tudo certo, Millie — garanti a mim mesma em voz alta, trabalhando nas flores dos diversos bolos que seriam servidos no aniversário. Não cinquenta deles, graças a Deus, apesar de que isso seria interessante, mas cada mesa teria um bolo no centro que seria uma versão em miniatura do bolo verdadeiro.

Isso significava que eu tinha muitas flores para preparar. Copos-de-leite, as flores que ela teve em seu buquê.

Mesmo assim, quando Jackson ofereceu trazer comida, aceitei de cara a chance de vê-lo.

— Falando sozinha de novo? — perguntou Dru, entrando, com sua fiel prancheta em mãos.

— Claro — respondi, com um sorriso. Dei uma olhada de cima a baixo em minha irmã e assobieei. — Uau, você está maravilhosa.

— Pensei que azul bebê fosse uma boa escolha para o chá de bebê — disse Dru, apoiando-se no balcão, seu olhar em minhas mãos, enquanto eu trabalhava nas flores. — Além disso, queria usar os sapatos que você e Tasha me deram de aniversário.

Olhei brevemente para seus sapatos.

— Sensual.

— Eu sei, eu amei — confessou Dru, e ficou séria. — Tudo em ordem?

Assenti e respondi:

— Claire e eu carregamos a van, junto com Enrique e Stacey, e os três foram organizar o lugar. Claire vai voltar depois para ver se eu ainda estou fazendo os bolos, e os outros vão para casa mais tarde.

— Perfeito. Estou tão animada com amanhã. Ouvi dizer que o Sr. e a Sra. Stonopolis escreveram os votos para a renovação e estarão vestidos com roupas dos Anos 90. Eles são tão fofinhos, mal posso esperar para fazer o dia especial deles fluir sem nenhum problema. Você deveria ficar na festa para ver o que vai rolar dessa vez, Mills.

— Estive pensando nisso — comentei, um sorriso se espalhando em meus lábios. — Você sabe como eu gosto de uma boa história de amor.

— Por isso você está no meio de uma — brincou Dru, assim que o sino tocou na frente. — Você não trancou? — perguntou ela, franzindo a testa, uma vez que a porta de entrada deveria estar trancada.

— Sim. Acabei de destrancar para Jackson e Kayla; estão trazendo a janta para mim.

Dru arregalou os olhos, e eu disse:

— *Cale a boca.* — O que era minha premissa como irmã.

— Oi — chamou Jackson.

— Estamos aqui no fundo — respondi, flexionando minha mão cansada.

— Oi. Ah, oi, Dru — cumprimentou Jackson, entrando e carregando uma sacola de comida, sua filha seguindo-o, com uma expressão que eu estava começando a achar que nunca iria embora.

— Oi, Jackson — respondeu Dru, repousando a prancheta e atravessando o lugar para dar um abraço nele, então, olhou para Kayla. — E você deve ser Kayla. Sou Dru, a gêmea legal.

Kayla ficou momentaneamente surpresa. Caramba, acho que ela até mesmo sorriu, antes de dizer:

— Eu não sabia que Millie tinha uma gêmea. Vocês duas se parecem muito.

— As pessoas sempre dizem isso, apesar de sermos fraternos, e eu ser a mais bonita...

— *Idiota* — comentei, rindo.

Dru virou e deu uma piscadela para mim.

— Na verdade, temos outra irmã. Tasha; ela é a caçula. Trabalhamos todas aqui.

— Ah — respondeu Kayla, então, fechou a boca rapidinho e olhou ao redor da cozinha sem dizer mais nenhuma outra palavra.

— Está com fome, Dru? Temos o suficiente — ofereceu Jackson, mas Dru balançou a cabeça.

— Melhor não. Preciso sair, mas divirtam-se. Não trabalhe até muito tarde, Mills — ordenou minha irmã, e escapuliu da cozinha.

— Posso fazer uma pausa agora — disse, esfregando minha mão distraidamente. — Querem comer numa das mesas na frente?

— Claro. Vamos, Kayla — respondeu Jackson, guiando Kayla pela porta através da qual tinham acabado de entrar, enquanto eu lavava as mãos e guardava algumas coisas na geladeira.

Quando terminei, descobri que ele já tinha organizado os pratos de papel e as caixinhas estavam abertas e prontas.

— Eu não sabia se você gostava de mais alguma coisa, então, peguei algumas outras opções, mas ali estão seu bife e brócolis e os rolinhos. Também peguei alguns molhos, garfos e hashis. — Enquanto falava, ele tirava os itens da sacola no colo.

Peguei os hashis.

— Obrigada. Fico muito feliz por isso. Odeio admitir, mas geralmente fico tão focada que me esqueço de comer.

— Ficamos felizes em alimentá-la a qualquer momento. Certo, Kayla? — perguntou Jackson à filha, tentando fazê-la participar da conversa, mas tudo que ela fez foi dar de ombros e manter os olhos no prato.

Antes que eu pudesse pensar em mais alguma coisa para preencher o silêncio, o telefone de Jackson tocou. Ele olhou para baixo, franziu a testa, olhou para mim e murmurou a palavra “advogado”. Depois disso, levantou-se e seguiu para a cozinha para alguma privacidade.

— Então, como foi a escola essa semana? — perguntei a Kayla, dolorosamente ciente de quão estranhas as coisas tinham acabado de ficar sem Jackson.

Caramba, as coisas são estranhas mesmo com ele no cômodo...

— Millie?

Ergui o olhar e vi Jackson parado na porta, gesticulando para que eu me aproximasse.

Repousei meus hashis e me levantei, e o segui para fora da loja.

— Tudo certo? — perguntei, quando estávamos longe o suficiente para que Kayla não pudesse ouvir, assumindo que, se ele quisesse que ela escutasse, teria conversado comigo na mesa.

— Era meu advogado — começou ele, distraído enquanto mexia no óculos. — Ele disse que Julie está no escritório e quer que eu vá até lá.

— Por que ela está lá? — perguntei, sentindo um frio na barriga, enquanto milhões de motivos diferentes atravessavam minha mente.

— Não sei, ele não quis dar nenhum detalhe pelo celular, apenas disse para eu ir. Disse que não é nada muito preocupante, então, assumo que ela não esteja contestando, ainda assim... preciso ir até lá e ver o que está acontecendo. Quero acabar com isso e deixar tudo no passado para que possamos seguir em frente.

— Claro, posso fazer algo?

— A Ka pode ficar com você? — perguntou ele, e tenho certeza de que deixei minha preocupação transparecer. — Vai ser apenas por um tempinho, o escritório do meu advogado fica a uns cinco minutos daqui. Não posso levar Kayla e arriscar que se encontrem, ela não vai conseguir lidar com isso agora, e demoraria tempo demais para levá-la para a casa dos avós. Não vou demorar, prometo.

— Claro, fico feliz em ajudar — concordei, mas não pude deixar de imaginar como Kayla reagiria a essa mudança de planos.



Capítulo Trinta e Oito

Jackson

ESTACIONEI EM FRENTE AO ESCRITÓRIO do advogado e entrei lentamente, dando-me tempo para me acalmar. Para respirar.

O Sr. Hurley disse que não era nada ruim, mas a preocupação que se formou no caminho era de que Julie pediria Kayla. Lembrei-me do que ela disse há apenas alguns dias, e sabia que meu advogado colocaria isso na *categoria ruim*, ainda assim, foi no que minha mente pensou e continuou pensando por todo o trajeto.

Agora, eu estava praticamente hiperventilando, tinha certeza de que Julie estava prestes a tentar e conseguir levar minha filha para longe de mim.

De jeito nenhum vou deixar isso acontecer, prometi a mim mesmo quando abri a porta e segui para a sala de espera. Coloquei o celular no silencioso, e me aproximei da recepcionista para avisar quem eu era e por que estava ali, e me sentei. Mas antes que minha bunda encostasse na cadeira, meu advogado apareceu, e percebi que ele estava me esperando.

— Jackson — chamou ele, cumprimentando-me com um sorriso, que acalmou um tanto minhas preocupações.

Ele não poderia estar sorrindo se meu mundo estivesse prestes a ruir ao meu redor, certo?

Caminhamos de volta ao corredor, parando do lado de fora de uma sala de conferência, e o Sr. Hurley se voltou para mim.

— Como disse no telefone, Julie apareceu aqui e pediu para falar comigo.

Ela não tinha hora marcada, e esperou cinco horas até eu poder atendê-la. Minha secretária não fez nenhuma conexão entre você e Julie, pois ela tem um sobrenome diferente, e pensou que fosse apenas uma pessoa qualquer, ou eu teria ligado antes.

Assenti, já que não consegui encontrar palavras. Minha garganta estava seca demais, e meu coração, batendo acelerado.

— Enfim, depois de conversar com a Srt^a Baker, pensei que fosse melhor ligar para você e tentarmos resolver isso sem papelada, já mandamos o pedido para ser processado. Não temos motivo para interromper o andamento se isso não for preciso, certo?

Assenti novamente e tentei sorrir, o que mais pareceu uma careta, e segui-o pela porta quando ele a abriu.

Julie estava sentada na extremidade da mesa de conferência, usando um vestido curto um tanto recatado, pelo menos, mais recatado do que a última vez que a vi. Seu cabelo loiro estava volumoso e ondulado, e tinha pouquíssima maquiagem no rosto. De modo geral, estava bastante bonita, apesar de ter a aparência do completo oposto de antes.

Era quase difícil para mim compreender que ela era a mesma mulher.

Eu queria gritar e perguntar, cheio de raiva, o que estava acontecendo. Em vez disso, fiquei quieto, sentei-me o mais longe possível dela e esperei com uma paciência forçada.

— Primeiro de tudo, quero garantir que não é necessário fazermos nenhuma mudança na papelada do divórcio. Isso aqui é apenas um encontro, o qual irei mediar. É um pouco fora do comum, mas conquanto resolvermos isso rápida e amigavelmente, não tenho nenhum problema com isso. Uma das coisas boas sobre ser dono de seu escritório de advocacia é prestar contas apenas para você mesmo. Ainda assim, não quero que isso se torne um hábito — começou o Sr. Hurley, fazendo pausas para que nós dois pudéssemos compreender suas palavras.

— Claro, obrigada. Fico muito grata por sua atenção — disse Julie, com gentileza, porque, aparentemente, eu perdi a voz.

— Além disso, geralmente, a Srt^a Baker teria sua defesa. Mas já que esse não é o caso hoje, vou reforçar que sou o advogado do Sr. Heeler e que estou aqui apenas para o bem de meu cliente.

— Obrigado — disse roucamente, finalmente me virando para Julie. — Do que isso se trata?

Julie girou o anel no dedo do meio, inquieta, então, respirou fundo e seus

olhos alcançaram os meus.

— Queria minhas coisas — disse ela, e pisquei.

— Como assim? — perguntei.

Essa era a última coisa que eu esperava que ela dissesse.

— Minhas coisas... roupas, sapatos, joias. A caixa com lembranças do Ensino Médio e de quando eu era mais nova. Gostaria de um tempo para empacotar e levar minhas coisas quando você e Kayla não estiverem por perto.

Meu queixo estava caído, minha boca, aberta como a de um peixe, enquanto eu a encarava.

— O quê? — perguntou ela, defensiva. — As coisas são *minhas*, e tenho o direito de tê-las se eu quiser.

— Você veio ao escritório do meu advogado para que pudesse pegar suas roupas? — perguntei, meu tom quase maldoso, mas não consegui evitar, eu estava nervoso.

— Bem, sim. Não quis colocar minha mãe no meio, pedindo para ela conversar com você. E não achei que aparecer de repente na sua casa fosse uma boa ideia. Essa pareceu ser a maneira mais segura.

— *A maneira mais segura?* — quase gritei. — Você chegou a pensar, não sei, em me ligar?

— Não pensei que fosse uma boa ideia, e você parecia, *parece*, bastante zangado, então...

— Ah, não jogue a culpa em mim. *Zangado?* Você está mais do que certa de que estou zangado, mas você sabe que nunca te dei nenhuma razão para não se sentir segura ao meu lado, e apesar de estar certa, prefiro que ligue para o meu celular, faz muito mais sentido do que me chamar para o escritório do meu advogado por algo que levaria minutos para resolvermos.

Respirei fundo e balancei a cabeça.

— Eu não poderia ligar menos para as suas *coisas*. Estou zangado porque você está mais preocupado com a porcaria de alguns sapatos e lembranças do que com a própria filha...

— Jackson — alertou o Sr. Hurley.

Respirei fundo mais uma vez antes de dizer:

— Sinto muito. Sim, podemos marcar uma hora para você empacotar e levar suas coisas. E não, Kayla certamente não vai estar lá. Mas eu vou. De jeito nenhum você vai entrar na *minha* casa sem eu estar presente.

— Tudo bem — disse Julie, baixinho.

Levantei-me rapidamente e disse:

— Agora, se isso for tudo, preciso voltar para minha filha. Mande uma mensagem para marcarmos um horário. — Voltei minha atenção para o Sr. Hurley. — Sinto muito por ter gastado seu tempo. Obrigado pela paciência.

E dei o fora daquele inferno.



Capítulo Trinta e Nove

Millie

TERMINAMOS DE COMER EM SILÊNCIO DEPOIS que Jackson foi embora, meu bife e brócolis praticamente sem gosto, então, quase não comi.

Depois de limparmos tudo, levei Kayla para os fundos, fiz uma breve apresentação do lugar a ela, garantindo que soubesse onde o banheiro ficava, mostrei nosso escritório, a cozinha, os diferentes corredores. Pensei, por um momento, em levá-la para meu apartamento, para que ela pudesse descansar e assistir à TV ou o que ela quisesse, mas percebi que ficava longe demais e que, talvez, como era minha primeira vez cuidando dela, ela devesse ficar por perto.

Estávamos na cozinha, e eu explicava as flores que estava preparando, o tipo de bolo que iriam decorar, e contando a Kayla sobre a festa no dia seguinte. Se algum dia existiu uma pessoa que pareceu e agiu mais entediada, eu não saberia dizer. Ainda assim, continuei tentando.

— Você pode fazer flores com cobertura, glacê, pasta americana...

— Ele nunca vai se apaixonar nem se casar com você, sabia? — interrompeu Kayla, seu tom cheio de raiva.

Ergui os olhos do que eu estava fazendo, repousei minhas ferramentas e, o mais suavemente possível, comecei a responder:

— *Kayla...*

— Não, isso é besteira. Meu pai amava minha mãe, e ela nos deixou. Ela nunca vai voltar. Então, agora, ele me tem, e estamos muito bem sozinhos.

Éramos felizes até você aparecer. Agora, você acha que pode tirá-lo de mim, mas não pode. Ele me disse, eu vou sempre ser a garota número um dele... *não você.*

Minha barriga pareceu congelar quando a raiva no rosto de Kayla se transformou em preocupação e tristeza.

— Ah, querida, não estou tentando tomar seu lugar nem o da sua mãe. Realmente gosto do seu pai, e estamos nos divertindo conhecendo um ao outro, apenas isso. Ninguém disse nada sobre casamento ou algo assim; não precisa se preocupar com isso. Não agora. Vamos apenas tentar nos conhecer, pode ser? Acho que isso deixaria seu pai muito feliz.

Por alguma razão, minhas palavras trouxeram a raiva de volta. Na verdade, Kayla parecia tão nervosa, com seu rosto vermelho e punhos cerrados, que fiquei preocupada com ela.

— Você não sabe o que o faz feliz — rebateu ela.

Ergui minhas mãos e disse, gentilmente, tentando acalmá-la:

— Você tem razão, vamos fazer uma pausa. Podemos ir para os fundos e tomar uma água.

— Não quero ir a lugar nenhum com você. Não quero você indo na minha casa comer tacos, não quero ficar aqui na sua cozinha idiota e vê-la preparar essa comida idiota. Quero que você nos deixe em paz! — gritou ela, e antes que eu percebesse suas intenções, ela correu para meu balcão, ergueu o braço e jogou todas as flores no chão. — *Eu te odeio.*

Meu coração acelerou, minhas mãos suaram, e senti um desespero absoluto quando vi todo o meu trabalho duro numa pilha esfarelada no chão.

— Volte para meu escritório e me espere lá. Vou até você quando nós duas estivermos mais calmas. — Foi o que consegui dizer, com os dentes cerrados. Quando pareceu que Kayla poderia reclamar, respondi, mais dura: — Agora!

Kayla bufou em resposta, mas seguiu minhas instruções e marchou para o escritório. Depois de alguns momentos, ouvi a porta bater, e me apoiei no balcão com as mãos.

Tentei respirar pelo nariz e pela boca, mas não funcionou. Meus olhos estavam cheios de lágrimas enquanto revivia a discussão que acabei de ter e pensava em quanto tempo levaria para refazer todo o trabalho que tinha finalizado.

Vai ser uma noite longa.

Usei minha manga para enxugar as lágrimas das bochechas, e segui para a

geladeira e peguei duas garrafas d'água.

Você consegue fazer isso... Você sabe pelo que ela está passando e pode se colocar no lugar dela. Ela está magoada e descontou em você, mas você é uma mulher adulta que aguenta isso.

Assim que terminei meu discurso mental de encorajamento, endireitei os ombros e segui para o escritório. Abrindo a porta, segurei as águas em minha frente, como uma oferta de paz, então, cambaleei quando vi que Kayla não estava ali.

Repousei as garrafas na mesa de Dru e dei uma olhada rápida no cômodo, procurando debaixo de todas as mesas e dentro do armário.

Nada.

Comecei a gritar o nome dela quando deixei o escritório e procurei em todos os corredores, no banheiro, na cozinha, na frente da loja.

Quando não a vi, e ela não respondeu, corri escadaria acima para o andar dos apartamentos e tentei abrir todas as nossas portas. Estavam trancadas, ela não poderia estar ali. Pânico começou a tomar conta de mim enquanto eu dava meia-volta e corria degraus abaixo.

Dei outra olhada no andar de baixo, esperando muito que Kayla estivesse se escondendo de mim, mas quando ela não apareceu nem disse nada, agarrei meu celular e liguei para Jackson.

Sua mensagem está sendo encaminhada para a caixa de mensagens de Jackson Heller — disse a gravação depois de alguns toques, a voz dele declamando seu nome.

Esperei o sinal e disse:

— Ligue para mim assim que ouvir isso.

Desliguei, xingando baixinho enquanto refazia os passos dela desde a bagunça da cozinha, saindo pelo corredor dos fundos e seguindo para o escritório. Foi quando meus olhos se fixaram na porta no fim do corredor.

A saída dos fundos.

Corri para a porta, abrindo-a com tanta força que ela bateu contra a parede e olhei para o estacionamento, mas estava vazio.

Ela se foi.



Capítulo Quarenta

Jackson

HAVIA UMA GUERRA DE EMOÇÕES acontecendo dentro de mim. Um confronto entre irritação e alívio.

Era irritante Julie ter voltado para minha vida apenas para recolher suas *coisas*, mas era um alívio completo ela não estar contestando o divórcio e tudo ainda estar correndo como o planejado. Eu precisava que essa parte da minha vida ficasse no passado, precisava seguir em frente, conseguir focar em minha paixão por Millie.

Então, eu estava dirigindo pela Main Street, sentindo-me muito bem, mesmo ainda tendo outro encontro com Julie em breve.

Virei na esquina em frente ao Três Irmãos e estava pulando para fora da caminhonete, ansioso para entrar e ver minhas garotas, quando Millie apareceu correndo dos fundos da construção, chorando e visivelmente tremendo enquanto gritava o nome de Kayla.

Meu coração quase saiu pela boca quando medo tomou conta de mim.

— Millie! — gritei, correndo para ela na calçada.

Sua cabeça estava girando rapidamente de um lado ao outro enquanto procurava algo na rua, e estava tão perdida em seu pânico que não percebeu que eu voltei.

Quando estava quase perto dela, chamei seu nome mais uma vez, estiquei uma das mãos e toquei seu ombro.

— O que está acontecendo? Cadê a Kayla?

— Não sei... — choramingou Millie, sua cabeça ainda indo de um lado ao outro, obviamente fora de si de preocupação, o que realmente me assustou. — Ela ficou nervosa, derrubou minhas flores, e brigamos... *Eu não sei o que faz você feliz, eu não posso tomar o lugar dela...* Disse a ela para se acalmar, mas ela fugiu. — Compreendi a essência do que ela estava falando, mas não tudo. — Fui levar água para ela, e ela tinha simplesmente... *desaparecido*.

— Ela não pode ter ido longe — comecei, adrenalina percorrendo meu corpo, enquanto pensava em todos os possíveis horrores que minha filha poderia estar enfrentando. — Você vasculhou o lugar todo, o andar de cima e o de baixo? — Millie assentiu enquanto ainda olhava desesperada pela rua. — E as outras lojas, você falou com os donos?

— Ainda não, acabei de sair depois que percebi que ela havia sumido. Então, você chegou.

— Certo — disse, pensando que, pelo menos, Kayla não sumiu há muito tempo. — Vamos nos separar e verificar as lojas. Você segue desse lado, e eu atravesso a rua.

Millie saiu correndo antes mesmo de eu terminar de falar, comecei a correr pela rua, quando ouvi alguém gritar meu nome.

— *Jackson*.

Minha cabeça se voltou na direção do som, e vi Jericho parado em frente ao *Prime Beef*, acenando para que eu me aproximasse.

— Kayla está aqui! — gritou ele, e praticamente tropecei de alívio.

Virei-me para chamar Millie, mas a vi parada na calçada, lágrimas escorrendo por seu rosto enquanto nos observava.

— Tentei ligar para você, mas seu celular só ia para a caixa postal — disse Jericho, quando me aproximei. — Acabei de perceber que, provavelmente, ela veio da casa da sua namorada; ia ver se você ainda estava lá. Ela está bem, deixei-a à vontade antes de procurá-lo. Espero que não tenha ficado muito preocupado.

— Obrigado, cara. Coloquei o celular no silencioso quando estava com o advogado, e esqueci de ligar de novo.

Virei-me para ver se Millie iria se juntar a nós, mas encontrei a rua vazia. Esperava que ela estivesse bem, mas vendo quão perturbada estava, assumi que precisasse de um minuto para se recuperar.

— Pode me levar até ela? — pedi, pensando que a buscaria e voltaríamos para falar com Millie, e Kayla teria muitas desculpas a pedir.

— Claro — disse Jericho, dando um tapinha nas minhas costas antes de

me levar para dentro do restaurante, passando pelo salão e entrando na cozinha.

Meu olhar observou o caos antes de repousar em minha filha acomodada nos fundos.

Eles pegaram um banquinho do bar, deram a ela um pedaço de bolo e um copo de leite. Sua cabeça estava abaixada enquanto desenhava no papel que Jericho lhe deu, então, não viu eu me aproximar. Senti uma breve onda de alívio por ela estar sã e salva, seguido por um vislumbre de raiva quando me lembrei do pânico no rosto de Millie.

Ela pensou que minha filha estava em perigo, e a realidade de Kayla, sentada ali, como se estivesse se divertindo mais do que nunca, deixou-me mais zangado com ela do que nunca antes.

— Kayla.

Meu tom fez Kayla pular de susto no assento, e ela se virou para mim, com um sorriso.

— Oi, papai. — Então, percebeu o olhar em meu rosto e sua expressão entristeceu.

— Levante-se — ordenei, e vi seu olhar ir para Jericho antes de deslizar para fora da banquetta e andar em câmera lenta para mim. Virei-me para Jericho. — Obrigado por cuidar dela. Sinto muito se ela atrapalhou.

— Nada disso — respondeu meu amigo. — Estou aqui, se precisar de algo.

Assenti, e apontei para a porta.

— Vamos — disse para Kayla.

Caminhei atrás dela, tentando me acalmar antes de dizer algo do qual pudesse me arrepender, mas eu estava tão nervoso e decepcionado com ela, e essas eram emoções que eu nunca senti antes por minha filha. Não nesta intensidade.

Quando chegamos do lado de fora, olhei ao redor para garantir que não tivéssemos uma audiência. Voltei-me para Kayla, franzindo a testa.

— Estou muito, muito decepcionado com você, juvenzinha. Você sabe que não deve sair correndo assim, você tem nove anos, não quatro. — Notei os ombros de Kayla minguarem e lutei contra a culpa de estar fazendo-a se sentir mal. — Millie ficou louca de preocupação. Ela não sabia se você estava machucada, se foi sequestrada ou pior... Você precisa ir lá agora e se desculpar. Por tudo. O que quer que tenha feito com as flores dela, por discutir com ela, por dizer coisas feias e por desaparecer. Você,

provavelmente, vai precisar compensá-la... Não sei, vamos falar com ela. Talvez você possa limpar a cozinha ou algo assim.

O queixo de Kayla começou a tremer enquanto seus olhos se enchiam de água.

— Desculpa, papai.

— Diga isso para Millie — afirmei, colocando uma das mãos em seu ombro e a guiando para o outro lado da rua.

Quando passamos pela frente e pela cozinha, onde vi as lindas flores, nas quais Millie esteve trabalhando, esfareladas numa pilha no chão, olhei para Kayla e a vi estremecer. Quando não encontramos Millie, subimos as escadas e batemos na porta dela.

Depois de alguns segundos, ouvi movimentos dentro do apartamento. Quando a porta não se abriu, bati mais uma vez e esperei.

Por fim, a porta se abriu lentamente, e Millie deu uma olhada no lado de fora, seu rosto estava inchado e vermelho por conta do choro, mas antes que eu pudesse pedir desculpas, ela olhou de Kayla para mim e afirmou:

— Sinto muito, não posso fazer isso...



Capítulo Quarenta e Um

Millie

— O QUE VOCÊ QUER DIZER com isso? — perguntou Jackson, seu rosto expondo sua confusão.

Olhei sugestivamente dele para Kayla e sussurrei:

— Agora não é o melhor momento...

Jackson olhou para a filha, que me observava com uma expressão chocada, então, voltou seu olhar para mim e disse:

— Eu vou voltar.

Observei desanimada enquanto ele pegava Kayla e se afastava da minha porta pelo corredor. Percebi que Kayla ainda me observava quando fechei a porta silenciosamente, segui para meu sofá e voltei à posição na qual estivera.

Fetal.

Soluços irromperam novamente quando tristezas de décadas tomaram conta de mim, agravadas pela dor recente que eu sentia naquele momento.

Pareceu que apenas alguns minutos tinham se passado antes de uma batida veloz soar na porta, como tiros em meu coração. Levantei, com um frio da barriga e o coração pesado ao pensar no que eu estava prestes a fazer.

O que eu precisava fazer...

Abri a porta sem olhar, sem querer reconhecer quem estava ali, e dei meia-volta para retornar ao sofá, meu porto seguro. Arrastei-me de volta ao aconchego, puxei uma almofada para cima do colo, abracei-a, junto com meus joelhos, apertados contra o peito, como uma espécie de armadura.

Apenas então obriguei meus olhos a enxergarem Jackson, que agarrara a caixa de lençinhos da mesa e a oferecia a mim.

Sua bondade apenas me fez chorar mais.

— Jesus, Millie — disse ele, sua mão passando pelo cabelo tão pesadamente que, praticamente, os arrancava. — O que está acontecendo?

Dei o meu melhor para me recompor, percebendo que, quanto mais rápido eu acabasse com isso, mais rápido ele iria embora, e eu não mais precisaria enfrentar sua perfeição pessoalmente, ficaria apenas com as lembranças.

Assim que me senti capaz de emitir frases, usei um lenço para enxugar o rosto, e outro para assoar o nariz antes de respirar fundo e focar no horizonte enquanto falava.

— Kayla não está pronta para isso — comecei, minha voz rouca. — Eu deveria ter percebido quando tudo começou. Acho que eu sabia. Pelo menos, tinha minhas reservas sobre você ainda ser casado... mas eu deveria saber que Kayla não estava pronta para você namorar seriamente outra pessoa.

— *Millie* — disse Jackson, obviamente chateado e querendo contradizer o que eu falava, mas continuei.

— Por favor, deixe-me terminar.

Quando ele ficou em silêncio, eu disse:

— Ela me odeia. Quero dizer, não *eu*, porque ela não me conhece, mas ela odeia a ideia de mim. Ou o que eu represento. Primeiro, a mãe dela vai embora, agora, acabou de ser confirmado que ela não tem nenhum plano de voltar, então, claro, Kayla vai se apegar ainda mais a você, e ver qualquer outra pessoa que compita com ela por sua atenção como uma ameaça. Ela precisa de tempo...

Pude notar que Jackson estava se segurando. Ele queria tanto falar que parecia se contorcer no assento ao meu lado, mas sendo o homem maravilhoso que era, respeitou minha vontade.

Merda.

Respirei fundo outra vez.

— Quando éramos pequenas, nosso pai traiu nossa mãe, e nos deixou pela outra mulher e nunca mais voltou. Ele não disse adeus nem nada a nenhuma de nós, e nunca mais tivemos notícias dele. Tasha ficou nervosa, muito como Kayla agora, enquanto Dru fingia que nada tinha acontecido. *Eu* fiquei devastada. Eu era a garotinha do papai, com certeza. — Eu mal estava sussurrando agora, presa às minhas memórias. À dor. — Ele costumava me levar para todo canto com ele. Ao trabalho, à pescaria, à noite do pôquer, a

todos os seus restaurantes preferidos. Foi ele quem me fez amar comida. Quando minha mãe nos contou que ele partira, não acreditei nela num primeiro momento. Meu pai não faria isso, então, esperei. Esperei, esperei e esperei, mas ele não voltou. No primeiro dia, dormi na varanda, com minha mãe chorando comigo enquanto me abraçava.

Jackson se aproximou um pouco, então parou, e notei que ele estava tendo dificuldades para se manter longe.

Virei meu rosto para ele e, finalmente, olhei em seus olhos. Ele estava sentindo minha dor. Comigo.

— Então, culpei minha mãe. Fui horrível com ela, simplesmente terrível, e ela aceitou. Ela continuou presente para mim, abraçando-me quando eu gritava e chorava. Por fim, cicatrizei. Parei de esperar, de procurá-lo em toda parte, e disse a todos na escola que ele havia morrido. Acho que, de alguma maneira, para mim, ele morreu *mesmo*.

Depois de alguns momentos de silêncio, Jackson finalmente se manifestou:

— Sinto muito, Millie. Quantos anos você tinha?

Encarei-o quando respondi:

— Oito.

Jackson assentiu, compreendendo meu ponto.

— Sinto muito por você ter precisado passar por isso, e sei que você sentiu muita dor, mas isso atrapalhou seus sentimentos por sua mãe quando ela começou a namorar de novo? — perguntou ele.

Eu sorri tristemente e balancei a cabeça.

— Ela nunca fez isso. Minha mãe nunca teve um encontro, nunca trouxe um homem para nos conhecer. Droga, ela nunca nem beijou outra pessoa. Ele a quebrou por inteiro. Ela se deu noventa e nove por cento para nós pelo resto de seus dias neste mundo, mas um por cento sempre foi *dele*.

— De novo, sinto muito, e entendo sua dor, suas reservas, mas *não* somos iguais — argumentou Jackson, aproximando-se mais um pouco.

— Sim, vocês estiveram separados por um ano, mas você manteve a aliança, sua casa continua exatamente igual ao dia em que sua esposa se foi. Aposto que todas as coisas dela ainda estão penduradas no guarda-roupa. — Fiz uma pausa, e quando ele não protestou, soube que estava certa. — O divórcio nem mesmo foi finalizado, e você e eu estamos mergulhando rápido demais num relacionamento sério. Você pode estar pronto para isso, mas Kayla não. Ela ainda espera que a mãe volte para casa, e precisa de mais

tempo para compreender que Julie não vai fazer isso, antes de se abrir para uma nova mulher na vida de vocês.

— Millie, tudo que você disse tem fundamento — disse Jackson, levantando-se e começando a andar de um lado ao outro, seu tom desesperado. — Mas Kayla vai ficar bem. Vou conversar com ela, e podemos fazê-la compreender aos poucos...

— Não tem nada que você possa dizer agora que vai me fazer mudar de ideia — afirmei, triste, meus olhos se enchendo de água mais uma vez.

Jackson parou e se agachou à minha frente, suas mãos cobrindo as minhas com delicadeza.

— Nem mesmo que eu te amo? — perguntou ele, partindo meu coração.

Engoli o bolo na garganta e balancei a cabeça.

— Nem mesmo isso — consegui dizer, então, virei a cabeça e fechei os olhos, não os abrindo de novo até ouvir a porta se fechar com cuidado atrás dele.



Capítulo Quarenta e Dois

Jackson

ZUMBI.

Essa era minha nova identidade... Um homem morto vagando pelo mundo.

Eu nunca, nem quando adolescente, nem quando minha esposa disse que estava partindo, senti-me como quando Millie disse que meu amor não era o suficiente.

De repente, a literatura que eu ensinava, os poemas que eu lia, as músicas que ouvia no rádio, tudo ganhou um novo sentido. Um sentido magoado, devastador e doloroso.

Não tenho certeza de como voltei para casa, aguentei a noite e o resto da semana. Sei que fui ao trabalho, pois tinha redações para corrigir, e sabia que cuidei de Kayla. Ajudei-a com o dever de casa, preparei sua comida... mesmo eu não conseguindo comer. Eu não tinha o apetite necessário. E sabia que não eu não havia dormido.

Não, passei as últimas quatro noites encarando o teto, lutando contra a vontade de ligar para ela e suplicar que mudasse de ideia, meu tempo com Millie girando num ciclo infinito como numa comédia romântica de mal-gosto.

A primeira vez que a vi sair da cozinha, no dia que fui implorar por uma festa do chá.

Como ela transformou minha sala de jantar no sonho de uma garotinha de

nove anos.

Millie rindo de Rob e Ty na sala dos professores.

Como ela ficou depois de nosso primeiro beijo, enquanto ria, quando me coloquei dentro dela.

Ela estava por toda parte...Na minha casa, na minha caminhonete, na minha escola. Não havia como fugir da curva de seus lábios, do comprimento suave de seu pescoço, como ela ficou naquele vestido dos Anos 20.

Eu estava obcecado. *Possuído*. Incapaz de estar presente em qualquer situação.

— Papai. — Ouvi Kayla chamar e me esforcei para voltar à realidade e descobrir do que ela precisava.

Pisquei e olhei para minha filha. Percebi que ela tomou o café da manhã. *Certo, então, é de manhã*. E que ela colocou a mochila sobre os ombros, *o que significa que ela tem aula e eu preciso trabalhar*.

— Sim, querida? — perguntei, afastando-me do balcão, no qual eu estive me apoiando, e repousando a xícara de café que eu tinha em mãos, mas ainda estava cheia.

— Você está quase pronto para irmos? — perguntou Kayla, com cuidado, sua preocupação comigo aparente.

Tentei sorrir, o que deve mais ter lembrado uma careta, e disse:

— Sim, dê-me mais um minutinho.

— Tudo bem, papai.

Kayla se comportou muito bem nos últimos dias. Primeiro, quando voltei para casa do apartamento de Millie, ela ficou preocupada com o tamanho da encrenca em que se meteu, mas mesmo eu tentando pôr uma expressão determinada, ela viu que eu estava chateado por outra razão.

Desde então, ela se mostrava atenciosa, prestativa e doce. Sabia que precisaria me livrar dessa depressão em breve, e parar de permitir que minha filha me confortasse, mas ainda não estava pronto. No entanto, prometi a mim mesmo, enquanto vestia uma calça e uma camisa, que isso aconteceria em breve.

— Tudo pronto — avisei, esperando soar alegre quando segui para fora do quarto.

— Posso ir na vovó amanhã? — perguntou Kayla, assim que entramos na caminhonete.

Olhei para minha filha e perguntei:

— Você quer ir?

— Sim, por favor — disse ela, baixinho, sua cabeça voltada para a janela.

— Claro que pode — garanti, a culpa me atingindo.

Merda, estou sendo tão dramático que nem minha filha me quer por perto.

Deixei-a na escola, dando-lhe um abraço, *para que ela soubesse que eu a amo*, mas não um beijo, *para não a envergonhar*; observei-a correr para os amigos e conversar feliz, e dei o primeiro sorriso verdadeiro em dias.

Viu, eu vou ficar bem.

Claro, daí, segui para o Ensino Médio, que era um festival do amor verdadeiro. Crianças se beijando nos corredores, apoiadas nos armários, e no estacionamento. E, durante o almoço, não apenas imaginei Millie aparecendo com um bolo, mas precisei ver Rebecca e Ty trocarem olhares apaixonados um com o outro.

Com certeza, eu estava feliz por eles, mas agora estava mais feliz entre aspas do que feliz de verdade.

Na maior parte do tempo, sentia apenas inveja.

Rob me observava nervosamente enquanto comia o sanduíche de peru no pão integral, como que preocupado que eu fosse irromper em lágrimas a qualquer momento.

Para constar, eu não chorei nenhuma vez, algo apenas irritou meu olho um dia.

Arrastei-me pelo corredor, pronto para que o dia terminasse, tentando não encarar os adolescentes apaixonados enquanto eu passava. Quando entrei na sala, fiquei surpreso ao ver minha mesa coberta por uma diversidade de doces industrializados.

Estou falando sobre cupcakes com cobertura, enroladinhos de banana, biscoitos de morango, tranças doces de canela e, meu favorito, flocos de arroz com chocolate.

Assim que todos se sentaram, e a aula estava prestes a começar, voltei-me para meus alunos e perguntei:

— O que é isso tudo?

Num primeiro momento, ninguém falou nada, então, uma das garotas, Jeannie, disse:

— Percebemos que você estava chateado e ficamos sabendo sobre sua namorada, e pensamos que você precisava de uma terapia alimentar. Funcionou quando terminei com Sergio mês passado, e com Vic e Tamara.

Fiquei emocionado, mesmo com a vergonha claramente tomando conta de mim. Eu realmente não tinha vivido direito nos últimos dias.

— O que vocês acham de mudarmos as coisas hoje? Lemos um tipo diferente de clássico — perguntei, pegando meu tablet e me apoiando na mesa enquanto mordiscava o doce de flocos de arroz. — Uma história chamada *O Iluminado*



Capítulo Quarenta e Três

Millie

EU ESTAVA EMPURRANDO TUDO COM a barriga.

Estava funcionando no piloto automático desde que Jackson saiu de meu apartamento. Acordava, tomava um banho, corria para o andar de baixo, cozinhava, assava, limpava, dormia e fazia tudo de novo. Felizmente, estávamos com a equipe completa, e Claire se tornou minha mão direita, então, não perdemos nenhum prazo, e quando preparei frango xadrez em vez de torta de frango, Claire arrumou tudo para mim a tempo do evento.

Dru veio conversar comigo apenas segundos depois da partida de Jackson, dizendo que seus poderes de gêmeas a alertaram de que eu precisava dela. Logo depois, Tasha apareceu, e as duas estiverem em meus calcanhares desde então. Chegando ao ponto de dormirem no meu apartamento todas as noites.

Meu coração quebrou quando meu pai foi embora, mas nada se parecia com o que eu sentia pela falta de Jackson em minha vida. Nunca uma dor tão aguda. E a pior parte era saber que eu causei a mesma dor em Jackson. Mesmo sentindo que eu estava fazendo isso pelos motivos certos, ainda odiava pensar nele magoado.

Nunca investi tanto emocionalmente em uma pessoa, exceto em minha família, mas Dru continuava garantindo que as coisas melhorariam, apesar de que a expressão de Tasha quando Dru dizia isso me fazia pensar que Tasha ainda sentia a dor da perda de Jericho... e isso foi anos antes.

Estou ferrada. Deixada para mofar na miséria que eu mesma causei.

— Estou correndo para me encontrar com um possível cliente — disse Tasha, aparecendo atrás de mim e me abraçando.

Continuei batendo meu merengue, mas respondi-a com um aceno.

— E tenho aquela entrevista com a rádio daqui a uma hora, então, vou me arrumar — adicionou Dru, antes de beijar minha bochecha.

— Vão, continuem expandindo nosso negócio — ordenei, começando a me sentir sufocada com a presença delas. — Vou ficar bem aqui. Tenho muito a fazer para me manter ocupada o dia todo, e durante a noite.

— Certo, mas ligue se precisar de algo — disse Tasha.

Revirei os olhos e me impedi de dizer o *sim, mãe* que ameaçava sair. Em vez disso, apenas assenti mais uma vez e preendi a respiração até saírem.

Assim que se foram, pude respirar novamente e me perdi na cozinha, grata ao trabalho braçal de bater merengue. Não era preciso nenhum gênio para preparar a cobertura deliciosa que enfeitaria minha torta de merengue de limão, apenas alguns ingredientes, um pouco de paciência e um pulso forte.

Optei por fazer o merengue com as mãos em vez de com uma batedeira exatamente por essa razão. Para que eu pudesse me entregar à preparação.

— Oi, Millie.

Levei um momento para notar que meu nome estava sendo chamado e para sair do estado mental em que eu me encontrava. Depois de alguns segundos, virei a cabeça para o som e pisquei para Claire.

— Sim?

— Tem uma mulher que quer falar com você.

Claire estava cuidando da frente da loja naquela manhã, como vinha fazendo nas últimas cinco manhãs, permitindo que eu me escondesse nos fundos.

Pisquei novamente, olhei para meu merengue, que eu ainda batia, e disse:

— Mais dois minutos.

— Vou avisar — respondeu Claire, e voltei a focar no que estava fazendo.

Assim que finalizei o merengue, deixei-o de lado com a intenção de terminar a torta quando tivesse conversado com quem estivesse me esperando. Lavei o batedor, finalmente, minhas mãos, antes de ver se meu avental tinha manchas e seguir para fora da cozinha.

Olhei para Claire, que inclinou a cabeça para a direita. Caminhei em direção a uma mulher mais velha, parada perto da vitrine. Ela estava bem-vestida, com o cabelo arrumado e a maquiagem feita. Ela tinha um rosto gentil e aberto, mas eu nunca a vi antes.

Pensando que estava ali para fazer um pedido ou marcar algum evento, dei meu melhor para ter uma expressão profissional quando me aproximei.

— Oi, senhora, como posso ajudar?

Seu olhar saiu dos bolos diante dela e se fixaram em meu rosto, analisando, antes de sua boca se abrir e ela dizer:

— Oi, Millie. Certo?

— Sim, sou a Millie — afirmei, estendendo uma das mãos.

Ela repousou a mão com as unhas feitas na minha e disse:

— Prazer em conhecê-la, sou Rhonda Heeler.

Seu sobrenome me acertou com tanta força no rosto que estremeci e comecei a puxar minha mão do aperto dela, mas para uma mulher pequena, ela era forte, e segurou com ainda mais força.

— Minha neta me pediu para trazê-la aqui hoje. — Com a menção de Kayla, comecei a olhar ao redor, e notei um movimento atrás da Sra. Heeler e vi Kayla sair dali. — Podemos conversar em outro lugar?

— Ah, sim. Claro. Por favor, sigam-me — convidei, finalmente recuperando minha mão e me virando para guiá-las pela cozinha e pela escadaria ao meu apartamento. Não olhei para trás para verificar se estavam me seguindo. *Rude da minha parte, eu sei*, mas precisei do tempo para me recompor.

Dizer que eu estava chocada seria eufemismo. Não apenas por Kayla ter me procurado, mas não era assim que eu imaginava meu primeiro encontro com a mãe de Jackson. Se Kayla estava ali, deveria saber o que aconteceu entre mim e o pai, pelo menos, por cima. O que ela deveria estar pensando sobre mim?

Apontei para minha mesa da cozinha; era pequena, mas provavelmente a melhor opção para o que quer que aquilo fosse.

— Querem algo? — perguntei, automaticamente, a insistência da minha mãe em sempre ser hospitaleira transparecendo. — Água, café, biscoitos?

— Não, obrigada — disse a Sra. Heeler, ao mesmo tempo que Kayla pediu biscoitos.

Não consegui evitar sorrir para Kayla. Mesmo nosso último encontro tendo sido um desastre, eu realmente simpatizava com ela.

Servi os biscoitos de chocolate e macadâmia num pratinho e o coloquei no meio da mesa redonda, então, sem mais o que fazer, sentei-me. Minha cadeira soltou um rangido alto quando tentei me acomodar, respirei fundo pelo nariz, entrelacei as mãos na mesa em minha frente e tentei parecer pronta.

Pelo sorriso no rosto da Sra. Heeler, ela conseguiu enxergar o que eu estava fazendo, mas era educada demais para comentar algo.

Esperava que a Sra. Heeler começasse a conversa, mas foi Kayla quem disse:

— Sinto muito, Millie.

Afastei uma cachoeira de lágrimas, piscando, enquanto minha garganta queimava com a tristeza em sua voz.

Voltando minha atenção para a filha de Jackson, pude ver que ela tinha um grande fardo em sua mente jovem, então, me impedi de dizer qualquer coisa e esperei que ela terminasse o que queria dizer.

Kayla respirou fundo e exageradamente, e exalou. Pegou um biscoito e tirou um pedaço dele, mas não o colocou na boca. Por fim, tirou os olhos da mesa e olhou para mim.

Quando ela não falou nada logo em seguida, a Sra. Heeler colocou uma das mãos no ombro da neta, olhou para mim e explicou:

— Kayla e eu tivemos uma longa conversa sobre o que ela estava sentindo e como andou se comportando. Foi ideia dela vir aqui conversar com você, para que pudesse se desculpar.

Com isso dito, acenei para Kayla, encorajando-a.

— Fui horrível com você — começou Kayla, seus olhos fixos bravamente nos meus. — Rude e maldosa, e fugir naquele dia foi *in... não...* — Ela olhou para a avó, esperando ajuda.

— Imperdoável — ofereceu a Sra. Heeler, seu tom firme, mas seus olhos, gentis.

— Sim, imperdoável. Eu não deveria ter estragado suas flores nem brigado com você. Não estava brava com você. — Kayla olhou para a avó mais uma vez, e quando ela assentiu, a garota continuou. — Era com a minha mãe. *É* com a minha mãe... com quem estou brava, não com você.

Precisando diminuir o peso de seu fardo, estiquei uma das mãos e a repousei em seu antebraço.

— Entendo, e prometo que não estou brava com você, Kayla. Fiquei muito preocupada quando não consegui encontrá-la — complementei. — Mas não estou brava com você, e compreendo como está se sentindo. Quando eu era menor, meu pai nos deixou e, apesar de não ser exatamente igual ao que você está enfrentando, compreendo por que está chateada.

— Você não está brava comigo? — perguntou ela, incerta, seus olhos fixos na minha mão em seu braço.

— Não.

— E seu pai foi embora?

— Sim.

— Mas você está brava com o meu pai?

A pergunta dela me fez parar de respirar.

— Não, querida. Não estou brava com ele.

Kayla ergueu a cabeça, trazendo aqueles olhos que eram tão parecidos com os de Jackson aos meus e me encarou.

— Então, por que não está falando com ele? Se você não está brava comigo, e não está brava com ele, o que está acontecendo? Ele está muito triste, e sente muito a sua falta. Você deveria ligar para ele.

Incerta sobre como reagir, e tendo a sensação distinta de que eu estava num jogo, olhei para a mãe de Jackson como se ela pudesse me salvar. Ela não o fez.

— Nunca o vi tão chateado — disse a Sra. Heeler, cheia de determinação, e eu sabia que ela estava se referindo a Julie, mas não queria trazer a outra mulher à tona em frente a Kayla.

— Não sei se é o momento certo... — comecei, mas a Sra. Heeler ergueu uma das mãos e foi direto ao ponto.

— Você o ama?

Engoli em seco, sem saber quão sincera deveria ser.

— Meu pai diz que você ama alguém ou não ama. Ouvi uma das aulas dele uma vez, e ele disse que os personagens nos livros dele passavam tanto tempo sendo *ob-ob*... Qual era a palavra para burros? — perguntou ela.

A Sra. Heeler e eu respondemos:

— *Obtusos*.

— Sim, *obtusos*. Os personagens passavam tanto tempo sendo obtusos, que perdiam tempos felizes com as pessoas que amavam. Se você está apaixonada, deveria contar para a pessoa, e as duas seriam mais felizes.

— Ah... — murmurei, incapaz de fazer as palavras saírem de minha boca.

— Tudo bem — disse a Sra. Heeler, levantando-se e fazendo uma pausa para acariciar minha mão com delicadeza. — Viemos dizer o que precisávamos, o que você vai fazer com isso, depende apenas de você.

Elas atravessaram o cômodo e pararam na porta da frente, deixando-me sentada na mesa, com o queixo caído. Então, com uma das mãos na maçaneta, a Sra. Heeler olhou sobre o ombro para mim e disse:

— Você parece ser uma mulher inteligente, Millie. Espero que meus

instintos estejam certos sobre você.

E com isso, sumiram de meu apartamento, abandonando-me enquanto ainda olhava em sua direção, perguntando-me o que raios acabara de acontecer e *o que eu faria a respeito disso?*



Capítulo Quarenta e Quatro

Jackson

OUTRA SEGUNDA, OUTRO DIA DE trabalho e mais um dia onde eu apenas sobreviveria. Não realmente viveria, mas apenas flutuaria de um minuto ao outro, esperando o dia terminar.

Estava numa tristeza tão profunda que isso passou a me irritar, e enquanto caminhava pela sala de aula, garantindo que meus estudantes estivessem focados em sua prova e não bisbilhotando a do amigo, prometi que retomaria o controle da minha vida naquela tarde.

Talvez, eu convide os rapazes para um drinque.

Como se eu o tivesse evocado, vi o rosto de Ty surgir na janela da minha porta. Ergui um dedo para indicar que não poderia conversar agora, mas que o procuraria mais tarde. Em vez de assentir em resposta como sempre, ele deu um grande sorriso tolo, ergueu os dois polegares e abriu minha porta.

Mas o que...?

Parei no meio da sala quando Millie atravessou a porta que acabou de ser aberta, com uma folha sulfite amassada nas mãos.

Bebi a visão dela como um homem afogado. Os cachos ondulados de seu cabelo castanho, a maneira com que seu lindo vestido floral acentuava as curvas delicadas e descia até as sandálias em seus pés. Ela estava maravilhosa, mas considerando o tanto que eu senti sua falta, ela poderia ter aparecido num saco de batatas e, ainda assim, seria a melhor coisa que eu teria visto em minha vida.

Mesmo com o coração voltando à vida, impedi-me de avançar e abraçá-la. *Preciso ser inteligente e me proteger.* Afinal de contas, não tinha certeza de por que ela estava ali.

— Millie, hm, oi. O que você está fazendo aqui? — perguntei, tentando soar despreocupado, mas arruinando o disfarce quando minha voz falhou.

— Precisava vê-lo — começou ela, lentamente.

— Estou no meio de uma aula, talvez pudéssemos nos encontrar depois da escola — sugeri, mesmo querendo, mais do que tudo, que ela ficasse. Ainda assim, não poderia soar totalmente interessado. Não queria que ela pensasse que eu estava sofrendo como um adolescente apaixonado, apesar de isso ser uma descrição exata.

Preciso ser um homem.

— Vai demorar apenas alguns minutos — argumentou Millie, sua voz falhando.

Observei-a respirar fundo e notei o papel tremer levemente em suas mãos, eu estava prestes a dizer *foda-se a masculinidade* e correr para ela quando ela me parou no meio do caminho.

— *Existe maior punição na vida do que ter perdido tudo que a fazia a pena ser vivida?*

Sua voz soou forte enquanto lia o papel, e eu ouvi minha classe murmurar.

— Shakespeare — sussurrou um dos adolescentes aos outros, e fiquei orgulhoso de terem lembrado.

— Sinto muito — disse Millie, seus olhos focados em mim. — Eu fiquei com medo. Aterrorizada, na verdade. E perder Kayla daquela maneira, ver como ela estava lidando com tudo que está acontecendo em sua vida agora, trouxe à tona todos esses sentimentos que eu não sentia há anos, e eu perdi o controle.

Esperei, precisando ouvir mais.

Ela olhou para baixo.

— *É melhor perder seu orgulho para a pessoa que você ama do que perder a pessoa que você ama para seu orgulho.*

Na palavra “ama”, meu mundo parou e, através do zumbido de meu ouvido, escutei outro estudante dizer, um pouquinho mais alto desta vez:

— *Orgulho & preconceito.*

Olhei ao redor da sala e vi que tínhamos conquistado a atenção completa de meus estudantes. Havia sorrisos e rostos apoiados em mãos, uma das alunas até mesmo fazia anotações. Se alguém aparecesse com um balde de

pipoca, eu não ficaria surpreso.

— Fiquei com medo, fui uma covarde completa. E sei que nem você *nem* Kayla precisam disso em suas vidas, mas prometo que não vai acontecer de novo. Percebi que posso ajudar Kayla a enfrentar isso, não apenas porque enfrentei o mesmo, mas porque me importo com ela. Com a felicidade dela. E, quando ela e sua mãe vieram me ver, soube que seríamos capazes de superar essa dificuldade juntos.

— Minha mãe e Kayla foram vê-la? — perguntei, lembrando-me da insistência de Kayla em visitar meus pais.

Garotinha esperta.

Millie pigarreou, nervosa, chamando minha atenção de volta a ela.

— *Quando olho em seus olhos, não vejo apenas você. Vejo meu hoje, meu amanhã e meu futuro. Pelo resto de minha vida.*

— Acho que nunca ouvi essa — disse um dos garotos.

Depois de alguns segundos, acho que Jeannie, disse:

— Ah, *ah*. Acho que é *Outlander*.

Vi Millie dar um sorrisinho e decidi que Jeannie merecia um dez por ler mais do que o pedido em aula.

— Nunca senti o que sinto por você, por mais ninguém, e nunca sentirei. Sei que fico assustada e não sou muito controlada, e sinto muito pela dor que causei, mas espero que você possa me perdoar. Dê-me outra chance.

Não me movi, para não assentir nem dar a ela nenhum tipo de confirmação. Não era que eu estava surpreso, apesar de estar, e não era que eu estava desconfiado, apesar de estar. Era que eu estava, com certeza, derretendo.

Pisando nas nuvens.

Derrubado de joelhos por aquela mulher que vinha transformando minha vida nos livros que citava, que eram minha paixão, meu trabalho...

— *Meu coração é, e sempre vai ser seu.*

Suas mãos caíram ao lado do corpo, o papel pendurado em seus dedos. O papel que eu pegaria das mãos dela e mandaria emoldurar, para mostrar a todos os nossos filhos, netos e seus filhos mais tarde.

— *Razão & Sensibilidade!* — gritou Jonathon, claramente orgulhoso de ter sido o primeiro a descobrir.

Ignorei-o e, finalmente, aproximei-me dela.

Millie inclinou a cabeça para trás ao me observar com olhos esperançosos.

— Vou precisar deste papel — avisei, antes de selar nosso destino com um

beijo.

Tentei ignorar os gritos e assobios dos meus estudantes, mas quando parei de beijá-la e me afastei, estávamos ambos sorrindo.

— Certo, tudo bem — disse, tentando acalmá-los, então pensei, *foda-se*.
— Vocês todos tiraram dez.

Millie estava rindo quando a classe toda irrompeu em novos gritos.



Epílogo

Millie

ERA A COISA MAIS LINDA que eu vi na vida.

Paredes de pedras com janelas escuras, pilares brancos, árvores verde-brilhantes e arbustos cheios e vermelhos. A *Graceland Mansion* era tudo que eu imaginava e mais. E isso era apenas o exterior.

Demorou mais tempo para chegarmos ali do que o imaginado inicialmente. Tentar planejar com a agenda escolar de Jackson, com o rápido crescimento do Buffet Três Irmãs quando incluímos as elegantes festas infantis e conseguimos um dos nossos maiores clientes até o momento, dificultou tudo.

Mas agora, seis meses depois, finalmente estávamos em Memphis, e eu estava, naquele momento, tentando ensinar a Kayla sobre a maravilha que Elvis era.

— Ele é o rei do *rock'n'roll* por um motivo — expliquei, caminhando pelo *Meditation Garden*. — Ele ainda tem o recorde de mais músicas no Top 40, atuou em *trinta e um* filmes, lançou mais de *cento e cinquenta* CDs e singles e foi adicionado a *cinco Halls* da Fama.

— Você deveria muito trabalhar aqui — disse Kayla, entre lambidas de sua casquinha de sorvete do *Minnie Mae's Sweets* no Elvis Presley's Memphis.

Jackson começou a rir, e enquanto normalmente eu lançaria um olhar mortal a ele, sentia-me feliz demais para sequer pensar em evocar um.

Jackson realmente se superou com a viagem. Quando decidimos que traríamos Kayla, ele reservou um quarto no *The Guest House* em *Graceland*, onde aproveitamos um fim de semana de imersão total em tudo do Elvis.

Foi o melhor fim de semana da minha vida, e apesar de saber que Kayla preferiria estar na Disneylândia, e Jackson, provavelmente, em qualquer outro lugar, os dois gostaram de me observar realizar um dos meus sonhos de infância.

Sério, havia tantas coisas maravilhosas naquele lugar, eu mal conseguia aguentar.

Não era apenas uma mansão... Era o *Presley Motors Automobile Museum*, *Elvis: The Entertainer Career Museum*, *Discovery Exhibits*, *Elvis Presley's Memphis*, *The Meditation Garden*, e os passeios por *Graceland*. Era muito mais do que eu um dia imaginei.

Depois de andarmos pelo *Meditation Garden*, passeamos pela propriedade, acenando para outros entusiastas do Elvis enquanto aproveitávamos um clima perfeito. Kayla estava entre nós, segurando nossas mãos enquanto a balançávamos. Suas pernas eram um pouquinho longas demais, mas ela não se importava, simplesmente as erguia, ria feliz, e pedia para repetirmos tudo de novo e de novo.

Considerando que ela tinha nove anos e, pelo menos, uns vinte quilos, meus braços estavam se cansando quando vi uma placa para *The Chapel in the Woods*.

— Ah, podemos ir? — perguntei, cheia de alegria. Tínhamos visto quase tudo na propriedade, mas ainda não tínhamos visitado a capela.

Seguimos naquela direção, e quando chegamos na capela encantadora abrigada ali, corri para a frente cheia de *ohs* e *ahs*. Estava com uma das mãos no parapeito e virando para dizer quão lindo o lugar era quando vi tanto Jackson e Kayla sobre um dos joelhos, observando-me, ansiosos.

Virei-me lentamente, com uma das mãos na barriga, a outra na garganta, e caminhei até estar diante deles. Parei de respirar quando olhei para baixo e vi Jackson segurando uma aliança deslumbrante de ouro rosa com três pedras.

A mão no meu pescoço subiu para cobrir minha boca.

— Millie. — Fiquei surpresa quando as primeiras palavras vieram de Kayla, mas me virei para dar a ela toda a minha atenção. Ela olhou para o pai, que assentiu, assegurando-a, então, voltou os olhos para mim. — Sei que fui uma pirralha no começo, e fiz o que pude para afastá-la, mas foi apenas porque tive medo de gostar de você e daí, você partir. E mesmo que seja

louca pelo Elvis e passe tempo demais beijando meu pai, você é bem legal. Você faz toda aquela comida boa, assa biscoitos para mim quando quero, e eu gosto de ajudá-la na cozinha. Além disso, suas irmãs são bem legais, e eu nunca tive tias. Então, meu pai e eu amaríamos que você fizesse parte de nossa família, e que você deixasse a gente fazer parte da sua.

Meus olhos se encheram de lágrimas que ameaçavam cair, mas antes que eu pudesse me agachar e puxar Kayla para um abraço, Jackson começou a falar.

— Para manter nossa tradição de roubar dos grandes autores, quero começar citando Brontë... *Do que quer que nossas almas sejam feitas, são feitas igualmente...* Millie, Camilla, quando a conheci, fui arrebatado por sua doçura, seus olhos gentis, e *sim*, por sua beleza, e quanto mais eu a conheço, mais percebo que essas não são características que você exhibe aos clientes, ou a um homem estranho implorando por uma festa do chá, mas são inatas. São quem você é, e muito mais. Nunca conheci ninguém tão sintonizada com as necessidades dos outros, tão disposta e capaz de colocar os outros em primeiro lugar. Você é generosa, leal e tão perfeita para mim que é assustador. Nunca imaginei que meu primeiro beijo em quinze anos me traria aqui, mas estou muito grato por ter esperado. Você é a pitada de sal que precisamos para temperar nossa vida, e estou muito feliz que alguém tão maravilhosa quanto você se apaixonou por um nerd da literatura romântica como eu. Espero que, em algum momento, num futuro próximo, possamos voltar a essa capela, ou encontrar qualquer outra capela no mundo, onde você possa me dar a honra de se tornar minha esposa.

— E de se tornar minha mãe — complementou Kayla.

Então, fiquei parada ali, quase explodindo de felicidade no lugar mais mágico da Terra, e choraminguei:

— Sim, eu adoraria ser sua esposa, e ser sua mãe me deixaria mais feliz do que qualquer outra coisa.

Então, *finalmente*, ajoelhei-me e beijei Jackson com todo o amor que eu sentia por ele. Kayla nos deu um abraço apertado, e concordamos em nos tornar a família de que todos precisávamos.

Fim.

Agradecimentos

Allie da Makeready Designs. EU AMEI taaanto essa capa!!! (Capa original, em inglês) Sério, é a minha preferida até agora. Muito obrigada por sempre dar vida às minhas histórias!

Kristina da Red Road Editing, obrigada por sempre arrumar um tempinho para mim. Espero que saiba o quanto gosto de você!

KMS Freelance Editing, por me ajudar a refinar e deixar essa história pronta para o público.

Christine Borgford do Type A Formatting, por arrumar uma vaga para mim em sua agenda e deixar minhas páginas melhores do que eu poderia ter esperado.

Minhas primeiras leitoras: Raine, Lori, Ann, Jennifer, Christine, Claudia e Autumn. Eu sempre fico grata pelo seu tempo e por suas opiniões. Não sei como agradecer a vocês!

Jessica, do Inkslinger PR, obrigada por tudo. Estou tão animada com as caixas que você me ajudou a preparar para os blogueiros e bookstagramers! Você é Incrível!

Finalmente, minha família. Eu amo vocês. Obrigada por sempre me apoiarem.

Sobre a Autora

A AUTORA PREMIADA BETHANY LOPEZ começou a autopublicar em junho de 2011. Ela ama tudo o que for romântico: livros, filmes, músicas e vidas, e ela incorpora isso nos livros que escreve. Quando não está lendo ou escrevendo, ama passar um tempo com o marido e os filhos, viajando sempre que possível. Algumas de suas coisas preferidas são: livros da Kristen Ashley, café pela manhã e lanches do In’N’Out.

Siga-me:

[Blog](#) | [Facebook](#) | [Tumblr](#)
[Pinterest](#) | [Instagram](#) | [Goodreads](#)

bezz
EDITORA



NOS BRACOS DO ROQUEIRO

LIVRO 1 - SÉRIE THE ROCKER

TERRI ANNE BROWNING

Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne

9788568695449

147 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões. Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente. Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

[Compre agora e leia](#)



Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth

9788568695371

310 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreendente e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

[Compre agora e leia](#)



Enlace seu bilionário

Anaya, C. J.

9788554288259

148 páginas

[Compre agora e leia](#)

Midge Knightly não queria ter nada a ver com o mundo de seu pai, um famoso produtor de Hollywood que se enveredou para o mundo dos shows de TV. Focada em seus estudos, e faltando apenas um semestre para se formar, ela descobre que sua bolsa de estudos foi cancelada.

Seu pai ausente, então, lhe oferece uma solução: ele paga pelo restante dos estudos se ela for uma das participantes de seu próximo reality show, um programa no qual um solteirão terá que escolher uma noiva. Ela nem precisava ganhar, apenas fazer número.

Para Midge isso significaria voltar ao mundo que ela tanto despreza, ter que lidar com playboys e suas segundas intenções, além de aturar outras candidatas. Sem saída, ela acaba cedendo, mas ela não sabia quem era o candidato...

Brody Prescott, CEO e proprietário de uma empresa de namoro online, foi seriamente acusado de uso privilegiado de informação por uma mulher vingativa, e isso poderia arruinar os seus negócios. Para virar esse jogo, ele decide aceitar ser o solteirão do próximo reality show 'Enlace seu Bilionário'. Seu entusiasmo não é muito grande até que ele descobre quem será uma das candidatas e, a partir daí, o jogo muda completamente, mesmo quando Midge faz de tudo para ser uma das primeiras eliminadas.

Midge e Brody podem não ter tido um início muito promissor, mas ele sabe

quem ele quer e como fazer para enlaçar a noiva perfeita.

Enlace seu Bilionário é uma comédia romântica, tendo como pano de fundo o reality show. Coloque seu pijama, pegue um pouco de chocolate e pipoca e se acomode para conhecer esta divertida história de amor.

[Compre agora e leia](#)

KATY REGNERY
BESTSELLER DO THE NEW YORK TIMES

O Coração da Fera

Conto de Fadas Moderno
BASEADO EM BELA E A FERA



bezz
EDITORA



O coração da fera

Regnery, Katy

9788554288006

347 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conto de Fadas Moderno de A Bela e a Fera, vencedor do Kindle Book Awards® de 2015, na categoria Romance, e finalista do prêmio RITA®, no mesmo ano. Contém vocabulário e cenas de conteúdo adulto.

Recomendável para leitores acima de 18 anos.

Um erro de julgamento destruiu a carreira dela...

A promissora jornalista investigativa, da cidade de Nova York, Savannah Carmichael, viu sua carreira ir por água abaixo quando foi enganada por alguém em quem confiava ao ser apresentada a uma fonte não fidedigna. Voltando à sua cidade natal, ela tem uma nova oportunidade quando um jornal de menor expressão lhe dá a chance de provar seu valor, escrevendo uma matéria especial para a edição de Quatro de Julho. Imediatamente, Savannah se lembra do "eremita" da cidade; um veterano ferido que retornou há oito anos e nunca mais foi visto. Ele seria seu passaporte para voltar à ativa.

Um passo em falso destruiu a vida dele...

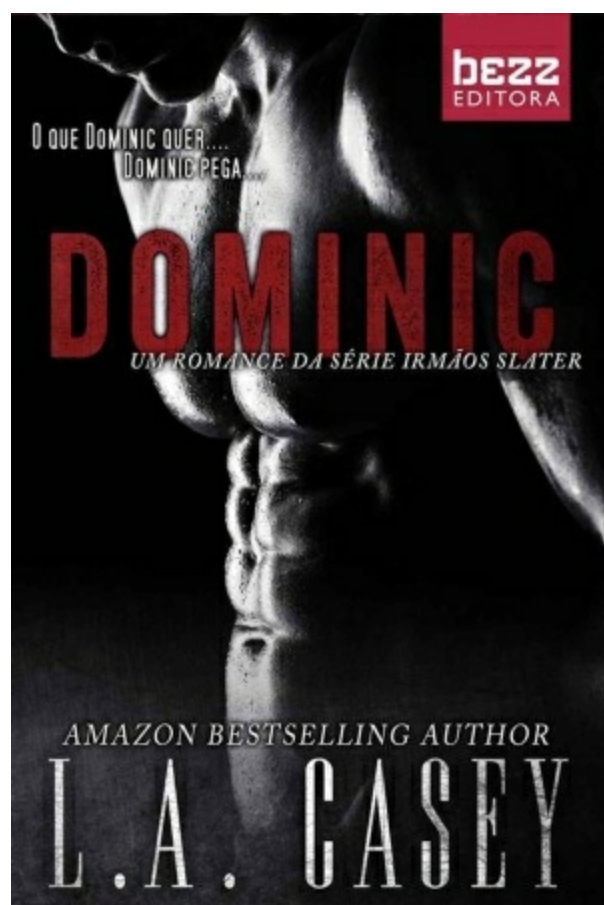
Asher Lee quis fazer a diferença na vida dos outros, pelo seu país, e se alistou após o 11 de Setembro. Alguns anos depois, teve sua vida modificada quando uma mina no Afeganistão praticamente destruiu o lado direito de seu corpo. Agora, ele faz jus ao apelido que recebeu na cidade ao viver escondido em sua enorme casa; uma 'fera' vivendo uma semi-vida através dos romances que

lê avidamente. Quando uma bela repórter aparece à sua porta, trazendo-lhe brownies e querendo fazer sua história conhecida, a princípio ele reluta, para mais adiante, não só aceitar, como se ver enredado em sentimentos que nunca ousou pensar que lhe seriam permitidos novamente. Ela era seu passaporte para a esperança.

E juntos, tornaram suas cicatrizes uma ponte para o Amor.

Savannah e Asher criaram um vínculo imediato, tocando o coração um do outro de formas que nem imaginavam ser possível. Mas um terrível erro ameaça distanciá-los, e terão que decidir se o amor que aprenderam a conhecer é forte o suficiente para lutarem por seu final feliz.

[Compre agora e leia](#)



Dominic

Casey, L.A

9788568695104

371 páginas

[Compre agora e leia](#)

Depois de um acidente que matou seus pais, quando ainda era uma criança, Bronagh Murphy escolheu se afastar das pessoas, em um esforço para se proteger de futuras mágoas. Se ela não se apegar, se não conversar ou tentar conhecê-las, elas a deixarão em paz, exatamente como ela quer. Quando Dominic Slater entra em sua vida, ignorá-lo é tudo que ela precisa fazer para deixá-lo intrigado. Dominic está acostumado se destacar, e quando ele e seus irmãos se mudam para Dublin, na Irlanda, por causa de um negócio de família, isso é exatamente o que ele consegue: a atenção de todos. Menos da linda morena de língua afiada.

[Compre agora e leia](#)